

Francisco Alfredo Braun Neto

Artefatos do Corpo

Os desejos de produzir corpos perfeitos em Itajaí na década de 20

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Grau de Mestre em História Cultural à banca examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina sob a orientação da Professora Doutora Maria Bernardete Ramos Flores

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis
2001

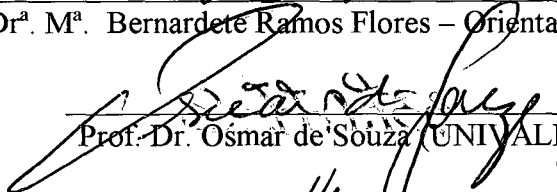
**ARTEFATOS DO CORPO:
OS DESEJOS DE PRODUZIR CORPOS PERFEITOS EM ITAJAÍ
NA DÉCADA DE 20**


FRANCISCO ALFREDO BRAUN NETO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de
MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

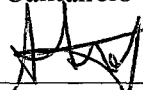
BANCA EXAMINADORA


Prof.^ª. Dr.^ª. M.^ª. Bernardete Ramos Flores – Orientadora (UFSC)


Prof. Dr. Osmar de Souza (UNIVALI)


Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão (UDESC)

Prof. Dr. Elio Cantalício Serpa - Suplente (UFSC)


Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2001.

Sumário

Resumo.....	05
Abstract.....	06
Agradecimentos.....	08
Introdução.....	10
Capítulo 1 <i>Os Intelectuais, a Gestão da Nação e a Cidade Desejada</i>	14
Capítulo 2 <i>A Leitura como Formadora de Subjetividades</i>	40
Capítulo 3 <i>As Práticas Esportivas e a Modelação de Corpos Saudáveis</i>	72
Considerações Finais.....	110
Fontes e Bibliografias	112

Resumo

Durante a década de 1920 em Itajaí há uma necessidade em constituir corpos saudáveis por iniciativa de políticos sintonizados com as discussões políticas e intelectuais que se faziam acerca da nação. Desencadeando na cidade um investimento na formação intelectual através da leitura e no cultivo do físico por meio de práticas esportivas como elemento regenerador do corpo. Demonstram um diálogo entre Itajaí e os centros de produção intelectual e política do país. Observando os investimentos sobre a normatização dos espaços urbanos na virada do século XIX para o XX, e, como esse processo vai articulando-se a um discurso sobre o corpo onde cidade, leitura e esporte se inscrevem na textualidade do urbano e nos corpos na década de 20.

Abstract

During the 1920's decade in Itajaí, there was a need in building healthier bodies by initiative of synchronized politicians with politics and intellectual discussions they've been doing about the nation. Bringing to the city an investment in intellectual formation through readings and sports as a regenerator element of the body. It shows a dialog between Itajaí and the intellectual and political centers of the country. Watching the investments about the rules of the urban spaces in the turn of the XIX century and as this process is growing up in a body where the city, reading and sport are in the context of the urban and the bodies of the 1920's decade.

BRAUN NETO, Francisco Alfredo. Artefatos do corpo: Os desejos de produzir corpos perfeitos em Itajaí na década de 20. Florianópolis, 2001. 119p. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Maria Bernardete Ramos Flores.

Defesa: 28/02/01

Agradecimentos

Por mais que um texto de dissertação aparente ser um trabalho solitário, um “cosmos” de amigos e sugestões habitam as fronteiras entre o papel e o ato da escrita. Essas vozes, sorrisos, olhares, indicações bibliográficas e reflexões entre um cafezinho ou nas elucubrações após as aulas, são fundamentais na constituição do corpo do trabalho.

Nossa trajetória acadêmica envolve situações em que vamos adquirindo um débito intelectual e pessoal de vivências e experiências com todos que direta ou indiretamente contribuíram para a elaboração desse texto, com sugestões, impressões e mesmo, com o apoio pessoal.

Vou relacionar alguns amigos que me recordo nesse instante, já me desculpando pelo fato de ter esquecido de outros que também foram de grande importância nessa trajetória. Gostaria de agradecer em especial ao pessoal de casa, Rosi Méri Braun de Mattos, Pedro Araldi de Mattos, Rafael Braun de Mattos e Eduardo José Braun de Mattos, por garantirem um suporte emocional importante para desenvolver este trabalho, além de estarem sempre torcendo.

Gostaria de agradecer também aqueles que sempre acreditaram e tornaram-se interlocutores dessa reflexão, José Bento Rosa da Silva que nas discussões com a história fui praticamente adotado, Zé Bento como um pai historiográfico, também ao bom camarada Jose Roberto Severino que além de um grande parceiro no trabalho, com frutíferas discussões e sugestões, me ofereceu os acervos do seu sebo (Livraria Casa aberta), em que passei algum tempo da minha pesquisa e local onde nos reunimos aos sábados para tomarmos um café e fazermos boemia literária.

Não poderia deixar de lembrar do camarada Honório Bertolini, amigo de trajetória acadêmica e, em muito me ajudou nas reflexões e nas ações para além do mundo acadêmico, também Marlus Niebuhr que pacientemente soube ouvir e sugerir preciosas indicações. Agradeço a dedicação de Rogério Lenzi ao revisar o texto, e por ser colega de reflexões desde a graduação, também aos amigos Isaias José Venera e Raquel Alvarenga Senna Venera, Cristiane Manique Barreto, Marlene de Fáveri, Lourival Andrade Júnior, Normélio Weber, Ivana Teixeira (muitas saudades ao som de Pearl Jam), Ivana Severino, Paulo Rogério, Itamar Siebert, Ivan Carlos Serpa, Maria Teresa dos Santos Cunha, Karla

Nunes, Rosangela Cherem, Moacir, Valéria, Marcelo Fernandez Furtado e Valter Alberto Nitz, a esses, faltam adjetivos por tamanha gratidão.

Vale um agradecimento todo especial a atenção e carinho dispensado comigo pelos funcionários do Arquivo Histórico de Itajaí, em especial a Sra. Vera e ao Euclides (Kid) cuja sua sensibilidade foi fundamental para pesquisa. Não poderia de esquecer-me dos amigos da Casa Aberta em Especial o Arnaldo, Roberta e Lílian. Não poderia de estender um agradecimento aos amigos de Nova Trento Jovani Tamanini, Anderson Sartori, Débora Célis e Vanessa Célis presentes em vários pontos do trabalho.

Gostaria de agradecer as sugestões da banca, composta por Luiz Felipe Falcão e Osmar de Sousa, e, principalmente a orientação de Maria Bernardete Ramos Flores, sempre indicando caminhos valiosos para realização do projeto. Agradeço também o auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me forneceu uma bolsa garantindo execução da pesquisa.

Introdução

Esse trabalho colocou-me num universo de significações, pequenos sinais, indícios e pistas¹ de um passado que deixou-me intrigado a cada livro aberto, a cada página de jornal virada, a cada caixa de arquivo visitada. Entre papéis, poeira e traças, a cada documento, a cada folha esquecida numa caixa de arquivo, tomava-me a sensação de estar escavando camadas, como que artefatos, revelando um elo com o passado, com um contexto ao qual pertenceu sua existência.

Na tentativa de entender tais artefatos e seus significados, uma arqueologia dos movimentos, dos desejos e das subjetividades levaram-me a refletir como os discursos se investiram sobre os corpos a fim de produzirem indivíduos saudáveis e possíveis de perfeição em Itajaí no decorrer da década de 20. Itajaí é uma cidade que, a partir da segunda metade do século XIX, vai se tornar, através do porto, porta de entrada de imigrantes provenientes da Alemanha e posteriormente da Itália, aos quais dirigiam-se para as colônias do Vale do Itajaí e Itajaí-Mirim².

Este fluxo imigratório e migratório na região coincide com um projeto intelectual que tem, na chamada “*Geração de 1870*”³, os genes de uma produção intelectual nacional preocupada em diagnosticar, classificar, esquadrihar e mensurar o país. Definir um sentido para a nação torna-se algo prioritário para os grupos intelectuais que estão “*arquitetando*” um projeto político e cultural para o país, sendo necessário dizer *quem é o Brasil*, forjar uma identidade nacional, produzir uma cultura brasileira⁴.

¹ Ver o ensaio de GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. 2ª reimpressão. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

² De certo modo, Itajaí e as colônias do Vale estão inseridas no contexto das políticas do Império de branqueamento racial e as crises do continente europeu (processos de unificação italiana e crises da Revolução industrial).

³ Essa expressão identifica uma geração de intelectuais brasileiros, alguns formados nas faculdades da Bahia, Recife e Rio de Janeiro que pretendem produzir uma ciência nacional, assim como interpretar a nação: dizer quem é o Brasil, forjar uma identidade nacional e construir uma cultura brasileira que se aproxime dos conceitos vigentes na Europa. É um conceito utilizado por: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990. Essa questão também é abordada por SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1995. A Geração de 1870 é problematizada na perspectiva dos intelectuais ligados à produção literária, ocupados em forjar um sentido para o Brasil. Ver: VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

⁴ Sobre o assunto ver: ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

O esforço em constituir no Brasil uma identidade e uma cultura que possa assemelhar-se ao modelo idealizado na Europa através de indivíduos perfeitos, “*racionalmente superiores*”, fortes, belos e assim civilizados, contrasta com as representações produzidas sobre o Brasil, país de sub-raças, fruto da miscigenação e distantes de tornarem-se belas e perfeitas. Vários ensaios vão dedicar-se à problemática da miscigenação racial, na qual é representada como algo maléfico, produtor de um tipo brasileiro inferior, imperfeito. A miscigenação torna-se possível somente na década de 30 com Gilberto Freyre⁵, positivando-a no Brasil através do tipo híbrido: o brasileiro alegre que, através da miscigenação, forjou um novo tipo racial e original.

Durante a década de 20, os olhares acerca da miscigenação eram imbuídos de uma representação na qual o Brasil seria formado por sub-raças que caminhavam para a “*degeneração*” física e mental, cuja pergunta freqüente preocupava-se em como curar “*um país doente*” e como regenerar corpos doentes e torná-los possíveis de perfeição.

Pensando como esses discursos poderiam estar articulados em Itajaí na década de 20, na época uma pequena cidade do litoral Norte catarinense que através do seu porto - desde a segunda metade do século XIX - recebia um fluxo de mercadorias e pessoas com os mais variados interesses e informações provenientes dos centros urbanos do Brasil e da Europa, dirigi-me ao Arquivo Histórico de Itajaí em busca de pistas que me auxiliassem a entender como a cidade estaria recebendo esses discursos.

Uma elite política constituía-se na cidade, sintonizada com as discussões que circulavam entre os intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo. Esta elite política vai investir sobre a cidade seus desejos, na tentativa de constituir corpos saudáveis, física e moralmente possíveis de perfeição. Esse grupo sintonizado com as discussões políticas e intelectuais que se estabeleciam no decorrer dos anos 20 integra-se aos debates de ordem nacional. As elites de Itajaí vão constituir-se na esfera política e intelectual nacional no final do século XIX, com Lauro Severiano Müller, que além de uma formação militar e positivista, visto seu contato com Benjamin Constant, vai ocupar cargos políticos de âmbito estadual e nacional, ocupando ainda uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras até

⁵ Sobre essa discussão ver: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 12ª edição. Brasília: UNB, 1963. Ver também: RAGO, Margareth. Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira. In: *Artigos e Ensaios*. Campinas: Unicamp, n° 07, dez/97, P. 67.

1926. Através disto fui percebendo que políticos locais circulavam entre os debates e discussões políticas nacionais, constituindo um ponto de contato entre as discussões políticas e intelectuais dos grandes centros com Itajaí que, apesar de pequena, engajava-se, através de sua elite, num projeto político-intelectual.

A circulação dessas discussões estava se colocando na cidade através dos jornais e de revistas de circulação nacional editadas no Rio de Janeiro e São Paulo, trazendo consigo os debates acerca da regeneração física e moral dos corpos, das possibilidades de se forjar uma nação forte e saudável. Em jornais como “*O Pharol*”, “*O Comércio*” e “*Itajahy*”, circulavam artigos de intelectuais como Rui Barbosa, Olavo Bilac, Coelho Netto, etc.; nos seus anúncios eram ofertados livros e revistas que traziam os debates sobre o país e a leitura, que os intelectuais estavam elaborando sobre a nação, circulava em Itajaí através desses textos.

A partir destes indícios revelou-se uma cidade onde a circulação da produção intelectual se confundia com um projeto político que estava se articulando, auferindo ao grupo que constituía a elite política ocupar, no decorrer dos anos 20, um espaço de discussão local, regional e nacional dentro das discussões políticas e intelectuais.

Essa circularidade acaba deslocando a idéia de que as cidades localizadas fora do eixo dos centros urbanos seriam apenas um receptáculo das práticas culturais e políticas provenientes destes centros. Percebi, no decorrer da pesquisa, que as práticas culturais e discursivas desencadeadas em Itajaí articulavam-se à possibilidade de dar materialidade a esses discursos.

A cidade torna-se palco dos investimentos desses discursos; corpo-cidade ganham um significado, o cuidado em (re)ordenar os espaços urbanos confunde-se com os investimentos em regenerar os corpos, forjar corpos saudáveis e próximos da perfeição. Carne e pedra se entrecruzam nessa discursividade ocupada em embelezar a cidade e os corpos, mensurando cada parte do corpo equivalente a cada parte da cidade - embelezar os corpos significava inscrever sobre a cidade os desejos, os anseios de um grupo em se distinguir, estabelecendo uma escrita impressa nos corpos e na cidade⁶.

⁶ Ver: SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Para entender como essa composição está sendo idealizado no decorrer da década de 20, no capítulo 1º - *Os Intelectuais, a Geração da Nação e a Cidade Desejada* - procuro interpretar como vai se articulando uma discussão política e intelectual interessada em interpretar a nação e como uma elite política local está se colocando nessas discussões. De que maneira Itajaí está recebendo esses discursos, como vão circular e como vai ser divulgada toda uma produção intelectual preocupada com a formação moral e física dos indivíduos e os investimentos no embelezamento da cidade.

No capítulo 2º - *A Leitura como Formadora de Subjetividades* - analiso o investimento na leitura e na formação de leitores em Itajaí como possibilidade de forjar indivíduos ilustrados a fim de tomarem-se, através da leitura, sujeitos de caráter e moral “perfeitos”. Utilizando-me de textos publicados nos jornais onde os cronistas discutiam a importância da leitura e indicavam livros que viessem a contribuir para a formação do indivíduo perfeito (livros que estavam circulando em Itajaí), e através de pesquisa feita num sebo da cidade, encontrei livros de bibliotecas particulares pertencentes às famílias dessa elite, auxiliando-me a perceber como esses discursos se investiram na formação moral dos habitantes enquanto produtora de indivíduos possíveis de perfeição.

No capítulo 3º - *As Práticas Esportivas e a Modelação de Corpos Saudáveis* - observo como vão se investir os discursos acerca da regeneração física dos indivíduos através de práticas esportivas na cidade, como a fundação de clubes de remo: o Clube Náutico Marcílio Dias, Clube Náutico Almirante Barroso e Clube de Regatas Cruz e Souza. Dá-se aí um investimento sobre os corpos que pretende modelar e embelezar a fim de constitui-los saudáveis por meio da atividade física; observo, junto a tais investimentos, como os discursos eugenistas estão se colocando no esporte como elemento regenerador da raça, onde as “elites” estão promovendo práticas esportivas dentro desse conteúdo.

Esses investimentos estão se colocando em dois espaços na formação do sujeito: na apropriação da leitura (uma¹ leitura que intuía dar uma formação, uma leitura de formação) que institui os cuidados com o corpo, as condutas em público, a forma de conduzir-se durante a vida, desencadeando uma série de discursos que se investiram nos indivíduos e forjaram um ideal do caráter e da moral. As práticas esportivas ocuparam o segundo espaço de investimento desses discursos com o desejo de formar corpos saudáveis e possíveis de perfeição.

CAPÍTULO 1- Os Intelectuais, a Geração da Nação e a Cidade Desejada.

Refletir sobre a produção intelectual nos anos 20⁷ requer pensar no momento de emergência dos discursos que articularam o desejo de forjar uma nação na tentativa de situar o país junto ao discurso moderno e civilizador⁸. Esses discursos parecem ser pontos que fixam um lugar através de intelectuais que se debruçam sobre as problemáticas do Brasil na tentativa de inaugurar uma discursividade, um campo simbólico que permitiria não só interpretar uma nação, mas forjar os seus sentidos, sua “*alma*”, seu “*povo*”, enfim, poder imaginar-se como comunidade.⁹

Para isso, cabe lembrar que a preocupação em falar sobre o Brasil constitui-se numa prática que desde o século XVI evidenciou uma escrita sobre a natureza e as pessoas que aqui estavam. No entanto, o século XIX vai inaugurar uma outra preocupação, pois politicamente rompe-se o chamado laço colonial e, com isso, a necessidade de inventar uma nação, dizer quem ela é, sua origem, falar sobre sua constituição étnica e lingüística¹⁰ e as possíveis contribuições para esta civilização¹¹.

⁷ Ver o estudo de: MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979. Ver também: PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a Política no Brasil: Entre o povo e a nação*. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

⁸ A respeito da noção de civilização, estou utilizando como referência de Norbert Elias, quando além de indicar a possibilidade de ver na idéia de civilização à tentativa de formar uma sensibilidade que intervem sobre os corpos, principalmente no que diz respeito às condutas e hábitos dos indivíduos. Ainda que veja a construção de civilidade de maneira evolutiva, seu estudo demonstra a emergência de uma nova ordem de costumes que se inscreve no ocidente a partir do século XVI. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma história dos costumes*. Vol. 01. 2ª edição. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

⁹ Ver: ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

¹⁰ Ver: HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 2ª edição. Tradução de Maria Celi Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. Ver também: HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. 5ª edição. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

¹¹ Sobre as viagens de Spix e Martius, e suas visões sobre o Brasil, ver: LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

A fundação do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) em 1838 indica essa preocupação em inscrever uma história da nação, de uma “civilização nos trópicos”.¹² Na tentativa de entender, ou mesmo elaborar um sentido para essa nação, o IHGB lança um concurso de ensaios sobre a história do Brasil, vencido por Von Martius com o texto *Como se deve escrever a história do Brasil*,¹³ esse texto vai “inaugurar” uma nova escritura sobre o país, indicando um modo, se não um método, para explicar a história e a constituição da nação brasileira, principalmente pelo fato de utilizar, pela primeira vez, a idéia das três raças, conceito este que até a década de 30¹⁴ do século XX estará presente nos discursos e nos embates teóricos acerca da nação.

Além da noção das três raças, Martius indica uma problemática que diz respeito ao caráter destas, onde as via como degeneradas, sendo apenas a natureza a única que portava algo de original e que poderia contribuir para a civilização.

Com isso, a partir da segunda metade do século XIX, se constituiu um momento em que se percebe o aparecimento de uma elite intelectual, chamada de “Geração de 1870”¹⁵, que vai esforçar-se em produzir uma “ciência” nacional pautada no evolucionismo, no positivismo e mesmo no darwinismo social atribuído a Spencer.

Intelectuais como Silvio Romero, Araripe Júnior, José Verissimo, Francisco Adolpho de Varnhagen, Capistrano de Abreu, Rui Barbosa, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, etc., constituem parte dessa geração, apropriando-se de um discurso moderno onde o ato da escrita constituiu-se como uma discursividade preocupada em interpretar o Brasil, situá-lo e levá-lo à civilização.

¹² Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia das letras, 1995.

¹³ LISBOA Op. Cit.

¹⁴ Vale lembrar aqui as discussões de Paulo Prado e Gilberto Freyre acerca das três raças, pois, olhar de Paulo Prado em *Retrato do Brasil* é acentuadamente pessimista em relação à miscigenação racial através das três raças sendo segundo Prado a miscigenação responsável pela degeneração, pelo atavismo produzido pelo excesso de relações sexuais no período colonial, o que tornaria o brasileiro triste. Ver: PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira*. (1ª edição 1928) 9ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* vai através do conceito de hibridismo, elaborar a idéia que a miscigenação produziu algo novo, ou seja, “o brasileiro Híbrido” a fusão das raças no Brasil produziu um novo elemento, algo original. Freyre acaba positivando a miscigenação racial no Brasil, esta produziu um “brasileiro alegre” o que vai dar corpo a um novo significado de brasilidade.

¹⁵ SCHWARCZ, Lilia. Op. Cit. Ver também o trabalho de VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

Desencadeia-se dessa maneira um desejo de interpretar a nação, “*diagnosticá-la*”, haja vista que, observada pelo esquadramento de Spix e Martius, pouca chance teria de atingir a civilização¹⁶ ou, mesmo, a perfeição.

Nesse sentido, o modelo das três raças utilizado por Martius vai influenciar a produção intelectual entre 1870-1930, constituindo-se numa espécie de cânone intelectual¹⁷. Um outro aspecto da obra de Martius é a forma de como ele sedimenta uma escrita sobre o Brasil¹⁸ quando demarca o período colonial como marco fundante da história do Brasil, caracterizando uma escritura sobre os indivíduos e, inclusive, sobre os intelectuais, os quais tornaram-se porta-vozes¹⁹ dessa escritura e que irão legitimar a discursividade instituída por Martius.

Entre os intelectuais que vão se apropriar das teses de Martius encontra-se Sílvio Romero, que cultivou em sua produção intelectual o desejo de branqueamento racial onde prevê, assim, o total branqueamento da população brasileira em três ou quatro séculos²⁰. Varnhagen também se constitui como um intelectual preocupado com a miscigenação e com o branqueamento racial, ainda que ancorado no Estado monárquico - o que se distancia de Romero - percebendo-se em *História Geral do Brasil* sua inspiração em Martius ao descrever os indígenas com pouco apego ao patriotismo, da situação de

¹⁶ LISBOA, Karen Macknow. Op. Cit.

¹⁷ Os modelos de explicação calcados nas três raças que fundam o Brasil remetem a discussão da miscigenação, presente em grande parte dos intelectuais do final do século XIX, como Francisco Adolfo de Varnhagen, Oliveira Vianna, Nina Rodrigues, como no início do século XX, as discussões de Afrânio Peixoto, Paulo Prado e principalmente Gilberto Freyre, no início da década de 30, praticamente torna esse modelo um extrato sedimentar da formação cultural do Brasil, e da noção de raça híbrida. Ainda na literatura, a miscigenação das raças foi abordada por Aluísio de Azevedo em *O Cortiço* e ganham com Jorge Amado uma leitura do tipo híbrido que se constituiu no Brasil, como Gabriela que encarna o resultado da miscigenação das raças no Brasil e com isso sua positivação como elemento de identificação nacional, produzindo através da literatura e posteriormente pela televisão uma comunidade imaginada, um signo de identificação e de brasilidade. FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 12ª edição. Brasília: UNB, 1963. Sobre o assunto ver também: RAGO, Margareth. Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira. In: *Artigos e Ensaios*. Campinas: Unicamp, nº 07, dez/97.

¹⁸Ver: CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução de Maria Lourenço Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Ver também: CERTEAU, Michel. A economia escriturística. In: *A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. 2ª edição. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹⁹ BOURDIER, Pierre. *Economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Tradução: Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Paulo Montero e José Carlos Durand. São Paulo: Edusp, 1996.

²⁰ VENTURA, Roberto. Op. Cit. P. 51.

“*barbárie*” que viviam e longe de qualquer possibilidade de civilização, argumentando que:

“...procuraremos dar uma noticia mais especifica da situação em que foram encontradas as gentes que habitavam o Brasil; isto é, uma idéia do seu estado, não podemos dizer de civilização, mas de barbárie e de atraso. De tais povos na infância não há história: há só etnografia. A infância física é sempre acompanhada de pequenez e de misérias”²¹.

Dessa maneira, não só se constitui uma discursividade preocupada com a exclusão de alguns grupos étnicos como também estabelece-se um mecanismo que possa incluir um país, visto como mestiço e formado por sub-raças, à categoria de civilizado, antenando-o aos preceitos da modernidade.

O esforço intelectual em situar o Brasil num discurso moderno a partir da “*Geração de 1870*” parece estar muito próximo do desejo de encontrar elementos que possibilitem elevar as raças à sua maioria, levando-as o mais próximo possível da perfectibilidade. Para isso vão se empenhar em instituir um diagnóstico cuidadoso sobre a constituição da nação, de sua “*origem*”, fixando seus marcos fundantes.

Diagnóstico bastante difícil se partimos do pressuposto que, desde o Império, há uma preocupação em fundar uma civilização tropical que, no final do século XIX, ganha conotação cientificista, marcando uma espécie de divisor de águas na forma de pensar o Brasil e instituindo uma nova maneira de legitimar o poder, onde:

“...as narrativas ou os discursos atemporais que marcaram o romantismo no Brasil até 1870 são substituídos pelos discursos dos especialistas cientistas, os quais passam a promover uma perspectiva cronológica, a constituição de uma nova linguagem moral e política do poder”²².

²¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História Geral do Brasil*. Tomo I-II. 7ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1962, P. 30. Sobre Varnhagen é interessante ver o estudo de José Carlos Reis, sobre a influencia de Francisco Adolpho de Varnhagen na historiografia brasileira, e como busca forjar uma história do Brasil sintonizada com uma origem lusitana. REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen O elogio da colonização portuguesa. In: *As Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

²² HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. (Org.) *A Invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, P. 25.

Para tanto, as preocupações em interpretar o país de modo científico estão articuladas a um mecanismo de poder que tenta forjar uma forma de dominação inserida nos saberes de intelectuais e políticos autodenominados “*aptos*” para falar sobre o país. Observa-se um cuidado em identificar as proximidades ou as possibilidades para se alcançar a civilização; é latente que essa produção vá estar presente na produção cultural do período, pois são médicos, bacharéis, educadores, engenheiros, etc.; (intelectuais) que vão se engajar na “*missão*” de inscrever sobre o Brasil suas teses.

A preocupação dos intelectuais era de prescrever um diagnóstico do país. É neste momento que a “*jovem*” Itajaí passa à condição de município (1860²³) e que podemos observar os primeiros ensaios para normatizar os espaços urbanos e disciplinar as condutas em público. Durante a década de 80 do século XIX, algumas situações ocorridas na cidade permitem olhar o cotidiano do município e o cuidado da Câmara Municipal²⁴ em ordenar o uso dos espaços.

Isso me chamou atenção quando encontrei no Arquivo Histórico de Itajaí algumas correspondências expedidas entre 1883 e 1898, dando-me subsídios para entender como a cidade passava por um processo de normatização. Em 1883, ao fiscalizar a fonte pública, Antônio da Silva Valle deparou-se com Manoel Paulo, que segundo o fiscal: *...estava praticando atos que ofendem a conservação do mesmo paço e limpeza da água (...)*. Antônio tomou nota no relatório da reação de Manoel por ser advertido: *(...) fui por este injuriado nas minhas funções públicas, com as palavras de safado, canalha, vagabundo, filho da puta e adulador.*²⁵ O entrevero entre Antônio da Silva Valle e Manoel Paulo certamente foi motivo de burburinho na cidade.

²³ Essa questão foi relativamente abordada por trabalhos não acadêmicos como o de JÚNIOR, Silveira. *Itajaí*. São Paulo: Escalibur, 1972. HEUSI, Nemésio. *A Fundação de Itajaí: Sua história, seu romance*. Blumenau: Fundação casa Dr. Blumenau, 1983. KONDER, Marcos. *A Pequena Pátria*. (1ª edição 1920) Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, o que denota um tom meramente descritivo aos textos seguindo uma ordem linear e tradicional da história.

²⁴ A Câmara Municipal era presidida por Guilherme Asseburg, a família Asseburg vai desenvolver atividades comerciais inserindo-se nas discussões políticas que vão se estender até a década de 1920. O que articulando uma certa sintonia de alguns políticos de Itajaí com as políticas de (re)urbanização que circulam no país entre o final do século XIX, e as primeiras décadas do século XX.

²⁵ Arquivo Histórico de Itajaí. Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, correspondências expedidas, 1883.

Apesar do reordenamento urbano, vivencia-se um cotidiano em que alguns cativos circulam pelas ruas como escravos de ganho; diga-se o caso da cativa Anna, a qual era senhor Bernardino da Silva Ramos. Bernardino foi chamado em 1882 pela Junta de Classificação de Escravos²⁶ para dar esclarecimentos sobre um pecúlio que sua cativa teria confiado a um “*particular*”.

Um caso como esse denota que algumas práticas do cotidiano instituem um uso, uma tática que foge à ordem normativa que intenciona disciplinar espaço e condutas. Na década de 80, as posturas começam a ser elaboradas e, em 1894, as posturas são instituídas. O artigo 67, parágrafo primeiro, dizia: *Nas ruas, praças, praias é proibido: Trazer grãos para secar gêneros; estabelecer ou conservar tabuleiros, varais, esteiras...*²⁷

Esse cuidado com a normatização de determinados espaços relaciona-se com a necessidade de “*projetar*” políticas para que se institua uma discursividade que se aproxime das discussões de alguns intelectuais da “*Geração de 1870*”. Junto a isso a saúde pública toma-se um elemento de preocupação em Itajaí que, em 1882 e 1884²⁸, sofre dois surtos de varíola; além disso, as condições de higiene de alguns estabelecimentos comerciais eram assunto de pauta da Câmara Municipal, como na sessão de 30 de setembro de 1887, onde discutiam as condições da carne vendida nos açougues:

*“Constatando que ultimamente os açougueiros tem exposto ao consumo público desta cidade carnes de gado magros e adoentados, requer que, tendo o atual Delegado de Higiene se prontificado a coajudar nas medidas(sic) que fosse necessário tomar, se pensa ao mesmo para examinar o gado ou açougues, destes examinando-se ao fiscal para não consentir que os ditos açougueiros exponham ainda as carnes sem que mostrem com o certificado do Delegado estar a dita carne em condições satisfatórias”.*²⁹

²⁶ A Junta de Classificação de Escravos era responsável pelo registro de cativos em Itajaí e paróquias vizinhas como Penha, Camboriú, etc. Arquivo Histórico de Itajaí. Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, correspondências expedidas, caixa 01, 1882.

²⁷ Arquivo Histórico de Itajaí. Fundo da Câmara Municipal de Itajaí. Caixa 02, livro 09/1894.

²⁸ Arquivo Histórico de Itajaí. Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, correspondências expedidas. Caixa 01/1882 e caixa 02/1884.

²⁹ Arquivo Histórico de Itajaí. Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, correspondências expedidas. Caixa 02/1887.

Entre a necessidade de combater os surtos de varíola de 1882/1884 e fiscalizar os açougues, Itajai parece se ressentir de um intelectual que esteja não só sintonizado com as discussões políticas e intelectuais desse período, mas que detenha um respaldo de “*homem de ciência*”. Parte destas preocupações parece tomar alívio com a chegada do Dr. Pedro Ferreira e Silva, nascido em 1861 na Vila de Sant’Anna do Catú, na Bahia, que estudou medicina na faculdade da Bahia, graduando-se em 1885 e transferindo-se para Itajai em 1886.

A chegada desse jovem médico a Itajaí provocou um deslocamento na maneira de olhar a cidade, pois era proveniente de uma escola de medicina com prestígio reconhecido em todo o país e com forte influência nas discussões acerca da saúde pública entre a década de 80 e 90 do século XIX. Da faculdade baiana saíram intelectuais como Nina Rodrigues e Afrânio Peixoto, que vão incorporar as discussões da medicina legal com uma tônica para a eugenia.

A presença do Dr. Pedro Ferreira constitui-se em um diálogo com as discussões intelectuais de outras regiões, que não só do Rio de Janeiro, cidade irradiadora das discussões acerca da modernidade.

Aqui se percebe desencadear práticas discursivas imbricadas aos investimentos destinados à constituição de novos espaços de sociabilidade, a novos códigos de conduta e comportamento no espaço urbano. Provavelmente Pedro Ferreira e Lauro Müller mantinham contato. Pedro Ferreira ocupou a Presidência da Câmara de Vereadores enquanto Lauro Müller era Senador da República; em 1904, Pedro Ferreira é Superintendente Municipal e Lauro era responsável pela reforma do porto do Rio³⁰.

Pedro Ferreira parece preocupar-se muito com o desenvolvimento das obras públicas na cidade, pelo menos na fala de Juventino Linhares ao lembrar-se do referido médico: “*Parece-me vê-lo ainda hoje, percorrendo as ruas da cidade nos seus dias de*

³⁰ Ver: SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Volume 03, São Paulo: Cia das Letras, 1998, PP. 07 a 48.

*administrador e nas horas disponíveis, observando a conservação das ruas, revistando as obras que iam sendo executadas, dentro do seu passo vagaroso e metódico..”*³¹

Isso possibilita entender como a cidade vai se inscrevendo dentro de uma discursividade pelas estratégias do olhar médico sobre a ela³². Seu passo pode ser vagaroso e metódico, talvez uma boa metáfora para indicar um desejo de disciplinar os espaços e os corpos que agora parecem estar nos trilhos da “civilização” pois, para Itajaí, pertence um “homem de ciência”.

Esse “homem de ciência” está sintonizado com as discussões de sua época. Através do saber médico, estabelece-se na vida pública, ao qual foi Presidente da Câmara Municipal em 1894; em meio a “Revolução Federalista”³³; tomou-se Deputado Estadual e Federal entre 1897 e 1899; Superintendente de Itajaí e sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, vindo a falecer em 1911³⁴.

Acredito ser importante retomar o caso de Lauro Müller, nascido em Itajaí em 1863, entrando para a Academia Militar do Rio de Janeiro e formando-se engenheiro; foi aluno de Benjamin Constant, aproximando-o do positivismo Comtiano. Tornou-se Senador, sendo responsável no Governo de Pereira Passos, no Rio de Janeiro, pela reforma do porto em 1904³⁵. Ocupou uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras até 1926, ano de sua morte. Vários jornais de Itajaí noticiaram o falecimento do “grande estadista brasileiro”: “O Pharol”, “Futurista”, “Itajahy”, etc;. O jornal “Futurista” assim noticiava a morte de Lauro:

“A morte desse iminente cidadão constitui uma perda irreparável para o país, de cuja vida política era um dos próceres mais acatados e mais respeitáveis.

³¹ LINHARES, Juventino. *O Que a memória Guardou*. Itajaí: Ed. da Univali, 1997. P. 129.

³² CERTEAU, Michel de. Op. Cit.

³³ Pedro Ferreira na presidência da Câmara Municipal envia uma carta ao governador Coronel Antonio Moreira César “a respeito dos prejuízos do município resultantes da revolta...” descrevendo o que ocorreu na cidade e pedindo reparos para os prejuízos. Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, secretaria, correspondências expedidas, caixa 02, livro09/1894.

³⁴ Ver: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Vol. VI, 1917, P. 48.

³⁵ SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: NOVAIS, Fernando A. e SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil vol. 03*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

*A imprensa brasileira e a estrangeira, registrando o irreparável luto, localizam, entre as mais afetuosas demonstrações de pesar, os aspectos mais honrosos e mais dignificadores da vida pública desse estadista, um dos mais hábeis e mais completos que o Brasil tem tido depois da proclamação da República*³⁶.

O caráter exaltativo do “*Futurista*” pode revelar a imagem produzida em torno de Lauro Müller: a ideia de homem preparado para a vida política e intelectual e a tristeza pela perda que se unem à representação do homem de ciência. Lauro Müller situa-se na figura do intelectual que está sintonizado com as aspirações da modernidade que transpassam o país nesse momento.

Lauro Müller se constitui como “*homem de ciência*” bastante interessante para entender Itajaí no início do século XX, principalmente no que diz respeito ao papel dos intelectuais e a escrita que estes vão se propor em transmitir.

É necessário produzir uma escrita da cidade. Em 1920, Marcos Konder publica “*A Pequena Pátria*”³⁷, conferência proferida no Conselho Municipal em comemoração ao centenário da fundação de Itajaí. Marcos Konder é Superintendente (cargo que vai ocupar até 1930). No ensaio procura produzir um sentido para a cidade, forjar sua “*origem*” e situá-la dentro dos preceitos de modernidade e civilização.

Isso está presente quando remete-se ao passado ressaltando a fundação do município, conclamando os antepassados e inaugurando uma origem fundante para a cidade estendendo um caminho para o futuro: “*Basta que nós, os da geração atual, saibamos imitar o desinteresse e a abnegação dos nossos avós, dar o devido valor aos itajaienses de merecimento e imitá-los no amor estranhado à nossa terra, à nossa pátria*”³⁸.

Institui-se na escrita de Marcos Konder o desejo de produzir um sentimento de pertencimento a um lugar, o significado da própria existência dessa elite que, ao se referir à terra, refere-se à origem familiar. As discussões sobre as origens de Itajaí suscitaram vários

³⁶ Jornal *Futurista*. Itajaí, 08/08/26, P. 01.

³⁷ KONDER, Marcos. *A Pequena Pátria*. (1ª edição 1920) Florianópolis: Fundação Catarinense de cultura, 1982.

³⁸ KONDER, Marcos. *Idem*. P. 87.

cuidados: em 1943, Marcos Konder consultou o historiador Roquette Pinto, que após pesquisar um artigo publicado no *Boletim do Museu Nacional*³⁹, retornava a carta dizendo que “o artigo, porém, pouco adianta sobre o que dizia o velho Martius no seu *Nomina Locorum do Brasil, em 1863: Itajahy – Tajá – erva; hy – água: fluvius herbae Taiá. Seja. Itajahy – Rio das Tabóias*”⁴⁰.

Percebe-se a necessidade em estabelecer um marco fundante da cidade, o que pode forjar uma identificação com os signos da nação. A cidade passa a ser o texto, escrito por um grupo que está articulando-se a um projeto intelectual que pretende tornar um “país mestiço” possível de perfeição, onde a leitura e o domínio da escrita são caminhos para a apropriação dos signos de modernidade, de civilidade, constituindo-se num espaço de investimentos sobre os corpos.

Na década de 1920, Itajaí pode ser vista como uma cidade de pequeno porte, ainda quando comparada com os grandes centros urbanos que estão se constituindo como “metrópoles” (nesse caso Rio de Janeiro e São Paulo) que servem como ponto irradiador de discursos modernizadores, de modernidade, práticas culturais e definidoras de condutas sociais⁴¹.

³⁹ *Boletim do Museu Nacional*. Vol. VIII, 1932. Apud. KONDER, Marcos. Op. Cit. P. 100.

⁴⁰ Idem. P. 100.

⁴¹ Vale lembrar que o Rio de Janeiro, por ser capital do Império, praticamente desde 1808 tornou-se uma referência para as ações políticas no Brasil. Nesse sentido, os trabalhos de Karen Macknow Lisboa, *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997. Os textos de Lília Moritz Schwarcz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Esses textos me ajudam a entender como está se estabelecendo as políticas sociais e culturais no Brasil tendo o Rio de Janeiro como palco dessas discussões, onde cientistas e intelectuais tentam dar um sentido ao país no período imperial. Cabe lembrar os trabalhos de Sidney Chalhoub que reelabora o cotidiano social e político do Rio de Janeiro demonstrando um ambiente constituído de tensões e conflitos onde os saberes (popular e das elites) se relacionam nas filigranas dos poderes que estão em jogo. Isso se percebe em (Trabalho, Lar e Botequim. Brasiliense, 1986) (Visões da Liberdade, Cia das Letras, 1990 e Cidade Febril. Cia das Letras, 1996). Também o brasilianista Jeffrey D. Needell observou o ambiente político e cultural da Belle Époque no Rio de Janeiro e a emergência de uma nova elite política e intelectual no Rio de Janeiro. Ver: *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. É interessante lembrar que a cidade de São Paulo começa a perfilar como centro econômico e industrial do país no final do século XIX, com as elites políticas provenientes do oeste paulista e da cultura do café que projetaram de certa maneira um capital cultural acerca da representação de progresso do Estado de São Paulo, não esquecendo os trabalhos de Emília Viotti da Costa, Caio Prado Júnior, Celso Furtado, José de Souza Martins entre outros. E mais recentemente o estudo de Marina Maluf, *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. São tentativas de entender um momento em que as elites do café estavam se instituindo na política nacional. Mas é na década de 20 que São Paulo e

Itajaí, nas primeiras décadas do século XX, vai relacionar-se com essas discussões. Alguns políticos e intelectuais da cidade não vão medir esforços para entrar em sintonia com as discussões que estão circulando na década de 20. No entanto, quem seria Itajaí? A quem ou a que essa cidade do litoral Norte catarinense está ligada?

Situada na foz do rio Itajaí-Açu, a cidade serviu como porta de entrada dos imigrantes vindos da Europa (alemães, italianos, poloneses, etc.), constituindo através do porto⁴² e da circulação de imigrantes uma possibilidade de comércio com as colônias recém-formadas no Vale do Itajaí e Itajaí-Mirim, estabelecendo laços de afinidade política com grupos de industriais do Vale que começam a despontar como força financeira e política para cidade⁴³.

Essas transações políticas e comerciais entre esses grupos possibilitaram a formação de políticos ligados às atividades portuárias, como as casas comerciais Asseburg, Konder, Malburg, etc., que vão alçar vôos na política nas primeiras décadas do século XX com a possibilidade de ir estudar na então Capital Federal, situando Itajaí num eixo político e intelectual sintonizado com os anseios políticos que se estabelecem nas primeiras décadas do século em voga.

Constitui-se em Itajaí uma certa sintonia com as discussões políticas e intelectuais que estão circulando nos centros urbanos, visto que filhos de comerciantes e daqueles inseridos na vida pública vão completar seus estudos em centros maiores. Políticos como Adolfo Konder, que estudou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, foi Diplomata, Deputado Federal, Secretário de Estado e Governador de Santa Catarina. Victor Konder, Bacharel em Direito, foi Promotor Público, Secretário de Estado e, em 1926, ocupou o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas. Ainda outros, como Gustavo Lebon Régis, Engenheiro; Henrique da Silva Fontes, Bacharel em Direito; Max

principalmente a capital emerge enquanto núcleo cultural e político do país, articulado aos discursos modernos e sintonizados com uma proposta liberal. Isso é perceptível no trabalho de Maria Helena Capelato, *Arautos do Liberalismo: Imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁴² A respeito do porto de Itajaí e sua relação com o comércio no vale do Itajaí e Itajaí-Mirim ver: SEVERINO, José Roberto. *Um ensaio sobre o porto de Itajaí*. In: FERREIRA, Cristina e FROSTSCHER, Méri. (Orgs.) *Visões do vale: Perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000. PP. 209-217.

⁴³ Ver: BARRETO, Cristiane Manique. *Entre Laços e Nós: Formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)*. (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: UFRGS, 1997.

Tavares d'Amaral, Bacharel em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco. São pessoas que vão ocupar espaços públicos na política, educação e na produção intelectual.

Dessa maneira, podemos ter uma visão de como alguns intelectuais em Itajaí, nas primeiras décadas do século, vão estar ocupando cargos públicos na esfera municipal, estadual e nacional⁴⁴. A cidade vai estar em contato com os projetos que circulam nos grandes centros urbanos e não apenas como um receptáculo de informações, mas como um ponto de diálogo entre os centros urbanos e Itajaí, o que constitui um espaço de aplicabilidade desse projeto e dos discursos que os intelectuais estão se engajando.

Esses grupos colocam-se como os *estabelecidos*⁴⁵, segundo Norbert Elias, numa pequena comunidade onde se fazem perceber como aqueles que detêm as “*tradições de uma determinada localidade, hostilizando, excluindo os outros grupos que chegaram posteriormente: os outsiders*”. Olham a cidade numa dimensão na qual os discursos acerca da formação de corpos saudáveis estão se investindo sobre o próprio grupo estabelecido. Na década de 1920, Itajaí ainda é uma cidade em que os *estabelecidos* desqualificam pescadores, as lavadeiras do ribeirão Schneider, os carroceiros de praça, benzedeiros⁴⁶, práticas culturais como rinha de galos, rituais da religiosidade afro, terno-de-reis, escravos ou filhos destes⁴⁷.

Há em Itajaí um cuidado em forjar um *habitus*⁴⁸ que construa uma identidade cultural. De certo modo, o desejo de sintonizar Itajaí às discussões dos grandes centros liga-se ao fato de que a formação educacional de alguns políticos vai se dar basicamente no

⁴⁴ Na década de 20 Itajaí está articulada politicamente num eixo bastante intrigante: Marcos Konder era Superintendente Municipal (entre 1915-1930), Adolfo Konder, em 1926, torna-se governador do Estado e Victor Konder, também em 1926, é Ministro da Viação e Obras Públicas. Isso coloca Itajaí numa figuração política nacional, sintonizando as elites da cidade aos debates políticos e intelectuais vigentes nesse período.

⁴⁵ Ver: ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

⁴⁶ Na década de 20 encontra-se nota de jornais desqualificando práticas populares de cura e benzimento, prática ainda comum em Itajaí.

⁴⁷ As experiências de pescadores, lavadeiras, carroceiros, benzedeiros etc., são elementos que não coube nessa pesquisa pois, exigiria uma pesquisa mais ampla. No entanto, é algo que compõe o cotidiano da cidade durante a década de 20.

⁴⁸ Sobre o assunto ver: ELIAS Norbert. *Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Rio de Janeiro e São Paulo, o que demonstra estarem em íntimo diálogo com esses centros e, conseqüentemente, sintonizados com os signos da modernidade.

Nas primeiras décadas do século XX, Itajaí está passando pelas primeiras mudanças que parte das cidades estavam passando - procurava-se imprimir uma outra escritura na cidade: a rua Conde D'Eu passara a se chamar Lauro Müller⁴⁹ - começando a ser vista de outra forma através de um discurso de reordenação do espaço urbano em Itajaí.

Criado o Centro Aformoseador de Itajahy, idealizado em 1903, conforme o convite de adesão e propostas do próprio Centro, encontram-se ali elementos interessantes para entender a emergência de uma intervenção sobre a cidade que se articula à instituição de uma elite, preocupada em fazer-se “*vanguarda*” e em querer inscrever na cidade um discurso de disciplinamento do espaço urbano e organizador de um projeto que se articule ao dos intelectuais nos grandes centros.

Um discurso modernizador está se estabelecendo em Itajaí no início do século junto com uma elite política que vai constituir-se nesse período e que tenta produzir uma ordem escriturária na cidade, principalmente nos anos 20. Por isso, o convite do Centro Aformoseador opera um investimento na cidade envolto num projeto moderno.

No verão de 1903 parece emergir um desejo, articulado com os ditames da ciência. Em 20 de fevereiro circulava na cidade um convite para criar uma associação que se propunha embelezar os espaços, tomando público o aformoseamento da cidade:

“Em reunião pública aqui realizada no dia 16 do corrente, no edifício do ‘grêmio três de maio’⁵⁰, e para qual com antecedência foi indistintamente convidada toda a população, ficou fundada entre nós

⁴⁹ Ver o ensaio biográfico de Lauro Müller escrito por Marcos Konder em 1953 e reeditado em 1982. Segundo Nereu Corrêa “obra premiada pela Academia Brasileira de Letras”. Isto situa a proximidade entre os representantes das elites de Itajaí e os intelectuais que circulam na Academia Brasileira de Letras e IHGB, o que demonstra um ponto de contato entre eles. KONDER, Marcos. *Lauro Müller/A Pequena Pátria*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, P. 11.

⁵⁰ O Grêmio Três de Maio foi criado em 1900, tratando-se de um grêmio literário que se preocupava em produzir em Itajaí um espaço para a leitura e, conseqüentemente, para a apropriação de uma cultura letrada. Assim, se constitui num espaço de investimento na leitura, afim de forjar corpos perfeitos através da leitura, pois instituir um espaço para leitura requer todo um gestual do corpo para acomodar-se para a “melhor leitura” ou “leitura ideal”, o corpo necessita se apropriar desse gestual, disciplinar o corpo e os sentidos para uma leitura silenciosa e atenciosa. Sobre o Grêmio Três de Maio ver: LINHARES, Juventino. *O Que a Memória Guardou*. Itajaí: Ed. da Univali, 1997.

uma associação, cujas as vantagens e necessidade, em artigos do jornal 'Itajahy' profusamente espalhados foram demonstrados e que com o nome de 'Centro Aformoseador de Itajahy' tem por fim trabalhar pelo embelezamento da cidade.

Constituída por aclamação a junta Diretora, a nós abaixo assinados coube a subida honra de sermos os escolhidos para guiar os destinos da nova sociedade.

Como homenagem pelo apreço que em todos os tempos tem mostrado as idéias que visam o desenvolvimento e progresso deste lugar, a assembléia teve a feliz inspiração de aclamar Diretores Honorários aos distintos Srs. Dr. Antonio Wanderley Navarro Pereira Lins, Superintendente Municipal Dr. Pedro Ferreira e Silva, Presidente do Conselho Municipal Samuel Heusi, Tenente Coronel Manoel Antonio Fontes e Major Geraldo Pereira Gonçalves, procurando assim desde já contar com o apoio destes ilustres Srs. para o bom êxito da nossa associação”⁵¹.

Esses são os homens que vão se engajar na missão de guiar a cidade para os destinos da “*nova sociedade*”, conseqüentemente nos “*trilhos da civilização*”. O projeto que está constituindo-se parece organizar-se de maneira diferente da intervenção feita no Rio de Janeiro, que se tornou o “*espelho*”⁵² para as demais cidades, no que diz respeito ao processo de higienização e embelezamento das mesmas.

No entanto, o Centro Aformoseador não se constitui numa ação do poder público sobre os indivíduos, mas uma iniciativa de um grupo que está imbuído em se instituir como elite política na cidade, apropriando-se dos signos de civilidade articulado ao uso da noção de modernidade, via higienização e normatização do espaço social urbano, ou seja, estão inaugurando uma nova escrita da cidade⁵³, uma escrita que não se pode definir como uma escritura de “*fôlego*” se pensarmos num planejamento articulado a uma política específica e nem como de um grupo, mas como o desejo de algumas pessoas preocupadas não só com o “*embelezamento*” dos espaços, mas de normatizar, produzir uma escrita em que seus desejos e anseios se inscrevam na cidade. O Centro Aformoseador de Itajahy torna-se uma

⁵¹ Convite do Centro Aformoseador de Itajahy, 20/02/03. Fundo Arquivo Histórico de Itajaí.

⁵² Vale lembrar o texto de Sandra Jatahy Pesavento no qual situa o Rio de Janeiro como um espelho para as demais cidades, inclusive Porto Alegre, no que diz respeito ao discurso moderno, numa tentativa de constituir uma sensibilidade identitária entre as cidades. Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: Visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

⁵³ CERTEAU, Michel de. Op. Cit.

ação de pessoas como Manoel Marques Brandão (Presidente), Carlos Seára Jr., Ângelo Rodi, Pedro Bauer, etc.

Mesmo não envolvidos com o órgão público, alguns nomes elencados na diretoria vão projetar-se na política e seguem preocupados com o embelezamento da cidade quando justificam a importância da sua ação:

“Para melhor esclarecimento dos intuitos do ‘Centro Aformoseador’ julgamos necessário ainda uma vez salientar quais as obras com que se pretende iniciar o aformoseamento.

São consideradas obras de embelezamento: em primeiro lugar, a construção de um espaço jardim e o calçamento e a arborização da praça fronteiria à matriz que será por onde a sociedade começará os seus trabalhos, logo que houver fundo suficientes; e depois a abertura de longa e extensa avenida começando na praia e atravessando a cidade até ao bairro dos atiradores.

O Centro tomará ainda a si: promover a arborização de outras praças e ruas e bem assim a capinação e limpeza das mesmas, e da praia adjacente a cidade; agir junto aos poderes competentes para que as casas do futuro sejam construídas com jardim de frente, e na edificação das mesmas seja rigorosamente observado o alinhamento”⁵⁴.



Frente da Igreja Matriz de Itajai em 1904,
antes da construção da praça Vidal Ramos.
Arquivo Histórico de Itajai.

⁵⁴ Convite do Centro Aformoseador de Itajahy, 20/02/03. Fundo do Arquivo Histórico de Itajai.



Praça Vidal Ramos em 1923.
Arquivo Histórico de Itajaí.

O Centro Aformoseador de Itajahy, que em 1904 fez publicar no jornal “*Novidades*” seu estatuto, ressalta o seguinte no artigo 22º:

*“A diretoria, antes de fazer qualquer jardim ou passeio público, deve entender-se previamente com o superintendente e mais autoridades a respeito, e bem assim solicitar fiscalização para conservação das obras feitas e pedir mais para serem decretadas penas severas no caso de danificação proposital”*⁵⁵.

Assim, Itajaí parece constituir-se como um elo, um ponto de contato entre a política nacional. O ano 1904 parece um momento instigante, pois o Centro Aformoseador está preocupado em embelezar os espaços estabelecendo normas para a construção de casas, seu alinhamento, casas com jardins, etc., combinando com as intervenções feitas na cidade do Rio de Janeiro, que nesse momento passa pela revolta da vacina e que se identifica às camadas excluídas do projeto social que se articula na então capital federal.

Lauro Müller está colaborando com o Governo de Pereira Passos no Rio de Janeiro, sendo responsável pelas reformas do porto. Em 1905 ocupa o Ministério da Viação e Obras Públicas, sugerindo mudanças para o porto de Itajaí.⁵⁶ O lugar ocupado por Lauro Müller auxilia-me a entender a sintonia com as políticas de reordenamento e normatização do urbano e sua relação com as famílias Konder, Malburg, Asseburg etc., que estão se colocando no quadro político em Itajaí.

⁵⁵ Jornal *Itajahy*. Itajaí, 04/09/04, P. 03.

⁵⁶ SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a Identidade Açoriana: a maquiagem possível*. Itajaí: Ed. da Univali, 1999, P. 187.

A ordenação do espaço urbano parece estar articulada a uma política mais ampla e não somente a um reflexo dos centros urbanos. Está se articulando um novo desenho, uma outra escrita sobre a cidade.

Essas ações não se restringem apenas ao corpo. Uma nova sensibilidade vai instituindo-se no meio urbano, ou seja, a cidade também se torna objeto de uma discursividade preocupada em tornar possível de perfectibilidade os espaços da cidade.

Em conformidade a esses discursos, um articulista do jornal “*O Comércio*”, em 1920, chamava atenção da Superintendência. O articulista, sugerindo “*reparos*”, assim se expressa:

“Itajahy, apresenta já, não pode negar, ao forasteiro que por aqui passa o novo, agradável, de uma cidadezinha que vai florescendo, mormente agora, com a remodelação do jardimzinho da praça matriz; todavia, trechos há pela cidade que permanecem ainda mal cuidados, quase em abandono. (...) O trecho que fica ao lado e por detrás da igreja matriz, (que por sinal está mal cuidada, suja e sem pintura) carece também de iluminação, pois, sem um foco de luz ao menos, aquele lugar permanece sempre em completa escuridão. (...) sentimo-nos agora perfeitamente à vontade para fazermos estes ligeiros reparos, visando, aliás, o embelezamento e o progresso desta urbes paradisíaca do Atlântico”⁵⁷.

Noto que as aspirações de progresso e ordenamento do espaço urbano estavam entre as preocupações do articulista de “*O Comércio*”. A perfeição de uma cidade estava ligada à organização do espaço e seu embelezamento, significando tornar não só a cidade, mas também seus habitantes mais belos. Para isso, era necessário tornar os hábitos na cidade algo que viesse a ter um “*impeto de civilidade*”.

Nesse sentido, o jornal “*Itajahy*” publica o “*Alphabeto Anti-tuberculoso*”, que entre os “*aconselhamentos*” aparecem as preocupações com os costumes no espaço público:

“Evite cuspir no chão é um hábito sujo e muito perigoso para a saúde de todos. Habitação ventilada é inimiga da tuberculose.

⁵⁷ Jornal *O Comercio*. Itajai: 04/01/20, P.01.

*Mãos limpas, toalha e guardanapos limpos, manjares limpos e bem cosidos*⁵⁸.

Pode-se observar a preocupação em instituir nos corpos um signo de comportamento “civilizado”, pois a preocupação dessas falas ultrapassa o cuidado com a doença e dão legitimidade a condutas que passam a ser “normatizadas” no espaço da cidade, constituindo, assim, um desejo de perfeição não só do corpo mas também da cidade, pois cuspir no chão passa a ser um “hábito sujo” tanto nos espaços públicos quanto para aqueles que transitam por ele.

Para articular a cidade e seu embelezamento aos corpos - que são objetos de investimento dos saberes de médicos e engenheiros nesse momento - os jornais parecem ser o espaço ao qual a cidade e os corpos se fazem. Ali se imprime um desejo, idealiza-se uma cidade e mesmo corpos que necessitam de “regeneração” para manterem-se saudáveis, eugenizados.

Esses investimentos sobre a cidade e os corpos circulam nas páginas dos jornais que desejam imprimir seus textos nos corpos. O “ideal” viria a ser os corpos e a cidade perfeita, cujos textos articulam a preocupação com os que fazem uso do espaço urbano e com o próprio embelezamento da cidade.

O jornal “O Pharol” pede melhoramentos da cidade onde o articulista, usando o cognome de “Pax”, reclama do estado do cemitério que, segundo ele:

“Ali impera a anarquia e o desleixo, enfim, não tem qualificativo. Há dias ‘O Pharol’ pedia a reparação das cercas do mesmo, foi atendido, tendo sido pregados 63 sarrafos cuja qualidade de madeira parece ser canela. Porque s.s.sr. Intendente não mandou fazer uma reparação total”?

Segue o articulista:

“Um outro fato que depõe muito contra a beleza de nossa cidade é os cocheiros dos carros de praça que fazem os serviços descalços, chapéu Chile de 500 réis, etc. Assim como se obriga um carregador carregar ao peito, a espécie de condecoração uma chapa numerada,

⁵⁸ Jornal Itajahy. Itajai: 29/01/28, P.01.

*pode muito bem obrigar esses cocheiros, andarem decentemente vestidos*⁵⁹.

Preocupado com a cidade e com seu embelezamento, o articulista continua fazendo a crítica a dois imóveis que “*tiram toda a estética da cidade*”, argumentando sobre seus proprietários:

*“Ora são dois proprietários que tem recursos bastantes para auxiliar s. s. (o intendente) na grande obra de embelezamento de nosso querido Itajahy, portanto, sem piedade, sem inimizade, e dentro da lei, faça, esses senhores seguirem o caminho do século XX e conte com um amigo e leitor”*⁶⁰.

É interessante observar a maneira como o articulista desloca o olhar do cemitério e debruça sua fala sobre os cocheiros procurando instituir a norma, ou seja, a maneira como estes devem se vestir. Percebe-se como se constitui o desejo de um ideal de perfectibilidade, pois o “*zeloso*” articulista engendra na sua escrita a relação entre embelezamento da cidade e dos corpos⁶¹.

A cidade normatizada necessita ter os seus habitantes inseridos nessa discursividade e, note-se, a preocupação não se restringe somente aos cocheiros, mas aos proprietários de imóveis que não cuidam de seus bens. Sob a mira dos jornais estão aqueles que parecem não contribuir para o caminho da “*civilização*”, seja ele cocheiro ou um proprietário de imóvel. Nem mesmo o “*Hotel Brazil*” escapou dos olhares dos articulistas. Na coluna “*Cousas que incomodam*”, “*Gimelé*” dizia que:

“No frontispício do hotel do Sr. Ruschil, desta cidade, há uma placa com a seguinte inscrição: HOtEl Brazil. Isto não incomoda propriamente dito assim como não incomoda a palavra Brasil com z, mas queria saber o significado do t e do l minúsculos quando as demais letras são maiúsculas.

Seria um equivoco do pintor?

Será algum mistério naquele t l?

Será para chamar atenção dos viajantes?

⁵⁹ Jornal *O Pharol*. Itajaí: 01/04/22, P.02.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Ver: SENNETT, Richard. Op. Cit.

Parece que sim!!!

Mas, é de estranhar, visto ser o referido hotel um dos melhores desta cidade, e estar situado numa das principais ruas, como é a Lauro Müller, que sempre atrai atenção dos forasteiros.

*Não seria conveniente retifica-la*⁶².

O desejo de normatizar a cidade e constituir um comportamento social que possa se equiparar à perfeição pretendida para as condutas urbanas dependem da constituição de uma outra relação com o espaço público, passando a se tornar também espaço de civilização e distinção, pois estar na rua e em movimento era também ser moderno.

Algumas ações na cidade vão estar sintonizadas com esses discursos, pois inicia-se uma série de investimentos sobre os indivíduos que torna claro a necessidade de produzir uma subjetividade desejosa em moldar corpos perfeitos através da leitura. É perceptível, na virada do século, algumas tentativas de investimento sobre a leitura, instituindo-se um cuidado com o corpo e sua possível perfectibilidade.

Com a criação do Grêmio Três de Maio (um espaço destinado a leitura), pode-se observar um espaço de investimento desses discursos. Juventino Linhares, em suas lembranças, assim referencia a biblioteca:

*“...a biblioteca do Grêmio 3 de Maio, entidade fundada em 1900, por ocasião do quarto centenário da descoberta do Brasil que teve em Itajaí, a mais entusiástica e patriótica comemoração feita em S. Catarina, segundo afirmação das crônicas da época. Este Grêmio prestou, durante muitos anos, eficiente contribuição às comemorações das datas nacionais, com as suas passeatas e conferências cívicas e, à educação e instrução da mocidade, a valiosa cooperação da sua biblioteca. Naquela época de diversões escassas, a sala de leitura do Grêmio era local de assídua frequência dos estudantes, que ali passavam horas aprazíveis empolgados na leitura de livros, jornais e revistas”*⁶³.

Ações como essa em Itajaí apontam um caminho para pensarmos os investimentos feitos sobre os indivíduos na tentativa de, através da leitura e da educação, constituir indivíduos que se aproximem da perfeição. Há necessidade de forjar na cidade

⁶² Jornal O Pharol. Itajaí: 16/04/21, P. 02.

um capital cultural que uma elite tinha acesso e que garantisse a permanência desse capital simbólico⁶⁴ nas mãos de um determinado grupo.

Além do Grêmio Três de Maio, é interessante ressaltar a escola alemã, representada como um modelo de ensino na cidade, onde os filhos dessa “elite” iniciavam seus estudos para depois completá-los no Rio de Janeiro ou mesmo na Europa. A escola alemã foi recordada por Juventino Linhares ressaltando que “*A Escola Alemã era a de melhor organização e a mais aparelhada, mas só aproveitava aos filhos de alemães e de algum raro escolar de descendência lusa que tentasse iniciar seus conhecimentos no idioma de Goethe*”⁶⁵.

Esses espaços estão ligados na necessidade de constituir um espaço de distinção articulado à formação intelectual, sendo que em Itajaí, no início do século XX, uma elite política valoriza uma identidade germânica e procura investir sobre os indivíduos, descendentes ou não de teutos, valores de uma cultura germânica⁶⁶.

Se no início do século é possível perceber esses investimentos sobre os indivíduos, na década de 20, com a efervescência cultural acompanhada de um discurso moderno e ações modernizadoras⁶⁷, Itajaí mostra-se em sintonia com esses discursos que

⁶³ LINHARES, Juventino. Op. Cit. P. 27.

⁶⁴ Estou utilizando a noção de campo simbólico, na perspectiva de Pierre Bourdieu quando o relaciona a constituição de um campo político, mediado por falas que investem um determinado indivíduo ou mesmo grupo de um determinado poder e instituindo um poder simbólico que se opera no campo dos símbolos. Em Itajaí essa elite política está de certo modo investindo num campo político, onde a cultura se faz presente e imprescindível. Ver: BOURDIEU, Pierre. Op. Cit.

⁶⁵ LINHARES, Juventino. Op. Cit. 84. Outro livro de ordem memorialístico, pode-se referenciar, pois faz menção a Escola Alemã e a seu professor chamado “Mestre Kick” vinda da Alemanha para Itajaí no início do século para organizar a escola. A presença da escola para Rachel Liberato Meyer ficou marcada na pessoa do “Mestre Kick” “...porém uma coisa me impressionou mal, causando-me forte sensação de medo: a figura do Mestre Kick, o professor que ainda não conhecia”. (P. 55). MEYER, Rachel Liberato. *Uma Menina de Itajaí*. S/origem, s/editora, 1961.

⁶⁶ SEVERINO, José Roberto. Op. Cit. Os investimentos acerca de uma cultura germânica têm como preocupação em se apropriar da formação de uma cidadania vinculada à formação lingüística e religiosa que segundo Lúcio Kreutz, as escolas elementares no Rio Grande do Sul “*seriam um mecanismo tanto para a melhor formação religiosa de seus filhos quanto para despertá-los para a vivência da cidadania*”. (P. 151.). Isso se relaciona na tentativa de constituir uma autonomia política entre os imigrantes teuto-brasileiros. KREUTZ, Lúcio. *Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica*. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. *Os Alemães no Sul do Brasil: cultura - etnicidade - história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994, PP. 149-161.

⁶⁷ Na circulação dos eventos modernizadores em Itajaí e o espaço de visibilidade que este constrói para as elites na cidade, ver: BRAUN NETO, Francisco. *Sonhos e Prazeres da Modernidade: O corpo saudável em Itajaí na década de 20*. In: *Anuário de Itajaí 1998*. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1998, PP. 105-107.

vão se fazer presentes através de livros, revistas etc., e que circulavam na cidade, estabelecendo um ponto de contato com o projeto moderno.

Há com isso o cuidado em introduzir uma prática discursiva onde a leitura sirva como elemento fomentador de atos comedidos e como uma escrita de si, de um auto-perfeiçoamento dos indivíduos. A formação intelectual era um caminho para se chegar a perfectibilidade e produzia um espaço de distinção, tornando-se a leitura o fio condutor desse investimento.

Procurando entender a relação entre o que se lia na cidade e qual o desejo das elites ao engajarem-se e investirem num projeto moderno⁶⁸, irei, então, perseguir alguns rastros deixados pela circulação de livros na cidade que se articulavam com as discussões que permeavam os grandes centros, como o Rio de Janeiro, tido como espelho para a civilidade e para o moderno⁶⁹.

Passei a procurar livros que porventura estariam circulando em Itajaí; começando a folhear os jornais, fui aos poucos encontrando pistas interessantes, como um anúncio para venda do livro de C. Wagner, intitulado “*Valor*”, traduzido por Othoniel Motta. O anúncio traz uma pequena apresentação do tradutor que diz:

“Quando, há cerca de quatro anos, voltava eu da Europa, trazia a bordo para distrair-me, entre outros livros, este livrinho de C. Wagner.

Palestrou-se a respeito do seu conteúdo, e uma senhora mostrou-se muito interessada em que a obra fosse traduzida. Era também o meu desejo, desejo que nunca se me apagou do espírito e que se intensificou com esse ressurgir da mocidade pátria a voz de Bilac.

Compreendi então que não era o bastante dizer: ‘marchar!’ Era preciso apontar o caminho, desbasta-lo, revelar-lhe os precipícios. Era necessário em suma orientar o movimento, de forma que ele não viesse a se esgrimir no vácuo. É urgente fazer se com a mocidade veja que não se trata só de marchar, mas sim de subir, de encarar os cumes de radiancia eterna e de tornar alento pra conquistá-los.

⁶⁸ HERSCHMANN, Micael. Op. Cit.

⁶⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit.

Nenhum livro me pareceu mais próprio para um tal preparo espiritual do que este que ora dou a lume. A Liga de Defesa Nacional, aos atiradores, aos escoteiros, à juventude enfim da minha Pátria, eu consagro com os mais ardentes votos pela glória do nosso pavilhão e pela grandeza desta terra que estremecemos”⁷⁰.

Observa-se a preocupação de Othoniel Motta em ressaltar a figura de Olavo Bilac e, praticamente, fazer uma convocação à juventude, ou melhor, à “*mocidade*” e à pátria, tornando-se em sua fala o elemento central. Outro ponto interessante é tentar perceber o que a leitura de um livro com esse teor desencadearia na cidade.

Essa leitura parece estar sendo usada como um investimento ao qual se quer inscrever nos sujeitos uma outra subjetividade, a qual venha forjar um outro indivíduo, outro corpo, uma outra escritura. A leitura era, assim, um dos caminhos para investir nos corpos a possibilidade de perfectibilidade.

Othoniel Motta vai ainda traduzir de C. Wagner “*Para Pequenos e Grandes*”, que tinha como temática a moral, editado em 1926, pela Companhia Editora Nacional⁷¹.

Tais livros anunciados no jornal “*O Comércio*”, de certa maneira, estão desencadeando práticas de leitura em Itajaí que privilegiam a formação de indivíduos comedidos e virtuosos, com uma moral “*inabalável*”, podendo indicar uma preocupação com a perfectibilidade, através da instrução, ou seja, buscar o auto-aperfeiçoamento pelo exercício da leitura, o que faz emergir a noção de autocontrole, discurso difundido entre os liberais éticos do século XIX⁷².

Os livros de C. Wagner não eram os únicos a circular na cidade. O jornal “*O Comércio*” chamava atenção para os números avulsos da “*Revista do Brasil*”⁷³, oferecidos a 1\$500. Ainda em 1919, anunciava-se o recebimento das seguintes novidades literárias:

⁷⁰ Jornal *O Comércio*. Itajaí: 29/09/18, P. 03.

⁷¹ Sobre a Companhia Editora Nacional e o papel de Monteiro Lobato como empreendedor e difusor de uma política acerca da literatura e do comprometimento dos intelectuais num projeto nacional, ver: LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999.

⁷² Ver: MILL, John Stuart. *Sobre a Liberdade*. 2ª edição. Tradução: Alberto da Rocha Barros. Petrópolis: Vozes, 1991.

⁷³ Jornal *O Comércio*. Itajaí: 16/03/19, P. 03.

*“Celso Vieira, O Semeador e Endymião; Coelho Netto, Rei Negro e Esphinge; Afrânio Peixoto, A Esfinge, Maria Bonita, Poeira da Estrada e Trovas Brasileiras; Eça de Queiroz, Casa de Ramires e Primo Basílio; Guerra Junqueiro, Os Simples; Júlio Dantas, Carlota Joaquina...”*⁷⁴

Nessa seleta lista, alguns clássicos da literatura estão presentes, o que indica que essa literatura está circulando em Itajaí nesse período; também se faz presente na lista Afrânio Peixoto, médico eugenista defensor da miscigenação racial e do branqueamento.

É interessante perceber que um autor como Afrânio Peixoto esteja sendo lido na cidade, pois aponta uma sintonia, como dito anteriormente, entre aqueles que detinham a cultura letrada e as discussões que circulavam nos grandes centros. A circulação indica o diálogo entre as elites de Itajaí com esses centros e a distância da leitura via literatura era menor que a distância geográfica, pois em Itajaí oferecia a venda de exemplares avulsos e assinaturas de revistas como:

*“O Malho, O Tico-Tico, Eu Sei Tudo, Revista do Brasil, Leitura para Todos, Revista da Semana, La Bresilienne Chic, Brasil Moda”*⁷⁵.

Há mais *“Novidades Literárias”*, onde se pode encontrar demais livros:

*“Palestras com a Mocidade, Guerra Junqueiro; Valor C. Wagner; O Médico no Lar, Maia, Sexo Forte, Renato Kehl; O Estandarte Real, Monteiro Lobato; Nossa Pátria, Rocha Pombo”*⁷⁶.

As obras apontadas estão quase todas voltadas para a formação dos indivíduos, onde a preocupação com a pátria e com a *“mocidade”* estão articuladas à idéia de forjar uma nação cujo melhoramento racial constituiria-se num caminho para chegar a perfectibilidade.

Nesse sentido, Renato Kehl é um autor emblemático, pois dedicou-se às discussões acerca da eugenia, inclusive participando da organização dos congressos de

⁷⁴ Jornal *O Commercio*. Itajaí: 30/11/19, P. 03.

⁷⁵ Jornal *O Commercio*. Itajaí: 02/05/20, P. 03.

⁷⁶ Jornal *O Commercio*. Op. Cit.

eugenia no Brasil. Acreditava ser possível moldar o corpo para torná-lo mais belo; para ele, a fealdade seria curável através da eugenia⁷⁷.

Entre tantas possibilidades de interpretação que a história nos permite transitar, a seleção que fazemos quando escolhemos nossas fontes deixa algo ao abandono, ou seja, por onde esses livros entravam na cidade?

O jornal “*O Comércio*” se constitui no espaço de circulação e divulgação desses discursos, onde era freqüente a presença de textos de Rui Barbosa, Coelho Netto, Olavo Bilac, Gilberto Freyre, etc.. Refleti de que maneira chegavam aos jornais as matérias de autores como, por exemplo, Gilberto Freyre, que foi publicado em 18 de julho de 1920, sob o título “*A Mulher Sul Americana*”.

Ao procurar algumas caixas do Arquivo Histórico de Itajaí, encontrei uma caixa com três exemplares da “*Revista do Brasil*” de 1919, 1920 e 1939. Ao folhear a revista de 1920, deparei-me com o texto de Gilberto Freyre, permitindo-me entender como a circulação desses discursos se difundiam na cidade.

Os textos que circulam nas páginas do jornal demonstram a preocupação com o auto-aperfeiçoamento, visto o conteúdo moral encontrado em textos como “*O Jogo*”, de Rui Barbosa; “*A Bandeira*”, de Coelho Netto; “*A Pátria*”, de Olavo Bilac. Percebe-se aqui os investimentos sobre os sujeitos e conseqüentemente sobre a leitura, na qual estão inscritos os signos da modernidade que vão se imprimir nos corpos. Parafraseando François Furet, “*A modernização e a modernidade é a escritura*”⁷⁸ e esta se torna o mecanismo de instituição do desejo de perfectibilidade nos indivíduos e, como já vimos, parte desses livros são voltados para o cuidado de si, para o auto-aperfeiçoamento.

Essas falas não se restringem apenas ao discurso religioso, como vimos anteriormente. Médicos também estavam preocupados com o casamento e com a higiene no casamento. O livro publicado pela Biblioteca de Cultura, “*Hygiene no Matrimônio*”,

⁷⁷ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Fronteiras Celibatárias: nação, corpo e etnia. In: *História: Fronteiras*. Florianópolis/São Paulo: Humanitas, Vol. II, 1999, PP. 783-802.

⁷⁸ FURET, François. Apud. CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996, P. 263.

pode ser visto nessa perspectiva. Trazia como autor Dr. Maseras, que dirigia o conteúdo perpassando uma preocupação com os corpos higienizados: “*A falta de asseio é um defeito capital, indício de miséria e desordem; com o seu triunfo a beleza desaparece como que envergonhada*”⁷⁹.

Esses discursos estão circulando de diferentes maneiras, presentes tanto nos meios intelectuais e dos saberes ligados a um status de ciência ou ainda ao olhar religioso que está constituindo todo um investimento na formação da sexualidade dos jovens. Essa discursividade vai estar presente até aproximadamente o final da década de 50, onde ainda encontramos livros preocupados com o casamento e com a sexualidade dos jovens. Podem ser vistos em livros como “*Conselhos aos Rapazes*”, do Dr. Georges Surbled, tendo sua 2ª edição publicada em 1944, e o “*Problema Sexual e o Casamento*”, publicado em 1959, demonstrando como esses discursos vão ser amplamente divulgados durante a primeira metade do século XX.

Nesse sentido, a leitura e a escrita em Itajaí vão estar inseridas num emaranhado de significados em que se fundem entre os papéis e as tintas, os desejos, os anseios daqueles que procuraram forjar um sentido moderno para a cidade e que para isso fizeram da cidade as páginas a qual imprimiram seus desejos. Nesses desejos, os corpos potencializavam a necessidade de moldar, tornando-os possíveis de perfectibilidade através da eugenia, das discussões raciais e dos discursos de nação que vão, através da leitura e da escrita, forjar um sentido que vai ser impresso nos corpos daqueles que vão, de diferentes maneiras, apropriar-se desses discursos e desencadear práticas culturais na cidade.

A leitura de formação vai imprimir um desejo de constituir indivíduos de moral e virtudes inabaláveis; a relação do leitor com os livros formaria um sujeito possível de perfectibilidade. A circulação de livros em Itajaí e a sintonia de uma elite política que está se apropriando desses significados e investindo na leitura como formadora de um espaço de distinção social, desencadeia uma discursividade que os jornais, paulatinamente, difundiram de forma persuasiva sobre a subjetividade, incitando a adoção dos signos da virtude e da moral na tentativa de regeneração dos corpos.

⁷⁹ MASERAS, Dr. *Hygiene no Matrimônio*. São Paulo: Editorial Paulista, s/d, P. 99.

CAPÍTULO 2- A Leitura como Formadora de Subjetividades.

A cidade no final do século XIX e início do XX torna-se um lugar onde os discursos de normatização do espaço urbano e das condutas vão se investir. O espaço deve estar em concordância não só com a racionalidade, mas com um planejamento, um esquadramento.

Com Adriano (imperador romano), é perceptível essa preocupação ao construir o Panteão Romano, utilizando formas circulares e quadriculares no piso representando, assim, a perfeição. Tal preocupação é retomada por Leonardo Da Vinci em 1490⁸⁰, através da figura do homem inserido dentro de um círculo e um quadrado, representando o homem perfeito.

Desse modo, a cidade vai se constituir em objeto de desejo que tentará imprimir nas ruas, na arquitetura, nas praças, nas pontes (como se cada um desses elementos fossem parte de um texto que está sendo escrito em cada um desses espaços) uma textualidade na cidade.

Seu lugar enquanto signo da modernidade está inscrito no corpo, nos sentidos, fazendo com que o texto da cidade se institua no corpo independente dos sentidos: o cego concebe a cidade como moderna, sem provavelmente nunca tê-la visto ou lido-a, apropriando-se dessa representação e produzindo um sentido⁸¹ para a cidade.

Assim, a cidade está sendo lida constantemente, escrita e reescrita nos corpos e nos sentidos. Suas marcas vão sendo traçadas num mapa que extrapola o plano da cidade, marcando-a através das palavras, das marcas que o ler e o escrever a cidade instituíram nas narrativas, investindo na cidade e nos corpos o desejo de ser moderno dentro de uma

⁸⁰ Ver: SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1998.

⁸¹ Entendendo aqui essa produção de sentido a partir do momento em que o leitor produz no ato de ler um sentido; a cidade está sendo lida e reescrita constantemente, ainda que a representação da cidade moderna esteja circulando. E sobre a produção de sentido na prática de leitura, ver: GOULEMOT, Jean Marie. *Da leitura como produção de sentidos*. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da Leitura*. 1ª reimpressão. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, PP. 107-116.

cartografia onde os desejos vão constituir subjetividades⁸² e vão acentuar as tênues fronteiras da cidade através da leitura.

Têm-se, dessa maneira, todo um investimento nos corpos para forjar indivíduos que venham a constituir uma sociedade possível de perfectibilidade. Os corpos virtuosos são, também, corpos limpos e higienizados, pois como sugere Wagner, *“A limpeza física chama a limpeza moral; a sujeira do corpo chama a sujeira da alma”*⁸³.

Wagner foi um autor alemão com circulação considerável entre o final dos anos 10 e a década de 20, sendo que dois de seus livros circularam em Itajaí. Um anúncio da Casa Currilin chama atenção para um de seus livros, *“O Valor”*, que segundo o mesmo é *“Obra premiada pelo Ministério da Instrução Pública da França”*. Interessante é que esse anúncio traz uma apresentação do tradutor, Othoniel Motta, professor do *“Gymnasio de Campinas”*, referindo-se aos motivos da tradução deste livro:

“Nenhum livro me pareceu mais próprio para um tal preparo espiritual do que hora dou a lume.

*A Liga de Defesa Nacional, aos atiradores, aos escoteiros, à juventude enfim da minha Pátria, eu o consagro com os mais ardentes votos pela glória do nosso pavilhão e pela grandeza desta terra que estremecemos”*⁸⁴.

Na apresentação do segundo livro, Othoniel Motta refere-se a este da seguinte forma: *“A magnífica aceitação que tem tido o livro ‘Valor’ de C. Wagner encorajou-nos a publicar este outro, do mesmo autor, que reputamos da mais alta importância como compêndio de ensino moral”*⁸⁵.

Anúncios do jornal *“O Comércio”* indicavam a Casa Currilin, mas o que teria a Casa Currilin de tão relevante? A Casa Currilin (uma espécie de armarinho) era de propriedade de Immanuel Currilin, que também era dono do Cinema Ideal, Oriente e Popular, além do jornal *“O Comércio”*. Nascido em 1886 na cidade de Blumenau,

⁸² Ver: GATTARI, Félix/ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

⁸³ WAGNER, C. *Para Pequenos e Grandes: primeira serie de palestras moraes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1926, P. 64.

⁸⁴ Jornal *O Comercio*. Itajaí, 29/09/18, P. 03.

transfere-se para Itajaí em 1908, fundando a Casa Immanuel Currilin; três anos depois conclui seu curso técnico na Alemanha⁸⁶.

Isso aponta para a tentativa de um investimento numa leitura de formação preocupada em constituir sujeitos virtuosos e “*moralmente*” preparados para a vida moderna. Esse discurso está se inscrevendo numa determinada elite que, além de deter uma cultura letrada, preocupa-se em constituir um espaço de distinção através da leitura e ordenar com a literatura sujeitos capazes de conduzir suas vidas tendo na “*boa leitura*” um instrumento de orientação.

As apropriações das leituras podem nos indicar alguns caminhos interessantes quando colocadas à público com o intuito educativo. É também possível perceber alguns livros que circulavam em Itajaí nas primeiras décadas do século XX como apropriações de um leitor preocupado com a leitura enquanto elemento formador dos sujeitos.

O artigo publicado no jornal “*Itajahy*”, de autoria de Mascarenhas Filho (diretor do mesmo jornal), indica aos leitores qual “*A utilidade duma boa leitura*”, encontrando-se aí uma forma de apropriação da leitura e de como ela vai se endereçar e apropriar-se de outrem:

“A boa leitura não só deleita, como instrui.

Os individuos que não sofrem de preguiça intelectual e fazem leitura são, conhecem os prazeres que esta preocupação proporciona ao espirito, gozos bem mais superiores que todos os prazeres materiais.

Uma única hora de leitura representa duas ou três de áspera materialidade, em que se gastam os nervos e se depaupera a saúde.

O prazer da leitura, quando metódico e conveniente, é manso e agradável, duma serenidade de água corrente, sem grandes vagas, sem onomatopéias estardalhantes; consola, conforta o espirito; retempera o ânimo abatido no trabalho, que é a luta dolorosa pelo pão; desvenda-nos mundos novos, ignorados, que os prazeres outros não desvendam; não cansa o corpo nem aniquila a vontade, antes os

⁸⁵ MOTTA, Othoniel. *Duas Palavras*. Apud. WAGNER, C. *Para Pequenos e Grandes: primeiras palestras moraes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Companhia Nacional, 1926, P. 05.

⁸⁶ Carta enviada por Evaldo Currilin, filho de Immanuel Currilin, ao Arquivo Histórico de Itajaí. Fundo de biografias do Arquivo Histórico de Itajaí.

encouraja; revigora-nos as faculdades do raciocínio e da ação; aumenta-nos, higienisa-nos a soma dos conhecimentos, quando pouca e má.

Raros são os que sabem ler. Ler é uma arte, tanto ou mais do que escrever. Há, ainda, os que lêem, mas não sabem o que lêem: esta classe é pior do que a primeira.(...) São casos interessantes, reveladores de uma deplorável educação. Não creio que a pessoa sabendo ler tenha horror aos livros, porque os livros, quando bons, educam distraindo.

Aprender a ler EM livro é uma coisa, aprender a ler UM livro é outra. Vejamos como se aprende a ler UM livro.

Para isso conseguir-se é necessária uma educação gradativa, organizada com vagar, sem pressa, com método e inteligência. Vou dizer como consegui ler as obras de Camilo, Herculano, Ruy (Barbosa), Voltaire, Rousseau, Bossuet, Racine, Cervantes, Rodo, Ingenieros, Manzoni e outros otimates do pensamento universal, com a indispensável capacidade de compreensão e raciocínio.(...) os livros proibidos de Zola, Eça, Julio Ribeiro, Catulle, Mendès, Guy de Maupassant, Sórora Marianna, Thereza de Jesus, Salomão e outros próceres da escola realista de todos os tempos.

Houve um intervalo: meditei longamente sobre tudo que lera e verifiquei ter aproveitado muita coisa. Na dúvida, voltei a ler os livros que não compreendera bem. Feito o que, já com um gosto apurado pela leitura, sabendo distinguir entre as obras más e as boas, capaz de emitir uma opinião sobre qualquer delas, investi contra a bagagem filosófica de Voltaire, Rousseau, com escaladas pelo 'Larousse' – o melhor dicionário francês.

Dai a meditar sobre Schopenhauer, Kant, Calvino, Lutero, Chateaubriand, Haeckel, Spencer, Darwin, Renan, Farias Brito e uma infinidade de publicistas 'díficeis' das cinco partes do mundo, foi obra do tempo. Dos filósofos que conheço só não pude compreender dois e estes são: Einstein e Comte.

Vêm, pois, os que ainda não dormiram ao ler esta crônica, que a leitura, desordenada a princípio, depois metódica, foi-me duma imensa utilidade, subtilizando-me, apurando-me o espírito. Tu, leitor amigo, aprende a ler, não a ler EM livro, mas a ler UM livro.

Ler nos livros, qualquer individuo pode isso conseguir, mas ler UM livro e compreendê-lo, eis aí a matemática⁸⁷.

⁸⁷ Jornal *Itajahy*. Itajai, 21/10/23, P. 02.

Mascarenhas Filho, ao aconselhar leituras, não poupou a ele próprio ser o exemplo de boas leituras, dado que lhe “*conforta o espirito*”, tornando-se uma espécie de espelho a ser seguido. Não vou me deter a um certo apelo narcísico do autor, mas seu texto serve como ponto de partida para uma análise da apropriação das leituras que um determinado grupo social estava fazendo em Itajaí.

Suas leituras indicam a necessidade de forjar uma cultura ilustrada, onde as letras constituem-se num capital cultural, que faz circular entre um grupo uma cultura burguesa: ler Rousseau, Schopenhauer, Kant, Calvino, Lutero e Voltaire sugerem a formação de um leitor imbuído dos preceitos do pensamento humanista. Imprimir numa página de jornal suas leituras demonstra o cuidado de Mascarenhas Filho em incluir-se numa simbologia na qual ler estabelece um território, um lugar de distinção social e cultural.

Autores como José Ingenieros⁸⁸, Herbert Spencer, Renan⁸⁹ e Darwin faziam parte das leituras de Mascarenhas Filho, tornando-se desse modo leitor de boa parte dos autores naturalistas e racialistas do século XIX, além de estar antenado com as discussões acerca do evolucionismo e do evolucionismo social atribuído a Spencer, o próprio naturalismo de Emile Zola e, no Brasil, com Júlio Ribeiro, aproximando-lhe as discussões sobre a adaptação racial dos indivíduos.

O texto de Mascarenhas é endereçado aos que detêm uma cultura letrada, que lêem os jornais com certa frequência. Seu artigo ganha uma tônica pedagógica, ocupando-se em ensinar seus leitores a ler “*Um livro*” e não a ler “*Em livro*”. Utilizando-se de sua própria formação enquanto leitor, indica caminhos aos leitores do jornal a fim de fazerem uma “*boa leitura*”, além de como devem ler um livro.

O que o autor está sugerindo aos seus leitores é um ritual gestual necessário para a “*boa leitura*”, ou seja, o ato de ler torna-se uma operação de caça, onde o leitor busca e produz um sentido para sua leitura. Mascarenhas Filho, em seu artigo, produz um sentido

⁸⁸ José Ingenieros era um autor relativamente lido em Itajaí na década de 20. Ainda hoje livros de sua autoria são encontrados num sebo de Itajaí, oriundas de bibliotecas particulares vendidas ao sebo, fato que aponta para uma relativa circulação desse tipo de literatura em Itajaí entre as décadas de 20 a 60.

⁸⁹ Sobre Renan, ver TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros: A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Vol. 01. Tradução: Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

para suas leituras dando significado a elas, significado este que pretende incrustar nos sentidos dos leitores e na própria cidade.

A matéria assinada por Mascarenhas Filho articula-se, de certa maneira, a um esforço em investir sobre uma leitura de formação e, ainda, constituir espaços que possam inserir o leitor ao contato com obras literárias que possibilitem constituir sujeitos que apropriam-se dessas representações. Não era apenas desejo de incentivar a leitura, mas produzir leitores, investir sobre os corpos uma gama de representações, de escritos para que estes se apropriassem do mesmo, dando materialidade a leitores que iriam se constituir como sujeitos através da leitura de formação⁹⁰.

No mesmo ano de 1923, o jornal “*Itajahy*” reclama a falta de um espaço para fomentar uma leitura que viesse a contribuir com a formação dos itajaienses:

“Ressente-se a cidade, atualmente, da ausência dum centro ou grêmio de leitura organizado, onde a nossa juventude pudesse empregar, agradável e utilmente, as suas folgas, ao invés de as empregar em pontos que se discutem assuntos de nenhuma transcendência.

Existiu, nos áureos tempos, um grêmio destinado a esse gênero de cultura mental, que se chamou ‘Grêmio 3 de maio’.

Como tudo mais nesta terra, a idéia foi de pronto posta em prática e, durante alguns anos, proporcionou a sociedade local ótimos frutos, logo depois bichados por imperícia no tratar aquela magnífica árvore, cuja decadência acabou sendo confirmada aos poucos até ser completa(...) Somos, entretanto, dos que ainda se iludem com o reflorescimento do antigo grêmio, ao qual se imprimiria ordem, um programa todo mental, que facultasse escolhida e educativa leitura aos seus associados, que prescrevesse a realização periódica de sarais literários, como preleções sobre datas e homens consagrados pela nossa história, homenagens cívicas, leituras de poesias e prosas dos nossos culminantes homens de letras, tudo visando educar paulatinamente o espírito da nossa mocidade, inculcando-lhe uma inclinação mais sensível pela literatura, pela arte em geral(...)

Está aí uma lembrança que endereçamos a quem de direito, certo que apenas cumprimos um dever, precisamente no momento em que todos necessitamos de ilustração, senão muita e generalizada, ao menos

⁹⁰ Sobre a leitura de formação vale referendar: CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução: Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

bastante regular e especializada, para nosso próprio valimento na crise financeira e social que o mundo atravessa atualmente.

*Qualquer campanha, pois, iniciada pela imprensa local, nesse sentido, só pode ser útil para os Itajahyenses*⁹¹.

A leitura situa-se num investimento sobre os indivíduos que, segundo o articulista, necessita de “*ilustração*”; é o desejo de constituir um espaço de distinção onde ler torna-se caminho para uma elite garantir a posse de um mecanismo de poder. Dominar os mecanismos da leitura representa a garantia de uma forma de dominação, desde quando uma maquinaria escriturária tornou-se uma forma de legitimar discursividade que atribui poder a uma ordem jurídica, política e econômica.

Por mais que haja um esforço em instituir a leitura como um elemento de distinção, parece haver uma ausência de entrosamento entre o texto de Mascarenhas Filho e o hábito de leitura, pois, reclamava-se a inexistência de um centro de leitura em Itajaí. A leitura parecia não ser mais a prioridade daqueles que detinham uma cultura letrada, era preciso organizar espaços destinados a formação de leitores constituídos por uma leitura de formação.

Criar espaços para o uso da leitura representa uma forma de produzir esses mecanismos de poder. O jornal “*O Pharol*”, em 1926, destacou em primeira página a criação do “*Grêmio do A B C*”, associação que tinha como finalidade divulgar a leitura na cidade. O articulista não poupou elogios à iniciativa de Jayme Vieira⁹² e Ignácio Bastos:

“Um grupo de jovens e cavalheiros apreciadores das boas letras e dedicados ao estudo, organizaram nesta cidade um grêmio literário a que denominaram ‘Grêmio do A B C’. A sessão inaugural da nova associação teve lugar 2ª feira última na residência do Sr. Jayme Vieira e foi presidida pelo brilhante literato e jornalista Ignácio Bastos. Propõe-se a recém-fundada agremiação esforçar-se pelo desenvolvimento do gosto literário entre os jovens, fazer propaganda dos bons livros e bons escritores, propugnar entre os associados pelo conhecimento e estudo do vernáculo, realizando semanalmente todas

⁹¹ Jornal *Itajahy*. Itajaí: 03/06/23, P. 02.

⁹² Jayme Vieira foi, juntamente com Juventino Linhares, idealizador do *Anuário de Itajahy para 1924*, que trazia em suas páginas uma preocupação com a formação de indivíduos dentro dos signos de civilidade e boa conduta no convívio social. A criação do *Anuário* pode ser entendida como um investimento na leitura de formação, pois, trazia textos de intelectuais como Rui Barbosa, Olavo Bilac, Coelho Netto, etc.

*as segundas-feiras, uma sessão ordinária, na qual serão lidas, apreciadas e discutidas diversas páginas literárias, artigos de jornais, poesias, etc. O 'Grêmio do A B C' já conta com regular número de sócios e promete tornar-se uma sociedade vitoriosa, pois raro é o dia em que os seus fundadores não recebem pedidos de novas adesões tendo já lhes sido transmitidas muitas manifestações de estímulo e simpatia*⁹³.

Os investimentos numa leitura de formação não se restringem apenas nos grêmios de leitura: colocam-se nas bibliotecas particulares e a posse do livro, conseqüentemente do ato de ler, instituem um lugar de distinção social. Para a elite política de Itajaí, conduzir seus filhos para capitais como São Paulo⁹⁴ ou Rio de Janeiro não era suficiente, fazia-se necessário possuir uma biblioteca atualizada com as discussões intelectuais da década de 20.

Possuir e manter uma biblioteca no final do século XIX até a primeira metade do século 20 constituía-se na posse não só da fonte de informação e saber, mas na posse de um bem relacionado nos inventários como parte da herança deixada aos familiares. Essa prática corriqueira na Europa, desde o século XVIII, tornou-se uma prática bastante utilizada no Brasil, principalmente entre médicos e advogados⁹⁵.

A posse de livros e a formação de bibliotecas particulares fizeram-me ponderar sobre o assunto: onde encontrar livros que por ventura pertenceram a essa elite letrada de Itajaí? No Arquivo Histórico de Itajaí encontrei algumas pistas que poderiam me indicar algumas formas de posse da leitura⁹⁶ e da apropriação de uma cultura burguesa nas primeiras décadas do século XX.

⁹³ Jornal *O Pharol*. Itajaí: 04/09/26, P. 01.

⁹⁴ Encontrava-se nesse período cursando Direito em São Paulo (Universidade de São Paulo) Alexandre Marcos Konder, filho de Marcos Konder, que com frequência escrevia artigos para o jornal Itajahy.

⁹⁵ Sobre essa problemática, ver FERREIRA: Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. *Bibliotecas de Médicos e Advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar*. In: ABREU, Macia (Org.) *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: Fapesp, 1999, pp. 313-333.

⁹⁶ No arquivo histórico de Itajaí encontrei revistas vindas da Alemanha, revistas de bordado oriundas da França e ainda as revistas de circulação nacional como *Ilustração Brasileira*, *revista do Brasil*, *o Almanaque Eu sei Tudo* etc., o que denota uma cultura letrada atendida com uma literatura que circulava a nível nacional e mesmo internacional. No arquivo encontrei partituras musicais, indicando o uso freqüente de instrução musical nas famílias pertencentes a essa elite que se constituía como distinta através de uma cultura burguesa.

Procurando mais elementos para entender como os leitores formavam suas bibliotecas, acabei por encontrar alguns indícios sugestivos quando procurei analisar o acervo de um sebo⁹⁷ da cidade, que freqüente com certa regularidade. A Livraria Casa Aberta adquire acervos de bibliotecas particulares, o que a torna um espaço de pesquisa alternativo, ampliando minhas possibilidades de interpretação acerca dos investimentos sobre a leitura em Itajaí na década de 20.

Nos estoques da Livraria Casa Aberta encontrei uma lista de livros que pertenceram ao Sr. João Manoel Amaral Pereira⁹⁸. Trazia a seguinte informação: “*Livros da biblioteca de ‘Marcos Konder’ que me foram presenteados pelo Sr. Walter Konder Fleischmann em julho de 1962 e março de 1965*”. Duas possibilidades de interpretações se fazem presentes: primeiro, a posse de uma biblioteca ainda se faz de modo a ser herdada, ainda que doada como no caso do Sr. João Manoel.

Outra possibilidade é através da lista dos livros que pertenceram a Marcos Konder. Rastrear as possíveis leituras feitas por este político que se aventurou no meio intelectual⁹⁹ revelou-me que o uso da cultura letrada tomava-se elemento fundamental para criar uma visibilidade pública. Dos livros relacionados de sua biblioteca, quase 250, é possível percorrer seu universo de leitura e o campo simbólico ao qual estava imerso. Sua biblioteca continha livros diversos, desde relatórios municipais, romances, livros de história, economia, sociologia, antropologia, arte, etc., o que aponta para um leitor preocupado com as discussões intelectuais presentes até a década de 30. Entre livros como “*Paisagens Brasileiras*”, de Visconde de Taunay (ao qual o leitor devia ter predileção, possuindo boa quantidade de obras do autor), encontram-se também autores como Hans Staden, Ramalho Ortigão, Saint Hilaré, Rocha Pombo, Plutarco, etc., além de obras como

⁹⁷ Refiro-me a Casaberta Livraria Alternativa, um sebo em Itajaí que freqüente regularmente e que auxiliou-me a entender como se dava a circulação de livros em Itajaí. Seus acervos compreendem livros de bibliotecas particulares, o que propiciaram-me entender como se dava a constituição de uma biblioteca voltada à leitura de formação.

⁹⁸ Era filho do comerciante Elisiário Pereira, proprietário de um armarinho em Itajaí nas primeiras décadas do século XX. Foi idealizador do Museu e Arquivo Histórico de Itajaí. Tentou criar uma biblioteca que se chamaria *Biblioteca 10 de julho*. A ficha catalográfica dos livros trazia o seguinte dizer: *Criar uma biblioteca numa casa é dotá-la de alma (Cícero)*.

⁹⁹ Marcos Konder editou alguns livros como *A Pequena Pátria*, *Lauro Müller (Prêmio Álvaro Lobo)*, *O Município de Itajaí*, *Deutsche Kolonization in Santa Catarina*, etc. Dos textos citados, tive acesso apenas *A Pequena Pátria* e *Lauro Müller*.

“*Casa Grande & Senzala*”, de Gilberto Freyre; “*As Origens do Homem Americano*”, de Paul Rivet; “*Ruy, o Estadista do Brasil*”, de João Mangabeira; “*O Problema da Raça*”, de Rodrigues de Meréje; “*Bandeirantes e Pioneiros*”, de Vianna Mogg; “*Breviário da Bahia*”, de Afrânio Peixoto¹⁰⁰.

Estes livros indicam o contato destes leitores com os debates que circundavam os meios intelectuais na década de 20, demonstrando que a elite política de Itajaí estava atenta com o que estava em debate nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Marcos Konder parecia muito atento à produção cultural desses centros, principalmente o Rio de Janeiro. Era leitor de revistas como a “*Columbia: Revista Latino-Americana de Cultura*”¹⁰¹, editada em maio de 1929, contendo artigos de literatura e um artigo de Afrânio Peixoto, “*Milagre de Nosso Tempo*”, sobre Santa Teresa de Lisieux.

Marcos Konder constituíe-se num leitor que representa a prática com a escrita e com a leitura de uma elite que está se forjando e que precisa deixar suas marcas na cidade e mesmo nos leitores: através dos investimentos numa leitura de formação, procuram deixar nos corpos essas marcas, os ritos da leitura, onde leitor e livro vão estabelecer um jogo em que as estratégias e as táticas vão se colocar nas páginas dos livros.

A circulação de livros em Itajaí, ainda que restrita a um grupo específico, demonstra um cuidado com a escolha dos livros, que eram comercializados na redação do jornal “*O Pharol*” ou mesmo na “*Casa Currlin*”. Era possível encontrar livros como “*Discursos às estrelas*”, de Plínio Salgado; “*Gramática Expositiva*”, de Eduardo Carlos Pereira; “*Uma Política de Imigração*”, de Carlos Martins; “*As Quintas*”, de Coelho Netto¹⁰², indicando uma predileção por uma literatura sintonizada com as discussões políticas dos anos 20 e principalmente com a formação intelectual dos sujeitos. Assim como forjar através da leitura indivíduos possíveis de perfeição, a “*boa literatura*” constitui-se como uma faceta no desejo de investir sobre os corpos a possibilidade de perfectibilidade que se articula à idéia de regeneração dos corpos.

¹⁰⁰ A lista com a relação dos autores e livros encontra-se nos acervos da Livraria Casaberta, em Itajaí.

¹⁰¹ Esse exemplar encontra-se nos fundos do Arquivo Histórico de Itajaí.

¹⁰² Esses livros fazem parte do acervo da Livraria Casaberta em Itajaí.

Os livros que circulam em Itajaí nos anos 20 compreendem um cuidado com a sexualidade, com o comedimento dos corpos, o comportamento em público, na formação de um indivíduo virtuoso e moralmente *“preparado para vida”*. A leitura como uma estratégia para forjar indivíduos, para constituir uma sociedade possível de perfectibilidade, moldada pelas letras, vai incrustar-se no imaginário, caracterizando uma escrita dos corpos e da cidade legitimando uma política de embelezamento.¹⁰³

Primar por sujeitos perfeitos é idealizar corpos saudáveis, fortes e que tenham *“fino trato”*. A literatura também vai se ocupar em *“polir”* os indivíduos para que possam também moldar suas condutas, criando todo um ritual para o convívio social. Livros como *“Tratado de Civilidade e Etiqueta”*¹⁰⁴, editado em Lisboa, circulavam na cidade. Este livro contém um desejo em normatizar desde a maneira de como cumprimentar às fases do namoro, noivado e pedido de casamento. Em suma, as condutas em público. Vejamos o que o *“Tratado”* sugere para o cumprimento:

“Na rua, o homem cumprimenta tirando o chapéu.

A mulher corresponde, inclinando a cabeça.

O homem deve tirar o chapéu, com um gesto natural, sóbrio e elegante, sendo possível.

Cumprimenta-se todas as pessoas que se conhecem e mesmo as que só de vista conhecemos, por tê-la encontrado em companhia de amigos nossos, ou em casa destes.

O homem deve sempre cumprimentar o seu superior hierárquico.

Não se cumprimenta, mais de uma vez, com pequeno intervalo, a mesma pessoa.

*É preferível não atrair a atenção com repetidas saudações, que podem parecer importunas”*¹⁰⁵.

O cumprimento demonstra a preocupação com as condutas em público, a maneira como se vai inscrevendo as noções de civilidade¹⁰⁶, como esse processo se desencadeia

¹⁰³ Ver: FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Fronteiras Celibatárias: nação, corpo e etnia*. In: *História: Fronteiras*. Florianópolis/São Paulo: Humanitas, Vol. II, 1999.

¹⁰⁴ GENÇÉ, Condessa de. *Tratado de Civilidade e de Etiqueta*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães, s/d.

¹⁰⁵ Idem. P. 05-07.

tendo nas condutas e na normatização dos corpos seu lugar social. A educação é dos temas abordados pela “*Condessa*”, observando-se a necessidade da formação das crianças com uma precaução em forjar, através de condutas refinadas, um espaço de distinção social.

“Tanto mais alta é a nossa posição social, tanto mais amáveis e delicados nos devemos mostrar para com os modestos e humildes.

Os corações bem formados, as pessoas verdadeiramente educadas, não se envaidecem com a superioridade da sua posição social, nem dela se servem para humilharem os outros. Só as almas pequeninas sentem o deslumbramento das grandezas humanas”¹⁰⁷.

A distinção social nessa fala é legitimada pela “*Condessa*” no momento que sugere a “*humildade*” como forma de se distanciar da vaidade, o que acaba reforçando a idéia de superioridade em relação ao outro, conduzindo uma fala onde moral e caráter perpassa as entrelinhas do texto.

O segundo capítulo do “*Tratado*” sugere pensar como se estabelece uma relação de poder num plano microfísico. Cita como se deve estabelecer as relações entre “*discípulos e professores, pais e professores e*”, o mais intrigante, “*patrões e criados*”, o que pode remontar até mesmo a uma questão de “*classes*”; a autora procura dar o encaminhamento para legitimar uma relação de poder que se constitui entre os criados e patrões. Pensar que essa categoria literária estava circulando em Itajaí e lidas por aqueles que detinham uma cultura letrada e que pertenciam a uma elite que na década de 20 estava se firmando no cenário político local e nacional, faz-me acreditar que possivelmente utilizavam regras semelhantes para relacionar-se com seus criados e/ou empregados.

Nas regras colocadas pela “*Condessa*” no que diz respeito a relação entre “*criados e patrões*”, circunscreve um método de tratamento com os “*criados*” onde este deve ser esquadrihado pelo “*patrão*”, sugerindo o cuidado com a saúde, alimentação, alojamento, quando devem sair, o traje, como servir a mesa e como lidar com criados estranhos, aconselhando inclusive como proceder para despedir um “*criado*”.

¹⁰⁶ ELIAS, Norbet. Op. Cit.

¹⁰⁷ GENCÉ, Condessa. Op. Cit. P. 16.

*“Devemos dar oito dias ao criado que desejamos despedir para ele procurar outra casa. Só um motivo grave, nos pode dar o direito de despedir bruscamente. Da mesma forma, o criado não pode sair de repente, e deve ao amo os mesmos oito dias para procurar que o substitua”*¹⁰⁸.

Manuais como este estão conduzindo, dando forma a uma cultura burguesa em Itajaí onde os investimentos na leitura estão forjando práticas sociais que compõe uma nova escrita, uma nova conduta social, novas formas de distinção em público. Na escolha dos livros que conduziam o ensino escolar, eram utilizadas edições cobertas por uma certa “aura” como a *“Anthologia Nacional ou Collecção de Exerptos dos Principaes escriptores da Língua Portuguesa”*, de Fausto Barreto e Carlos De Laet, que indicava ser *“Adoptada no Collégio Pedro II, na Escola Normal do Districto Federal, no Collégio Militar e em outros estabelecimentos de ensino d’esta Capital como dos Estados”*¹⁰⁹. Encontrava-se também, de Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, *“Poetas Brasileiros”*, editado pela Livraria Garnier¹¹⁰, que funcionava em Paris e no Rio de Janeiro. Estas obras demarcam o cuidado com o ensino das letras e com a formação do leitor.

O cuidado com a leitura de formação conseqüentemente está articulado a necessidade de uma sistematização da educação e mesmo na alfabetização, projetando a formação de sujeitos moral. Exemplo disto são as cartilhas da série Fontes, organizado por Henrique da Silva Fontes, que entre 1919 e 1925 foi diretor de Instrução Pública do Estado (Henrique da Silva Fontes constitui-se num intelectual ocupado em produzir um sentido para educação em Santa Catarina, inscrevendo através da moral e do civismo¹¹¹ uma escritura nos corpos. No primeiro livro da série editado em 1920, entre várias lições que se ocupavam com a moral, uma tratava da *“Gula, avareza e liberdade”*, remetendo a idéia de comedimento: na história, três irmãos Artur, Bruno e Carlos, haviam ganho, cada um, uma lata de doces. Artur não repartiu seus doces, logo sofreu *“uma grande indigestão”*; Bruno comeu uma parte dos doces e escondeu o restante num baú, os ratos roeram os doces e uma

¹⁰⁸ Idem. P. 22.

¹⁰⁹ BARRETO, Fausto e DE LAET, Carlos. *Anthologia Nacional ou Collecção de Exerptos dos Principaes escriptores da Língua Portuguesa*. 11ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.

¹¹⁰ OLIVEIRA, Alberto de e JOBIM, Jorge. *Poetas Brasileiros*. Paris/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1921.

¹¹¹ Sobre a Série Fontes e a educação em Santa Catarina ver: SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. Protocolo do Bom Cidadão – Série Fontes: Lições de moral e civismo na organização da educação em Santa Catarina (1920-1950). (Dissertação de mestrado) Florianópolis: Ufsc, 1997.

roupa nova. Carlos fora o único que repartiu seus doces, a começar pelo pai e mãe, logo “*a Carlos nenhum mal sucedeu, porque tinha sido moderado e franco. (...) Artur era um menino guloso; Bruno era avarento; Carlos era liberal*”.¹¹²

A leitura de formação insere-se na educação a partir da década de 20 como tentativa de um investimento sistemático na formação de sujeitos que através da formação moral possam se tornar “*preparados para a vida*”. Leitura articulada a moral, caráter e comedimento interpenetram na sexualidade, objetivando na leitura a constante formação dos sujeitos, pretendendo-se fixar no corpo essas leituras como livros que constituem-se um “*Index de conduta*”¹¹³.

Um livro bastante interessante circulava em Itajaí no anos 20, “*Gravidez e Parto*”, escrito pelos médicos William Schaft e Ricardo D’ella, sendo o segundo o “*único médico autorizado a clinicar sem passar pelos exames a que estão sujeitos os outros médicos estrangeiros*”. Editado em 1925, este livro traz alguns pontos interessantes, procurando ensinar às mulheres como cuidarem-se na gravidez e dos bebês recém-nascidos. As preocupações do texto não estão meramente em cuidar da gravidez e do bebê, mas em produzir uma assepsia do corpo, ou seja, cada parte do corpo deve ser limpa, higienizada e asseada.

Um trecho do livro dedica-se a higiene, intitulado “*Conselhos Práticos Necessários sobre a Higiene na Gravidez*”. Inicia lembrando que a mulher grávida não é doente, mas encontra-se em condições especiais e deve, assim, manter-se num rigoroso regime higiênico. A mulher deve ter, a partir de então, um “*método de vida*”, assim sugerido: “*Passeio matinal e ao ar livre, sem chegar ao cansaço. Evitar subir e descer rapidamente as escadas e os esforços bruscos. Proibir-se a dança, os saltos, o cavalgar, a corrida, a bicicleta e as longas viagens por estrada de ferro ou em automóvel, máxime na*

¹¹² *Primeiro Livro de Leitura (Série Fontes)*. Florianópolis: Tipografia Livraria Central, 1940, PP. 58 a 60.

¹¹³ Aqui uso a expressão para exemplificar a constituição de uma listagem de livros “autorizados” para uma leitura que pretende constituir corpos educados numa norma de conduta.

época da menstruação, sendo indispensável permitir-se a viagens em pequenas etapas, e se sobrevierem dores, repouso no leito”¹¹⁴.

Percebo que este receituário para a mulher está de certo modo relacionado com aquilo que se deseja ou se idealiza: a mulher quando grávida está em estado de fragilidade, despertando ao seu estado mais natural, o mais próximo possível da sua essência, da sua “*naturalidade*”. Dessa maneira, reforça-se a idéia de fragilidade da mulher como algo que fosse da sua patologia, por isso da sua natureza, e que está servindo aqui como uma forma de ordenação dos espaços sociais e dos papéis sexuais, o que já vinha sido amplamente discutido, inclusive na literatura, desde o final do século XIX¹¹⁵.

Ainda sobre o mesmo assunto, fazia-se referência a higiene do sistema nervoso, o que nos ajuda a pensar a constante necessidade de higienização dos corpos e mesmo sua eugeniação. Afirmavam que a higiene do sistema nervoso era do “*máximo interesse pelo lado médico-legal*”, e essa afirmação estava fortalecendo a ordenação do espaço feminino e sua fragilidade que se aguçava com o “*estado de gravidez*”. “*A mulher grávida é muito mais impressionável. Deverá evitar emoções morais violentas, as discussões vivazes, a cólera, os sustos (influencia das impressões maternas sobre o regular e normal desenvolvimento do feto)*”¹¹⁶. Essas leituras tornam-se uma espécie de manual produzindo um efeito ao qual os sujeitos possam ter um auto controle do corpo, dos sentidos, ou mesmo das ações.

Quando coloquei esse tipo de literatura como de formação, pode-se crer que esta categoria de leitura não estava apenas dedicando-se à saúde na gravidez ou apenas ao corpo feminino; ela se investe tanto ao corpo feminino quanto ao masculino, que também está sofrendo uma intervenção dessas leituras, como o livro “*Tu e Ella*”, de Hardy Schilgen, que chegou ao Brasil em 1929. Traduzido por D. Pedro Roeser (Abade de Olinda), e aprovado pelo censor, Pe. José Procópio de Magalhães, o texto vai ocupar-se em “*ensinar*”

¹¹⁴ SCHAFT, William e D’ELLA, Ricardo. *Gravidez e Parto*. 2ª edição. S/cidade de origem, s/editora, 1925, PP. 14-15. Os livros utilizados para esta parte do texto foram encontrados no sebo, onde é possível encontrar alguns fragmentos de bibliotecas particulares que me ajudam a entender algumas leituras que podiam estar sendo feitas em Itajaí e assim entender como o desejo de perfectibilidade se introduzia nas leituras de um grupo letrado na cidade.

¹¹⁵ Ver: RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Ed. Fittipaldi, s/d.

¹¹⁶ SCHAFT, William e D’ELLA, Ricardo. Op.Cit.

como os jovens devem comportar-se com relação à sua sexualidade, pois temas como namoro, prostituição e castidade preenchem suas páginas. Gostaria de ressaltar dois trechos em que o livro vai tratar do namoro e da prostituição, onde se percebe essa preocupação com o comedimento, com a virtude e com a moral, articulando-se a um discurso religioso:

“Deus adornou a virgindade de indescritível graça. É a patina sutil das coisas não profanas, que cobre todo seu ser, esta integridade, esta voluntária reserva aliando uma espécie de intangibilidade com verdadeira amabilidade, e manifestando-se num porte cheio de dignidade e nobre modéstia. O seu afeto eleva o homem e lhe instila reverência diante da dignidade feminina¹¹⁷. Temos ainda de nos ocupar, embora resumidamente, com a mais deplorável aberração do apetite sexual, a saber, a que procura saciar-se na freqüência imoral de pessoas decaídas”¹¹⁸.

O capítulo da *“satisfação solitária”* parece representar melhor a forma como um discurso acerca da sexualidade e do comedimento vai sendo inscrito nos sujeitos. A masturbação é descrita da seguinte maneira:

“É verdade, que as conseqüências funestas não se fazem sempre sentir do mesmo modo. Mas demasiadamente repetido, o crime faz desaparecer o vigor corporal e intelectual; o exterior torna-se pálido, cansado e abatido; os olhares esgazeados e incertos. Os traços murchos, moles e cansados destas tristes figuras traem freqüentemente, com demasiada clareza, o crime contra a fonte da vida”¹¹⁹.

O cuidado do corpo com a sua integridade, neste caso, ocupa-se em comeder a sexualidade a fim de constituir corpos revestidos de uma discursividade onde a pureza seja o caminho para a perfeição. O controle dos sentidos estão sendo vigiados e controlados por um discurso que se incorpora nos sujeitos nos seus sentidos, nos desejos, na sexualidade¹²⁰.

¹¹⁷ SCHILGEN, Hardy. *Tu e Ella*. São Paulo: Melhoramentos, s/d, P. 63.

¹¹⁸ Idem. P. 84.

¹¹⁹ Idem. P. 40.

¹²⁰ A partir do final do século XIX, um mecanismo de poder, de controle dos indivíduos, através dos discursos acerca da sexualidade, são utilizados como forma de dominação que está preocupada em incluir os indivíduos a este discurso ao invés de excluir, o que o torna mais homogeneizador. Ver: FOUCAULT, Michel. *História*

Essas leituras tornam-se páginas transferíveis, fixadas nos corpos dos leitores que se deseja forjar, leitores que irão produzir uma “*escrita de si*”¹²¹ e que irão se apropriar desses textos das mais diversas maneiras, formas e usos, demarcando um território de intimidade entre o livro e o leitor na qual as letras impressas sejam o condutor, o porta voz, o movimento, o gestual, o roteiro para a vida.

Ler e apropriar-se dessas leituras são elementos substanciais para a formação de corpos perfeitos, de indivíduos que contribuam para definir a “*raça*”. A preocupação em fazer da leitura o lugar de internalização dos discursos entrecruzam-se para constituir um indivíduo próximo da perfeição que molde o corpo e faça do ato de ler um exercício de autocontrole, pois:

*“...a leitura se tornou há três séculos uma obra da vista. Ela não é mais acompanhada, como antigamente, pelo ruído de uma articulação vocal nem pelo movimento de uma mastigação muscular. Ler sem pronunciar em voz alta ou a meia-voz é uma experiência ‘moderna’, desconhecida durante milênios”*¹²².

Observa-se que a leitura tornou-se algo comedido, internalizada de maneira solitária e incorporada sem ruídos, no ranger das palavras, imprimindo-se nas casas, nas ruas, nos corpos, nos sentidos, a cidade inscrita e escrita nos gestos, nos olhares, nas feições, nas rugas, nas linhas de uma existência e no traçado da cidade.

O leitor traça seu mapa, organiza sua própria cartografia tanto na cidade como no texto, elabora seu percurso, deixa suas marcas, produz um percurso no livro. Desse modo, um outro texto está sendo confeccionado: anotações e trechos sublinhados fixam um outro território, um lugar que não mais o mesmo texto produzido pelas estratégias, “*...os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los*”¹²³.

da Sexualidade Vol. 01. 11ª edição. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

¹²¹ Ver: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 3ª edição. Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Portugal: Vega, 1992.

¹²² CERTEAU, Michel de. Op. Cit. P. 271.

¹²³ Idem. P. 270.

O livro de C. Wagner, *“Para Pequenos e Grandes”*, tornou-se uma espécie de artefato: ao folheá-lo, fui encontrando alguns fragmentos, marcas deixadas por *“Mauro”* (possível leitor). No meio da sua leitura, frisou *“Disciplina: O fator principal de uma vida sossegada”*¹²⁴. *Obrigações gerais humanas, registro e reconhecimento*¹²⁵. *O respeito termina onde a dignidade começa*¹²⁶.

No capítulo VIII, *“Sê Forte”*, ele sublinha *“Um homem reúne em si uma grande quantidade de forças de toda a natureza: físicas, intelectuais, morais. (...) exercitar e aplicar”*¹²⁷. Ainda no mesmo capítulo:

*“Um homem deve ser livre de todo o hábito exigente, de toda necessidade supérflua, não se torna escravo nem do fumo, nem de bebida, nem da mesa, nem das paixões violentas. (...) E depois pratica a disciplina interior, a dos homens livres que tem como lei a consciência e a vontade refletida. Ser um tal homem, forte de vontade, corajoso, moderado, a dirigir-se de acordo com a justiça, a verdade: ponde isto como ideal de vossa juventude”*¹²⁸.

É provável que *“Mauro”* tenha colocado essas anotações como ideal, pois nos dá impressão que fez desse livro um receituário para constituir-se como indivíduo de moral *“inabalável”*. Observe que o homem livre é aquele corajoso e moderado, pautando a moderação enquanto perfeição. Interessante o fato de que o texto sublinhado por *“Mauro”* produziu um efeito onde, no momento em que sublinhava o texto, imprimia esse trecho no seu corpo. Em algum gesto ou olhar, esse fragmento estaria lá, pronto para ser pronunciado e quem sabe inscrito em outros corpos ou mesmo na cidade, que na sua textualidade também seria marcada.

Alguns livros que circulavam na cidade nesse período trazem consigo discussões acerca do cuidado com o corpo e com a moral, despontando para a tentativa de moldar corpos perfeitos através da leitura e principalmente de uma literatura voltada aos cuidados com o corpo, com a sexualidade, com a moral, com o comedimento, sem esquecermos do casamento e do *“zelo”* com a saúde da família. São estas leituras de formação que

¹²⁴ WAGNER, C. *Para Pequenos e Grandes: primeira série de palestras Moraes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926. Marca de leitura encontrada na página 51, acervos da Livraria Casaberta.

¹²⁵ Idem. Marca de leitura da página, 96.

¹²⁶ Idem. Marca de leitura da página, 103.

¹²⁷ Idem. P. 67.

¹²⁸ Idem P. 78.

propõem-se em produzir um determinado desejo, uma subjetividade, a qual leitor e autor possam tornar-se íntimos num aprendizado onde o leitor orienta sua vida, seu comportamento e sua forma de interpretar aquilo que o cerca a partir das leituras e de sua interação com os escritos¹²⁹.

A leitura tornou-se um elemento fundamental para entender como se opera um investimento sobre os indivíduos na qual se inscreve nos corpos hábitos, condutas e os preceitos de formação do caráter e da moral dos sujeitos que se desejam perfeitos. Esses preceitos se faziam presentes nas páginas dos jornais que investiram na formação moral dos indivíduos, no combate às práticas sociais consideradas desregradas. À questão de como a circulação nos jornais de artigos cujos seus autores, e mesmo seus articulistas, preocupavam-se com o fortalecimento e regeneração do corpo é acrescido de um elemento bastante instigante: a moral como um elemento definidor da força, do caráter e das virtudes dos indivíduos.

Hábitos, condutas e mesmo costumes tornam-se objeto de discurso desses jornais. O jornal “*O Comércio*”, em dezembro de 1918, traz essa preocupação ao publicar um texto assinado por Rui Barbosa:

“(...) De todas as desgraças que penetram no homem pela algibeira, e arruinam o caráter pela fortuna, a mais grave é, sem dúvida nenhuma essa: o jogo – o jogo na sua expressão mãe; o jogo na sua acepção usual; o jogo, propriamente dito; em uma palavra, o jogo: os naipes, os dados, a mesa verde.

(...) Esse mal, que muitas vezes não se separa do lupanar senão pelo tabique divisório entre a sala e a alcova; essa fatalidade, que rouba ao estudo de tantos talentos; à indústria; tantas forças, à probidade, tantos caracteres; ao dever doméstico, tantas virtudes; à pátria, tantos heroísmos (...) – reina, sob a manifestação completa, em esconderijos, onde a palavra se abastarda no calão; onde a personalidade humana se despe do seu pudor; onde a embriaguez da cobiça delira cínica e obscena; onde os maridos blasfemam pragas improporíveis contra a sua honra conjugal; onde, em uma comunhão odiosa se contraem

¹²⁹ Ver: DARTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. 2ª edição. Tradução: Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1996. Aqui se pode pensar acerca de seu ensaio em que discute a construção de uma sensibilidade romântica através das leituras das obras de Rousseau, que um livreiro do século XVIII orientava a educação de seus filhos, produzindo dessa maneira uma sensibilidade romântica.

amizades inverossímeis; onde o menos que se gasta é o equilibrio da alma, o menos que se arruína é o ideal; o menos que se dissipa é tempo, - estofo precioso de todas as obras primas de todas as ações grandes.

*(...) Eis o jogo, o grande putrefador*¹³⁰.

É possível perceber a maneira de como a preocupação com o indivíduo está presente nos argumentos de Rui Barbosa¹³¹, juntamente com a idéia do caráter. Essa preocupação articula-se com o desejo de disciplinamento dos sujeitos para o trabalho, pois a idéia do caráter alinha-se ao desejo de aperfeiçoamento dos indivíduos, e para isso era importante ter autodomínio onde *“imaginava-se que as pessoas de caráter praticassem o autodomínio. O autoaperfeiçoamento implicava uma renúncia não apenas a gratificação sensual, mas também ao egoísmo estrito”*¹³².

O texto de Rui Barbosa preocupa-se com o autodomínio, chamando atenção para a renúncia do egoísmo sugerida por Richard Bellamy, onde aquele que se deixa *“absorver”* pelo jogo torna-se um egoísta, pois está *“rompendo”* com a sociedade um contrato, ou seja, a possibilidade de aperfeiçoar o coletivo.

Stuart Mill, preocupado com a liberdade e com o caráter dos indivíduos, denota como a coletividade deve interferir no uso da liberdade individual:

*“Atos de qualquer espécie que, sem causa justificável, produzem dano a outrém, podem ser refreados pelos sentimentos desfavoráveis e, quando necessário, pela interferência ativa da coletividade, e, nos casos mais importantes, exigem mesmo tal. A liberdade do individuo deve ser, assim, em grande parte limitada - ele não deve tornar-se prejudicial aos outros”*¹³³.

¹³⁰ O Jogo. In: *Jornal O Comércio*. Itajaí, 15/12/18, P. 01. Esse texto foi reeditado em 1954 pela Casa de Rui Barbosa. Publicado em língua espanhola continha discursos, artigos e conferências. Esse texto é um discurso pronunciado no Senado Federal, em 13 de outubro de 1896. Ver: BARBOSA, Rui. *Antologia*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1954, P. 216.

¹³¹ Não é minha preocupação fazer uma exposição sobre Rui Barbosa, mas perceber como essas idéias circulavam nos jornais constituindo práticas culturais e representações da mesma.

¹³² BELLAMY, Richard. *Liberalismo e Sociedade Moderna*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1994, P. 37.

¹³³ MILL, John Stuart. Op. Cit. PP. 97 e 98.

Estes discursos estão sintonizados com a noção do uso que os indivíduos fazem da liberdade e como o uso incorreto da mesma pode levar ao desregramento ou à degeneração não só do indivíduo, mas de toda a coletividade.

O jogo não será apenas uma preocupação de Rui Barbosa. Os jornais em Itajaí se dedicarão em dar visibilidade a outros artigos que tenham como temática o jogo relacionado ao convívio social e a necessidade de investir nos indivíduos a noção de caráter, moral, autodomínio, comedimento e autoaperfeiçoamento como constituinte de indivíduos que se aproximam de um ideário de perfeição.

Estava Itajaí iniciando a primavera de 1924 e a cidade parecia tomada por um assombro que deveria ser combatido: o jogo tomara-se um perigo social, assim como aqueles que o fazem uso. Noticiado pelos jornais, o jogo encontra-se como um elemento de periculosidade, pois traz desregro à ordem social estabelecida.

O jornal *“Itajahy”* chamava atenção para o jogo: *“A Campanha Contra o Jogo”* ressaltava as ações da polícia local na tentativa de reprimi-lo, indicando os *“males”* que o mesmo provoca no corpo social:

“É sobremaneira louvável a ação do senhor Delegado de Polícia, no sentido de reprimir a jogatina desenfreada e vexatória que, às soltas, campeava em Itajahy.

Dos males sociais o que mais registra vítimas é o jogo e todas as suas modalidades.

Segue-lhe as pegadas a morfina, o alcoolismo, e outros que em geral, atiram os seus adeptos aos manicômios e hospitais.

Assim ‘Itajahy’ presta toda a sua solidariedade ação policial”¹³⁴.

Não transcorrido muito tempo (novembro), o jogo volta a ser assunto agora do jornal *“O Pharol”* em extensa matéria também intitulada *“Campanha Contra o Jogo”*, com muita semelhança ao texto do *“Itajahy”*, porém, vai problematizar a questão da higiene pública:

¹³⁴ Jornal *Itajahy*. Itajaí: 28/09/24, P. 01.

“Durante a semana finda o Sr. Delegado de policia do Municipio ativou a campanha meritória que está efetuando contra a jogatina, trazendo em polvorosa os proprietários de casas de jogos estabelecidos na cidade.

Aparentemente não só o ‘bicho’ deu o último suspiro em Itajahy. Seguiram-no na corrida macabra o lansquiné, o bacarat, a roleta. (...) Dissemos aparentemente porque o jogo é vício que sabe burlar toda vigilância e existirá no mundo enquanto aqui viverem tolos e desocupados, isto é, eternamente. Ele continuará a campear clandestinadamente esperando ocasião propicia para ressurgir com maior violência.

A campanha do Sr. Temente-delegado merece, todavia, os aplausos da sociedade itajaiense e o incentivo dos homens de bem. S. S. anda, nesse caso, muito bem intencionado e, nessa época de interesses, a boa intenção é, sem dúvida, uma virtude preciosíssima”¹³⁵.

O “*combate*” ao jogo parece situar-se com um projeto em que o caráter, a virtude e a moral circundam estes discursos, juntamente com a preocupação em forjar indivíduos que se constituam de uma determinada possibilidade de perfectibilidade. Para isso os jornais partem do preceito de que a moral e o caráter devem ser exercitados, individualmente, para forjar um coletivo que seja “*moralmente saudável*”; é a possibilidade de constituir através dos investimentos no indivíduo uma nação forte, virtuosa e saudável.

Esses investimentos se aproximam ao pensamento liberal do século XIX, influenciado pelo liberalismo ético elaborado por John Stuart Mill (1806-1873), quando procura fazer alguns apontamentos à obra de Jeremy Bentham¹³⁶, liberal que influenciou singularmente o pensamento liberal inglês em meados do século XVIII e início do XIX. Propondo ao liberalismo uma função utilitária a qual iria atingir a noção de direito natural e contrapondo-se a noção de contrato, estabelecendo uma relação utilitária entre os indivíduos, onde o cálculo dos prazeres e das dores era uma maneira de produzir uma

¹³⁵ Jornal *O Pharol*. Itajaí: 01/11/24, P. 01.

¹³⁶ Jeremy Bentham (1748-1832) constituiu-se num intelectual que além de uma formação educacional precoce vai graduar-se em Direito e dirigir sua produção para a área criminal. É dele a autoria do modelo penitenciário panóptico, pois acreditava na capacidade criadora do homem e ela deveria ser medida por castigos e recompensas. A prisão, para Bentham, tem esse efeito “*regenerador*” dos indivíduos, devolvendo a estes sua capacidade criativa, ou seja, Bentham acreditava na adaptação dos indivíduos. Ainda sobre Bentham Ver: BELLAMY, Richard. Op. Cit. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. 13ª edição. Tradução: Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1996.

felicidade geral, o que está em jogo nesse momento no utilitarismo é, segundo Bentham, produzir a passagem do mundo da ficção para o mundo dos fatos¹³⁷.

É na prerrogativa do liberalismo ético que Stuart Mill vai estar envolto desde sua infância: seu pai, James Mill (1773-1836), era filósofo utilitarista e cuidou da educação de Stuart, que não frequentou a escola regular, tendo uma educação rígida. Stuart Mill vai iniciar uma discussão apontando problemas nas formulações de Jeremy Bentham na noção de formação dos indivíduos no que tange a moral e a virtude, produzindo um deslocamento na forma de interpretar os indivíduos e como se constituem os valores morais.

A década de 20 é um período de crise do liberalismo e Itajaí não está dialogando de forma intensa com um discurso liberal, mas elementos do liberalismo são utilizados a fim de forjar um discurso moral e não propriamente na tentativa de alinhar um projeto político. Maria Helena Capelato discute essa questão através da imprensa paulista, que na década de 20 já se preocupava com o papel estatal nas tomadas de decisões no âmbito político e social.¹³⁸

Ainda que o discurso acerca da moral e do caráter esteja circunscrito ao período vitoriano, eles se cruzam aos discursos sobre o corpo e sexualidade que se circunscrevem ao saber médico, jurídico, psiquiátrico etc. que “*arquitetaram*” uma nova ordem discursiva sobre o corpo.¹³⁹

Isso se colocava na tentativa de instituir uma sociedade onde técnica e ciência tornam-se um baluarte da modernidade. Vale ressaltar que na segunda metade do século XIX a Revolução Industrial alcançou proporções tais que as cidades constituíram-se de “*massas humanas*”, despertando os olhares sedentos em mensurar esse novo elemento que está figurando nas cidades, ou seja, o operário torna-se objeto de investimento do discurso

¹³⁷ Sobre o utilitarismo de Bentham é interessante ver: BENTHAM, Jeremy. Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação. In: *Os Pensadores*. 3ª edição. Tradução: João Marcos Coelho e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

¹³⁸ CAPELATO, Maria Helena. Op. Cit.

¹³⁹ Aqui ver a análise de Michel Foucault quando, observando os mecanismos de poder, investigou a sexualidade como um espaço de poder onde toda uma metodologia intervinha sobre os corpos e conseqüentemente sobre a sexualidade, sendo ela elemento de intervenção dos saberes sobre os corpos produzindo uma discursividade sobre a sexualidade determinando o lugar de onde se fala e quem pode falar sobre a sexualidade (o saber médico). FOUCAULT, Michel. Op. Cit.

liberal, tendo a virtude e a moral relacionadas à saúde física e mental e intervindo em hábitos culturais como consumo de álcool na tentativa de produzir trabalhadores sadios e disciplinados¹⁴⁰.

Nesse sentido, o jornal “*O Pharol*” vai investir sobre os indivíduos a necessidade de imprimir nos corpos o desejo de perfectibilidade, onde “*A Vida*” (publicado em janeiro de 1925 por Carlos Araújo) passa a ser abordada na perspectiva da moral, da virtude e conseqüentemente da saúde. É o desejo de produzir uma subjetividade, constituindo o “*sujeito moral*” próximo da perfeição, da civilização e do progresso:

“Que é a vida?”

O eterno combate do homem contra o homem e as coisas. É o grito de avançar, a disputa do melhor. Os fortes seguem firmes, os fantasistas sonhadores cambaleiam, os hipócritas se apresentam para a luta, os mais franzinos não resistirão.

Aquele que mais probabilidades reunir, será o invencível; aquele a quem faltar competência, fingirá tê-la; o que não correr, arrastar-se-á. E todos marcharão, todos seguirão, todos lutarão, muitos atirando para um lado este fardo estafante e para eles hoje quase inútil – a honestidade. A vergonha pode também sacrificar-se...

A vida é mais ou menos um amontoado de virtudes, vícios e misérias: Sócrates, Pirro, Maquiavel.

A sociedade é o palco das manifestações: Tartufo o seu ator predileto. Nela socapa ou ostensivamente, uns se degradam, outros se divinizam, vários se trocam, muitos se vendem e numerosos outros se depõem.(...) O dinheiro tem comprado tudo, desde a honra que deverá ser pura, até ao coração que deverá ser imaculado, até a consciência que deverá ser límpida. Mas tudo se explica nesse mercado de conveniências, em que só não se vendem as almas porque elas não estão contaminadas com a podridão do físico.(...).

Pensais por ventura, que a maioria vos estenderá sinceramente a mão? A ordem da vida é marchar a civilização vai de costas para a moral; o direito a esmurrar a justiça; o vício a gargalhar, a virtude a

¹⁴⁰ Parece sugestivo ressaltar um pouco o papel do revisionismo dos marxistas da escola inglesa como Eric J. Hobsbawm e Edward Palmer Thompson na maneira como repensaram a filosofia marxista no âmbito da política e principalmente nas discussões acerca da cultura, o que renovou as discussões sobre o capitalismo e deu fôlego às discussões sobre a experiência das classes trabalhadoras.

chorar. Só duas coisas passam em harmonia: - a hipocrisia e a miséria, na aceção moral, não vos iludais”¹⁴¹.

A moral, a virtude e a civilização são elementos de uma ordem discursiva que se pretende investir sobre os indivíduos, sobre os cuidados com o corpo e sobre as condutas em público, tentando esquadrihar os vícios e as imoralidades que estariam “*impregnando*” o convívio social. Ainda em 1925, o jornal “*O Pharol*” editava uma matéria que tentava identificar “*Os Quatros Vícios Sociais*” onde o “*Instituto de Higiene de Londres*” era citado, com Sir. James Cantlic apontando esses “*males*”:

“Numa conferência que fez recentemente no Instituto de Higiene, em Londres, Sir James Cantlic apontou os males que para a humanidade decorrem do abuso – e mesmo do uso dos quatro grandes venenos que se constituíram o que ele chama os ‘quatro vícios sociais’: o álcool, o fumo, o chá, e o café.

Dos quatro está-se a ver, o mais cruel e simultaneamente mais perigoso é o álcool, cujas devastações assumem proporções terríveis, não apenas nas classes menos cultas, nas grandes massas populares, mas mesmo nas mais educadas, que apesar de conhecerem as conseqüências desastrosas do uso continuado do tremendo veneno não lhe sabem ou não lhe podem fugir a sedução que os empolga”¹⁴².

No liberalismo, percebe-se a preocupação em pensar uma sociedade que pretende se identificar com a auto-realização intrínseca à possibilidade de razão, liberdade, moralidade e progresso¹⁴³. Portanto, é necessário forjar um indivíduo produtivo e capaz de perfeição. Isso deve ser pensado nas suas devidas proporções; no decorrer dos anos 20 o liberalismo está em crise, mas essas representações estão presentes nos discursos que circulam na cidade.

Assim, na tentativa de definir “*O que é o homem?*” o “*Anuário de Itajai de 1924*” compara-o a um relógio:

“O homem é relógio de sangue que tem corda para 60 anos. (...) o que às vezes depende das fábricas de onde saem e outras do trato que lhes dão as mãos em que caem.

¹⁴¹ Jornal *O Pharol*. Itajai: 24/01/25, P. 01.

¹⁴² Jornal *O Pharol*. Itajai: 11/07/25, P. 01.

¹⁴³ Ver: BELLAMY, Richard. Op. Cit.

Há uns que se adiantam até se perderem de vista, outros, que se atrasam, que é mesmo uma dor d'alma e pelo andar só alcançam um pequeno nome, se uma mão inteligente e leal, chamada fortuna, lhes dá a tempo um golpe de registro. (...) A máquina é colocada conforme a qualidade da caixa:

O homem honrado tem a máquina no coração, o homem de talento na cabeça, o sensual no estômago, o banqueiro o bolso, o criminoso tem a máquina solta e só o tolo não tem máquina, é apenas um relógio de sol”¹⁴⁴.

Temos aqui um fato bastante curioso, pois se cada um depende da “*fábrica de onde são originários*”, observa-se uma metáfora articulada à preocupação de ressaltar a noção de que as individualidades podem ser corrigidas, assim como se “*acerta um relógio*”, e a composição social está representada no tipo de máquina e caráter.

A máquina e o caráter articulam-se ao racionalismo: aqueles que agem com “*precisão*” funcionam com perfeição, contribuem para a perfectibilidade da coletividade. Já os “*tolos*”, que não funcionam com perfeição, são classificados como desajustados, por não funcionarem racionalmente. A natureza humana é vista por Mill como “*(...) a deficiência dos impulsos e preferências pessoais*”¹⁴⁵.

Impulsos controlados fazem parte da idéia do indivíduo racional que se estabelece e que pretende forjarem-se comedidos, possíveis de perfectibilidade. Preocupado com a virtude, a moral e conseqüentemente com a possibilidade de autoaperfeiçoamento dos indivíduos, Rui Barbosa constitui-se como um dos representantes do liberalismo ético no Brasil.

Essa marca é presente quando no “*Anuário de Itajaí para 1924*” são reproduzidos alguns dizeres de Rui Barbosa que trazem essa representação acerca do cuidado com o corpo, com a sexualidade, com o comedimento e com a perfectibilidade:

“Não invertais a economia do nosso organismo: não troqueis a noite pelo dia, dedicando este a cama, e aquela às distrações. O que se desperdiça para o trabalho com as noitadas inúteis, não se lhe

¹⁴⁴ LINHARES, Juventino e VIEIRA, Jayme. *Anuario de Itajahy para 1924*. Itajaí: Ed. O Pharol e O Commercio, 1924. P. 75.

¹⁴⁵ MILL, John Stuart. Op. Cit. P. 102.

recobra com as manhãs de extemporâneo dormir, ou as tardes de cansado labutar.

A Perfeição

Evitai o perfunctório, o superficial, o atamancado. Usai sempre o que meditadamente resolverdes. Ultimai sempre o que tentardes. Proponde-vos a tarefa, estreita, moderada, circunscrita, segundo o vosso alento; mas esgotai-a, limitai-a, poli-a. Não vos fique dúvida que não esquadrilheis, imperfeição que não corrijaís.

Tende por igualmente dignos de consideração assim os máximos, como os mínimos defeitos; e não vos escape aresta, interstício, aspereza, manha, inarmonia. Não dissimuleis, em suma, com a vossa obra.

Quando vos sair das mãos, seja até onde puderes, acabada. E, se dest'arte vos exercitardes algum tempo tereis adquirido o grande hábito, o grande hábito salvador, o hábito do trabalho sério, educativo, fertilizante. Praticai-o assim, que não vos arrependereis: será o criador da vossa fortuna, o ornamento do vosso nome, o consolo da vossa velhice. Mas, não começando nos anos juvenis, tarde será nos outros. Vegetareis, então, como o sapé das terras cansadas, entonado, exuberante, mas ocioso, bravio, daninho, símbolo de esterilidade satisfeita e ostentada ao sol”¹⁴⁶.

Nesse contexto, vão imprimindo nos corpos toda uma tecnologia de controle e mesmo de comedimento dos impulsos e desejos onde os atos individuais, as condutas, devem ter sua dosagem: “*Deves dormir de sete a oito horas por noite, tendo um repouso perfeito e uma vida sexual moderada*”¹⁴⁷. Até porque as “*energias*” são sinais de virtude e caráter inabaláveis, necessários para vencer os obstáculos que a “*vida impõe*”. No jornal “*O Pharol*”, essas certezas são expressas num artigo de Coelho Netto:

“O homem sem iniciativa que tudo espera do acaso é como o mendigo que vive de esmolas. A mais bela coragem é a confiança que devemos ter na capacidade do nosso esforço. (...) Só há uma sina que o homem não pode fugir – é o trabalho, ponte lançada sobre o abismo da miséria no fundo do qual gemem todas as dores, rugem todos os vícios e escabiam em lama todas as vergonhas.

Quem desanima ou se deixa vencer pelo terror, fica na pobreza ou rola d’alto e uma vez caído, só com redobrado esforço conseguirá

¹⁴⁶LINHARES, Juventino e VIEIRA, Jayme. Op. Cit. P. 55 e 131.

¹⁴⁷Idem. P. 66.

voltar acima, ferindo-se nas arestas dos alcantis, e às vezes, trazendo manchas de lama, que é o fundo do precipício. (...) Só os fracos, os impotentes quedam na resignação; os enérgicos insurgem-se, lutam, dão combate a vida e vencem”¹⁴⁸.

É aqui presente a influência do liberalismo onde a moral e a disciplina vão ser a tônica de uma sociedade próxima da perfectibilidade. Nota-se a influência dos discursos e a apropriação por parte dos jornais de elementos do liberalismo. Não estou fazendo uma divisão entre o que é influência do liberalismo inglês e o do francês, mas tentando estabelecer um diálogo entre a noção de virtude e moral como circulavam nos jornais e de seus usos na tentativa de obter uma determinada perfeição dos corpos.

Os discursos parecem extrapolar o espaço do corpo, ganhando lugar nos debates intelectuais tornando-se uma possibilidade de operacionalizar esses discursos em Itajaí. Textos de Olavo Bilac e Coelho Netto circulavam na cidade nesse momento, indicando a circulação destes discursos. Parece interessante tentar entender como os esforços de intelectuais e das “*elites*” em Itajaí procuraram instituir saberes, práticas sociais e discursivas, para que constituíssem um campo onde irão instituir nos corpos essa discursividade¹⁴⁹.

A preocupação com o comedimento e com aqueles que “rompiam” as convenções sociais tornavam-se assunto de primeira página nos jornais. Em 1919, um artigo assinado por Conde d’Avila tematizava a boêmia com o seguinte título: “*Os Vencidos da Vida*”; o autor elencou uma série adjetivos:

“Assim a dita sociedade se mantém restrita aos seus estatutos imaginários (porque não há nenhuma lei que reja aquela união de indivíduos), e, firme na sua diretriz, vai existindo na imaginação de todos, tendo como escopo principal, que é do domínio de todos os membros, o dever de conservarem a fidelidade e simpatia recíprocas”¹⁵⁰.

É importante observar o deslocamento que esse texto vai produzindo. Os boêmios se constituem num “*grupo*” que não estaria preparado para o “*convívio social*”, vivem por

¹⁴⁸ *Energia*. In: *Jornal O Pharol*. Itajaí: 22/09/23, P. 01.

¹⁴⁹ Ver: BORDIEU, Pierre. Op. Cit.

¹⁵⁰ *Jornal O Commercio*. Itajaí: 16/03/19, P.01.

impulso, instintivamente, sem saber fazer uso da “racionalidade”. Um jogo de poder está se estabelecendo na escrita que vai identificando, classificando e, mesmo, esquadrinhando um espaço no texto que torna possível identificar as pessoas que constituem esse “grupo”.

“E desse bloco fazem parte elementos de vários quilates: o letrado e o iletrado; o ignorante e o inteligente; o rico e o pobre, trajando-se cada qual conforme suas posses pecuniárias.

*Ao vaguearem pela rua, aqui e acolá, sem destino, facilmente serão reconhecidos”.*¹⁵¹

O cuidado em identificar as pessoas que fazem parte desse “grupo” a princípio parece bastante abrangente: o boêmio pode ser “letrado, rico, pobre, ignorante ou inteligente”, porém essa investida do autor se liga a noção que o boêmio é um “perigo”, exigindo de qualquer pessoa um cuidado constante para não se tornar um “mau para a humanidade”, Conde d’Avila não poupa adjetivos como “pedantes, snobs” afirmando inclusive que a “sua existência é dispensável”, não poupando papel e pena para definir quem são os boêmios:

“O povo continua taxa-los de boêmios. Eu, porém, sou menos mau; considero como ‘os vencidos da vida’ (...) ansiei saber a causa porque alguns filósofos tornam-se um tanto anti-higiênicos no vestir e sórdidos no trato social. A resposta não se fez esperar.

*O homem é feito de lama, meu caro – disse - seja, portanto lama”.*¹⁵²

Constitui-se dessa forma uma discursividade que ocupa-se em classificar, nomear e instituir um “código” de conduta e cuidado com o corpo, com o comedimento. A boêmia torna-se contramão de uma sociedade que se pretende perfectível.

O “Anuário de Itajaí para 1924” transcreve um fragmento de um texto de Rui Barbosa, aconselhando o bom uso do organismo, ainda que preocupado com o trabalho. Observa-se um cuidado em normatizar comportamentos.

“Não invertais a economia do nosso organismo: não troqueis pelo dia, dedicando este a cama, e aquela as distrações. O que se (d)esperdiça

¹⁵¹ Jornal *O Commercio*. Itajaí: 16/03/19, P. 01.

¹⁵² Jornal *O Commercio*. Itajaí: 16/03/19, P. 01.

para o trabalho com as noitadas inúteis, não lhe recobra com as manhãs de extemporâneo dormir, ou as tardes de descanso labutar".¹⁵³

No "Anuário" esse não era o único texto a se debruçar na questão do comedimento, na formação moral e do caráter; o texto "Os dez mandamentos da Saúde" tinha como um dos mandamentos o seguinte: "Deves dormir sete a oito horas por noite tendo um repouso perfeito e uma vida sexual moderada".¹⁵⁴

O comedimento e a moral inscrevem-se nos corpos identificando condutas, comportamentos (como no caso dos boêmios) no desejo de instituir uma "vida comedida". Esse desejo se incide na formação dos sujeitos. Nas cartilhas escolares, em especial alguns livros da "Série Fontes", haviam todo um cuidado com a higiene, com o civismo e com a moral; na lição sobre "Noções de Higiene" coloca-se como categoria a alimentação, sugerindo que:

*"Os meninos gulosos, que vivem sempre a comer tudo quanto encontram, frutas, doces e gulodices de toda a espécie fora das horas próprias das refeições, estragam as forças do estomago, ficam de ordinário pançudos, sofrem sem cessar desarranjos intestinais, perdem a cor, tornam-se feios, fracos, doentes, e portanto infelizes."*¹⁵⁵

O cuidado com o corpo comedido se entrelaça à noção de moral e caráter que se inscreve na formação de subjetividades e de sujeitos próximos de uma perfectibilidade. A leitura torna-se um caminho para sistematizar na educação a formação de sujeitos letrados. Na década de 20, a formação dos sujeitos passava por outros espaços de investimento que garantissem uma formação disciplinar do corpo através do escoteirismo, que constitui num mecanismo disciplinar e de formação "juvenil".

Sintonizados com esses debates, os articulistas do jornal "Itajahy" vão exaltar a iniciativa de Tito Carvalho¹⁵⁶ redator do jornal "República", de Florianópolis, por criar

¹⁵³ LINHARES, Juventino e VIEIRA, Jayme. *Anuario de Itajahy para 1924*. Itajaí: Ed. O Pharol e Commercio, 1924, P. 74.

¹⁵⁴ LINHARES, Juventino e VIEIRA, Jayme. *Idem*. P. 66.

¹⁵⁵ *Segundo Livro de Leitura (Série Fontes)*. (1ª edição 1920) Florianópolis: Tipografia Livraria Central, 1945, P. 113.

¹⁵⁶ Vale lembrar que Tito Carvalho foi redator do jornal *Republica* em Florianópolis juntamente com José Boiteux. O jornal *Republica* era sustentado pelo Partido Republicano Catarinense (PRC), é interessante este fato, pois, a família Konder em Itajaí era ligada ao PRC, no jornal *Itajahy* percebe-se sua ligação com o

uma escola de escoteiros. Sem perder tempo, o jornal “Itajahy” se manifestou considerando o fato uma “*Idéia Triunfante*”, ressaltando a importância da iniciativa para a “*educação cívica*” juvenil em Santa Catarina e Itajaí:

“O Escoteirismo é uma grande escola de educação cívica que prepara homens fortes de corpo e de espírito. ‘Mens sana in corpore sano’, eis o seu lema, eis a sua flâmula. A idéia humanista de Baden Powell – que tanto se bateu pelo incremento, no mundo inteiro, dessa academia de patriotismo – vai triunfando por toda a parte, chegou ao Brasil, onde já não se conta o número de escolas, de núcleos escoteiros.(...) Nós aqui estamos, abroquelados no mesmo sonho, prontos a coadjuvá-lo na sua empresa, prontos a plantar em Itajahy um esgalho dessa grande, dessa benéfica, dessa admirável árvore que ele acaba de plantar na capital do Estado, árvore cuja sombra se acolherá a nova geração, para ouvir as lições dos mestres, já afeitos aos embates cruéis da vida objetiva.

O Brasil – nação nova – precisa de homens, de energias construtivas, que não se amolentem ao espetáculo de simples miragens”¹⁵⁷.

Através dos escoteiros está se tentando produzir um discurso disciplinador que tenha significado na formação do sujeito no que se refere à formação cívica e conseqüentemente moral, onde os signos de vigor e força são agrupados às preocupações do Pós-Primeira Guerra (1914-1918), o que exige a criação de corpos fortes e saudáveis. Assim, é necessário investir virtude e moral sobre os corpos, tornando-os elementos fundamentais para a formação dos sujeitos.

Certas práticas são desencadeadas na cidade com o intuito de regenerar os corpos, dar-lhes moral e virtude na formação de uma nação forte. Dentre essas ações podemos colocar o grupo de escoteiros que começou a ser organizado em 1927, e segundo o jornal “Itajahy”, estaria “*sob os auspícios da ‘Liga católica Jesus Maria José’*”.

É uma discursividade que está desencadeando práticas com o intuito de inscrever nos corpos uma outra epiderme, marcas que produza “*corpos cívicos*”. Esse discurso faz-se

partido republicano e com os Konder, o que nos ajuda a entender o diálogo político entre Florianópolis e Itajaí na década de 20, principalmente a circulação de informações e propriamente de discursos entre essas elites políticas.

¹⁵⁷ Jornal *Itajahy* Itajaí: 13/01/24, P. 01.

visível nos jornais como o “*Itajahy*”,¹⁵⁸ que apontava a necessidade de criar um grupo de escoteiros em Itajaí.

*“(...) deu-se a palavra ao Sr. Jayme Vieira o qual, seguindo os planos traçados por Olavo Bilac na memorável campanha em prol do escoteirismo no Brasil falou aos meninos presentes numa linguagem simples, frisou-lhes os méritos e as vantagens que proviriam do fato de vestirem dentro em breve a farda escoteira e fez a apologia desses pequenos soldados já tão largamente conhecidos no mundo inteiro pela disciplina e entusiasmo com que vão pondo em prática o ideal extraordinário de Baden Powell, fundador dessa benemérita escola de educação infantil”*¹⁵⁹.

Esses são investimentos que, aliados a ações como do grupo de escoteiros, traziam essa tônica: a de regenerar os indivíduos, tornar corpos “*decaídos*” em corpos saudáveis, possíveis de perfectibilidade. Nessa perspectiva, algumas práticas se desencadeiam em Itajaí, na década de 20, a fim de forjar corpos para uma completude: investindo num segundo espaço de ação sobre os corpos, através de uma extensão desse projeto que percebe na leitura a formação moral dos indivíduos e que se debruça sobre as práticas esportivas, constitui-se a tentativa de regenerar física e moralmente os corpos.

¹⁵⁸ O jornal *Itajahy* de 11 de setembro de 1927 está relatando a fundação do grupo de escoteiros em Itajaí, nesse artigo vão aparecendo as ligações que alguns políticos tinham com o jornal. Nomes como Jayme Vieira, que organizou em parceria com Juventino Linhares o Anuário de *Itajahy* para 1924, José Eugenio Müller, então presidente do Clube Náutico Almirante Barroso, Mascarenhas Passos foi diretor do Clube Náutico Marcílio Dias, Irineu Bornhausen que irá se constituir numa liderança política ao casar-se com Marieta Konder, sendo governador do Estado no início da década de 60, e Mascarenhas Filho, diretor do jornal *Itajahy*, o que demonstra o interesse dessas pessoas em forjar um sentido para a cidade calcado num projeto eugenista, ou mesmo moderno.

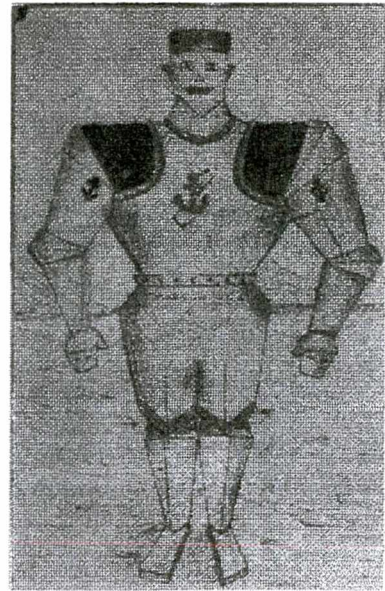
¹⁵⁹ *Jornal Itajahy*. Itajaí: 11/09/27, P. 01.



Pedro Ferreira e
Silva 1889



Pedro Ferreira e
Silva 1910



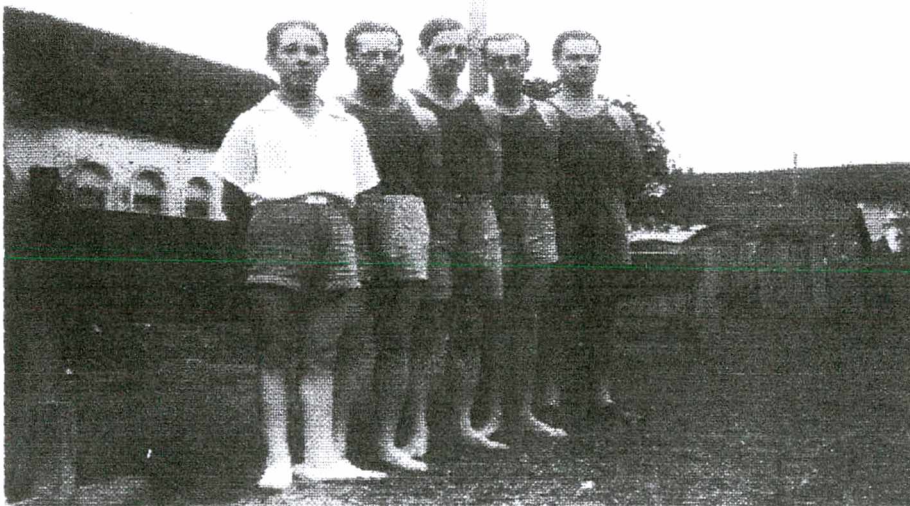
Gravura
representando a
Guarnição "Braço
de aço" Revista
Sportiva 1921



Remadores 1920



Regata sd



Remadores sd



Atletismo 1921 salto em
barreira



Prova de Ciclismo s/d



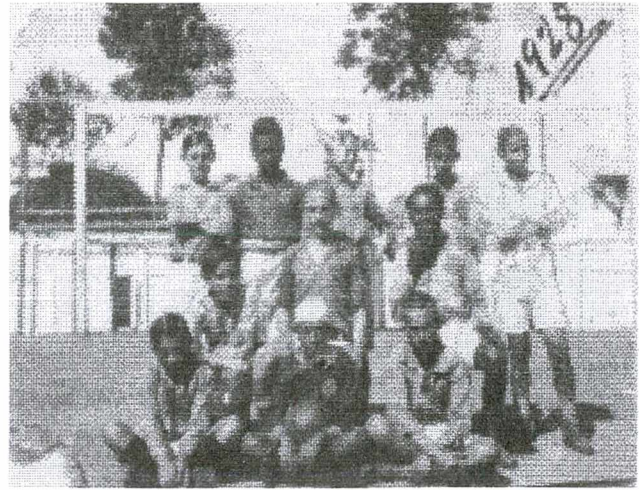
Atletismo 1921 Salto em
barreira



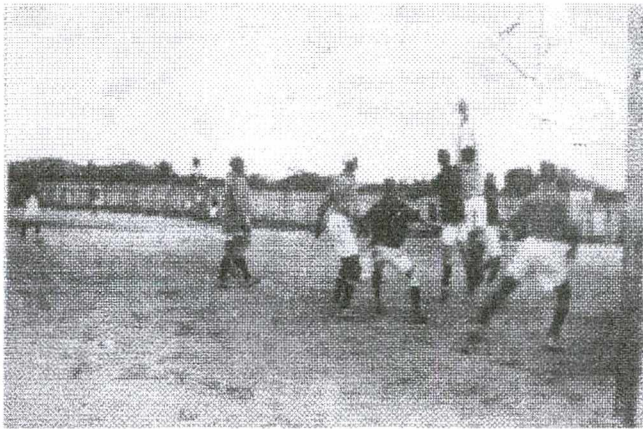
Campo de futebol do
Clube Náutico Marcílio
Dias 1924



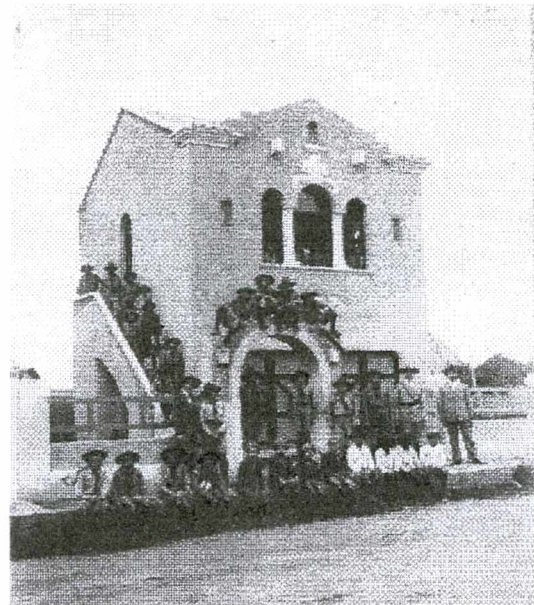
Jogadores do Marcílio 1929



Escolinha de Futebol do
Marcílio Dias 1928



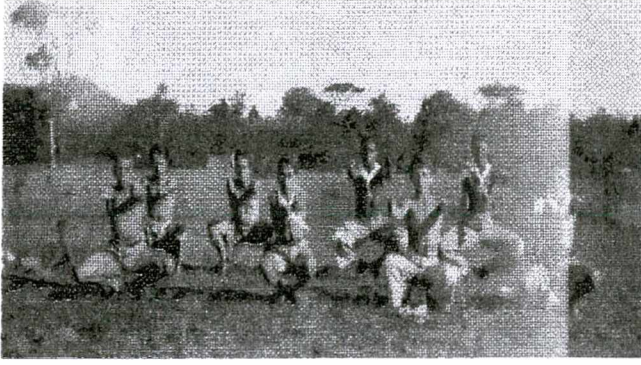
Partida de futebol sd



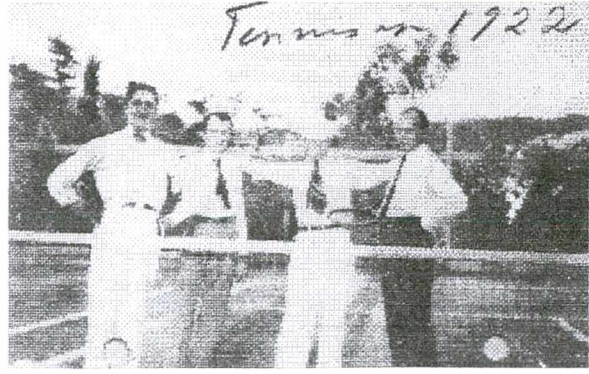
Sede dos escoteiros de
Itajaí 1928



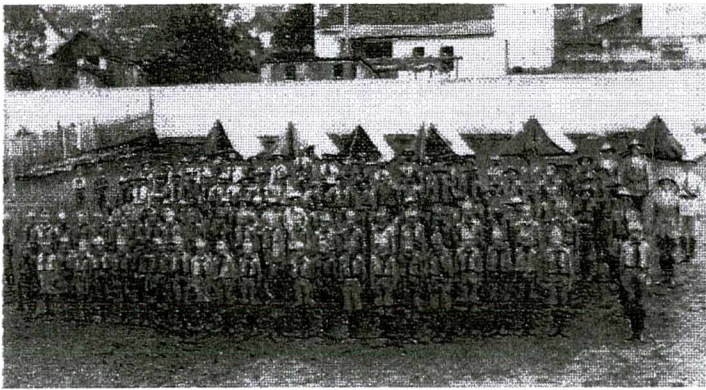
Escoteiros sd



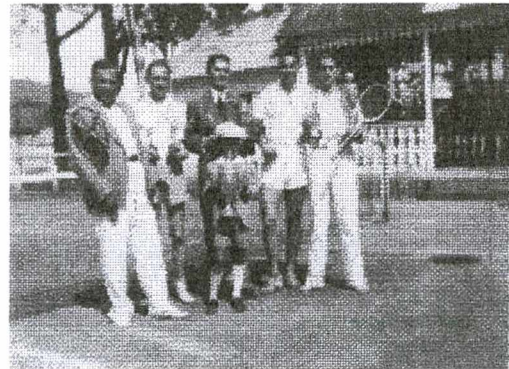
Escoteiros sd



O tênis um espaço de sociabilidade e distinção em 1922



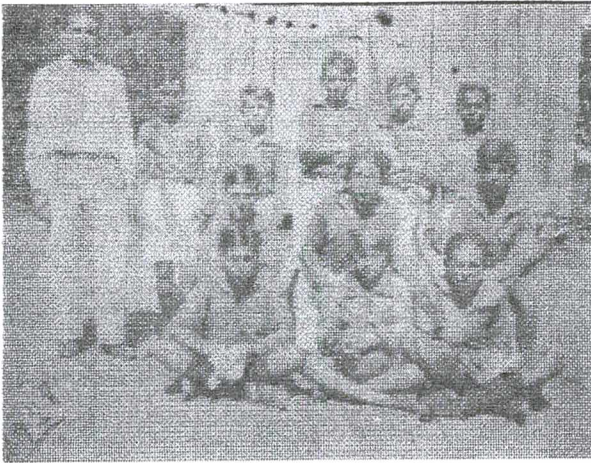
Acampamento dos escoteiros sd



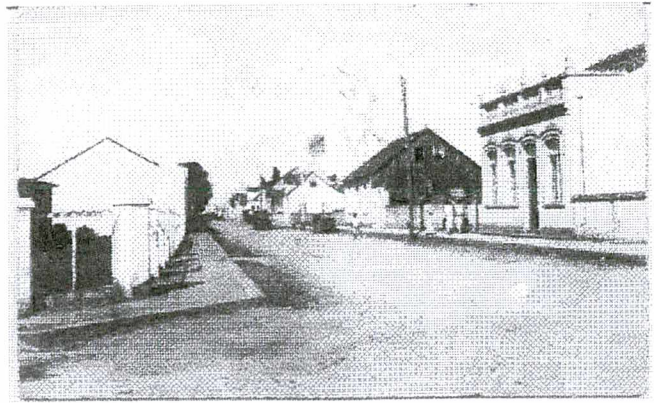
Premiação no tênis sd



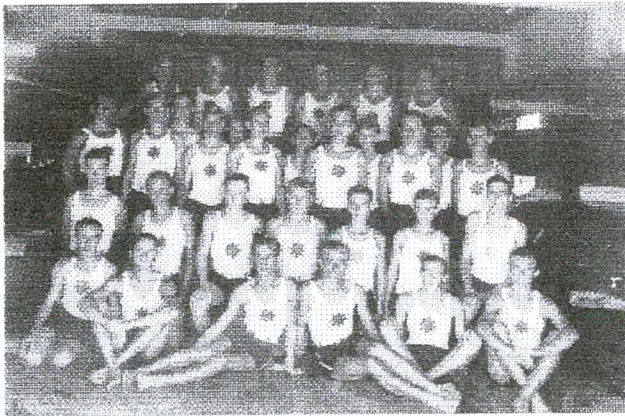
Corrida Rústica sd



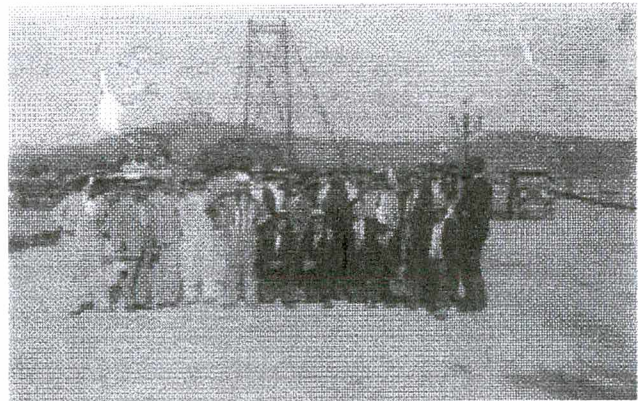
Escola de futebol 1928



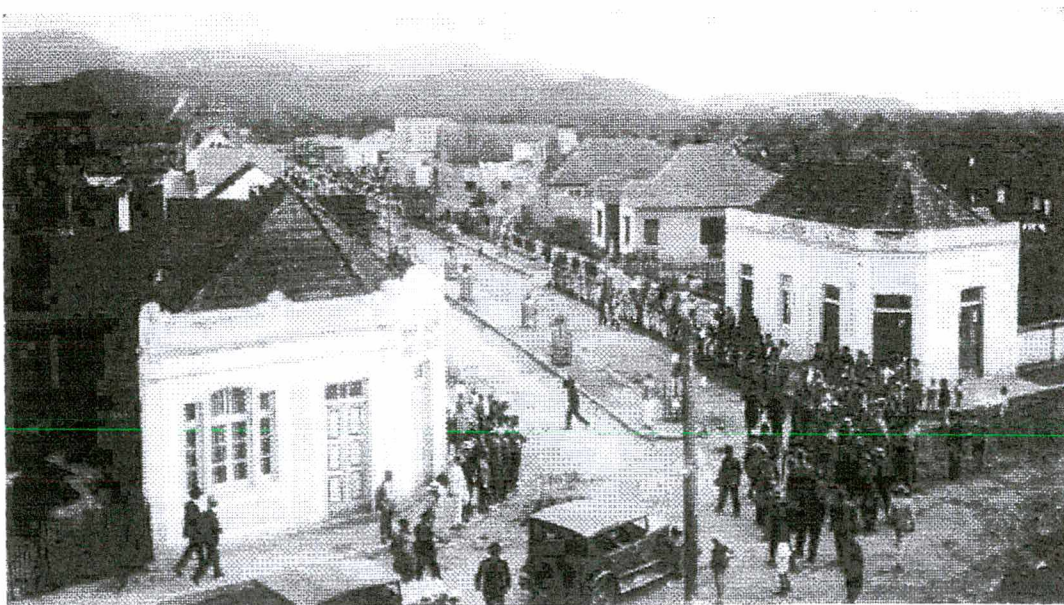
Rua Hercílio Luz sd



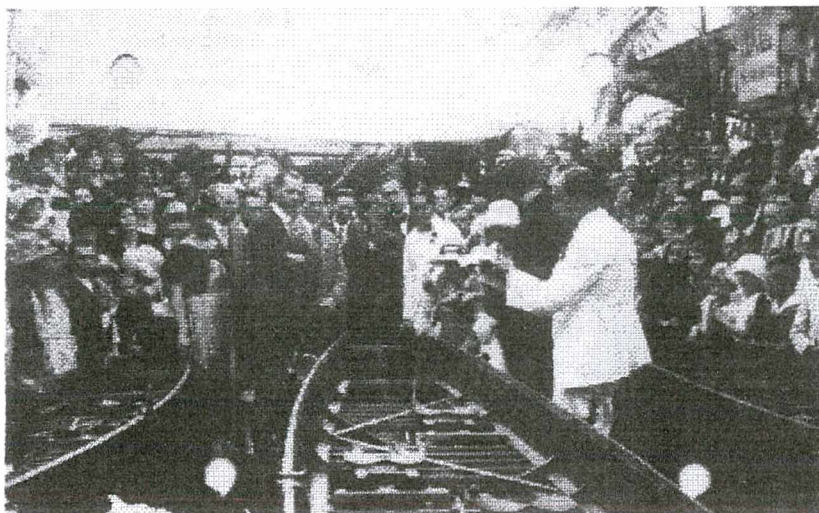
Remadores sd



Visita a Florianópolis sd



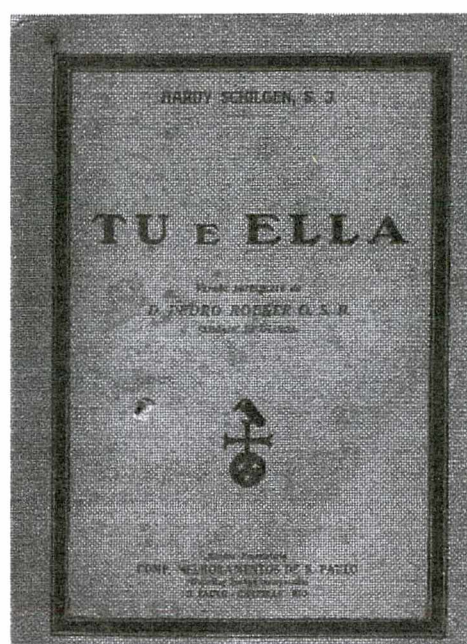
Bairro da
Vila
Operária
1928



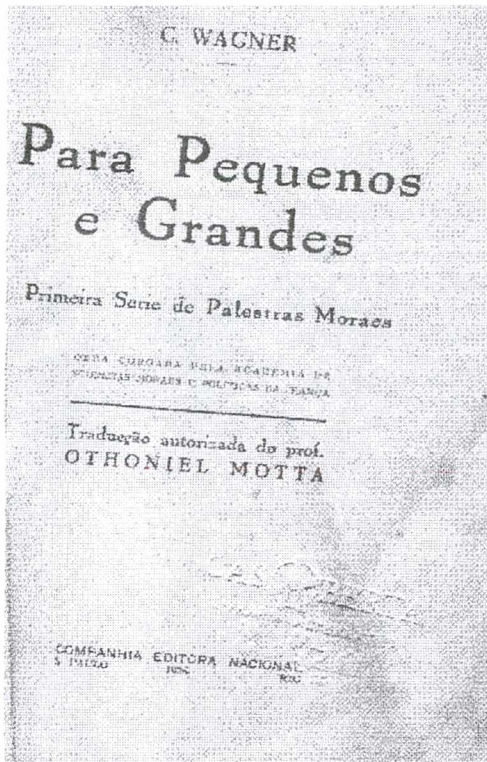
Barcos de Remo sd



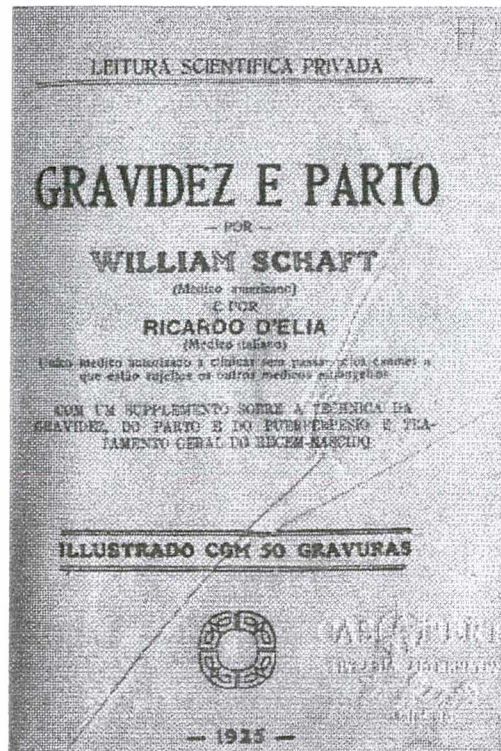
Cartão Postal da Estação da Luz, 1902



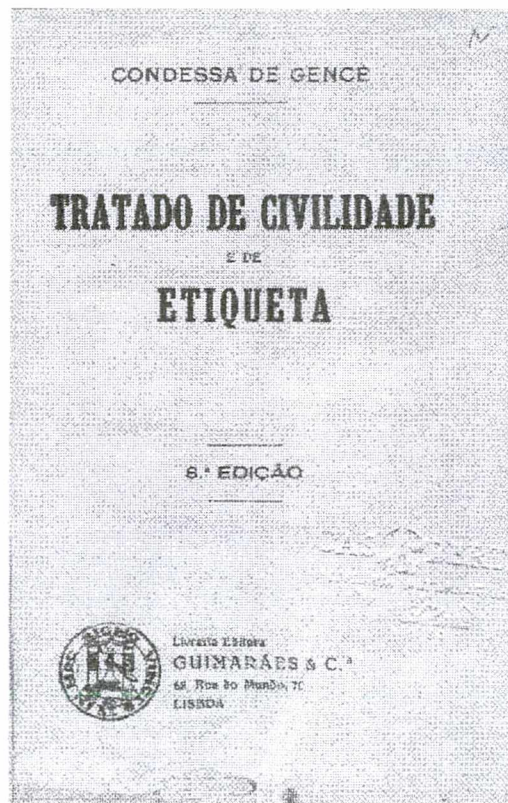
Capa do Livro Tu e Ella.
Editado no final dos anos
20.



Capa de Livro 1926



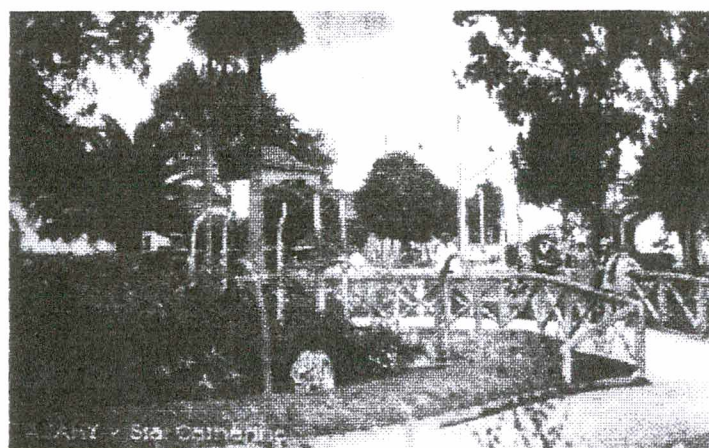
Capa de Livro 1925



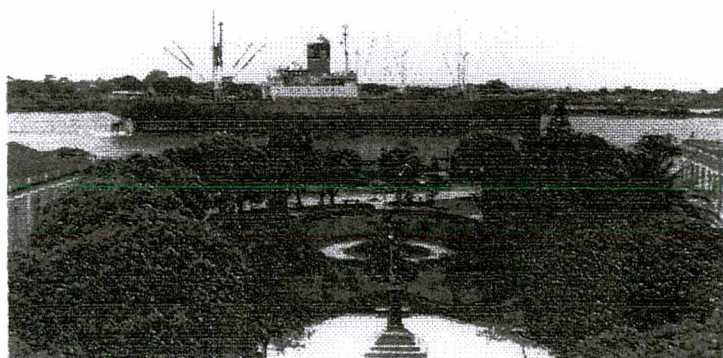
Capa de Livro
sd



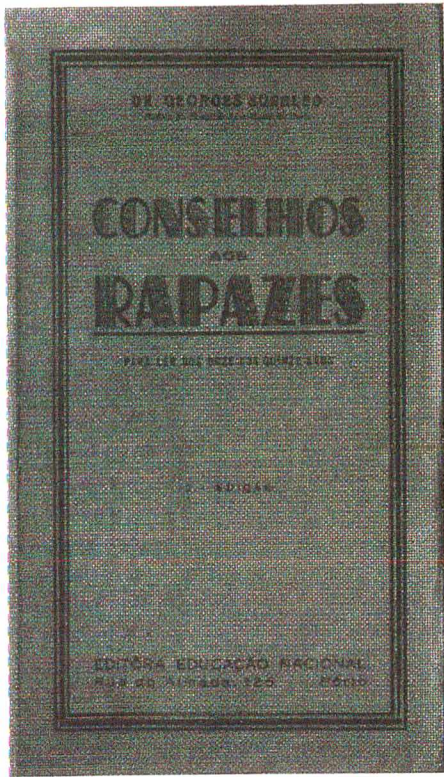
Frente da Igreja Matriz, antes da construção da Praça Vidal Ramos, 1904



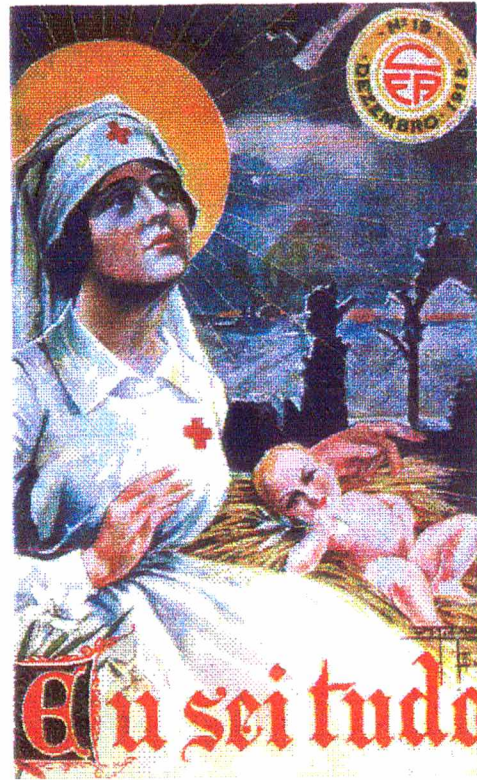
Praça Vidal Ramos 1923



Praça Vidal Ramos sd



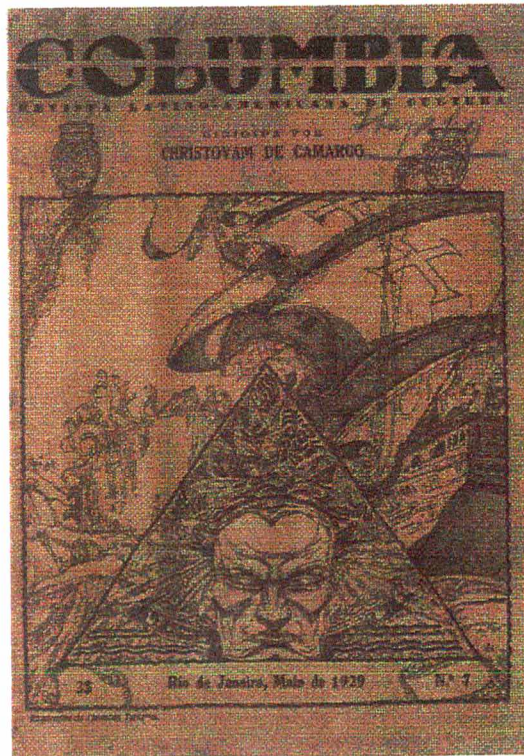
Capa de Livro 1949



Almanaque Eu sei Tudo
1918



Almanaque
Eu sei
Tudo
1919



Revista
a Colúmbia
1929

CAPÍTULO 3-As Práticas Esportivas e a Modelação de Corpos Saudáveis.

No ano de 1919 havia há pouco iniciado a primavera. Em 26 de setembro, o jornal “*A Tarde*”¹⁶⁰, que se designava como um diário vespertino, trazia uma matéria com título *A Moda*. Até aqui nada de incomum, mas no momento em que corremos as vistas sobre o impresso, começamos a ser tomados por um susto. Ou seria apenas impressão? O que estava incomodando o articulista no início da primavera de 1919?

Moda. Este era o sinônimo que tomava pelas mãos o articulista de “*A Tarde*”, fazendo-o usar os punhos para inscrever sobre o papel seu incômodo, tornando-o público, possível de apropriação¹⁶¹. É a leitura autorizada, o sentido que se pretende dar à leitura e fazer com que o leitor(a) incorpore o sentido pretendido pelo autor que se estabelece na tentativa de produzir uma representação¹⁶² acerca do mundo ao qual autor e leitor se inserem.

O articulista assinou o artigo com o cognome “*Aldemar Alegria*”, embora sua alegria nesses dias que iniciavam parecia estar somente em seu pseudônimo. Ao se deparar

¹⁶⁰ O jornal *A Tarde* parece ser um jornal que tinha como público leitor as mulheres, pois o articulista está em alguns momentos se dirigindo as leitoras artifício utilizado por escritores da segunda metade do século XIX, criando uma certa intimidade com as leitoras de novelas nos jornais. Além de que é no século XIX, na Europa, que as mulheres passam a ser investidas pela leitura de maneira massificada, conforme artigo de Martyn Lyons. *Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários*. In: CHARTIER, Roger e CAVALLO, Guglielmo. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, PP. 165 a 202. É claro que a leitura feminina no Brasil constitui-se em realidade há pouco mais de um século, ou seja, o século XX.

¹⁶¹ Aqui tomo de empréstimo o termo utilizado por Roger Chartier quando discute as formas de apropriação da leitura de um texto quando o ato da leitura é entendido como uma prática criadora, produtora de sentidos e de representações, mas também como nos sugere Chartier, “*Por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada*”. (P. 123) In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

¹⁶² Utilizo como referência a noção de representação de Roger Chartier In: CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, Vol. 5, Nº 11, janeiro/abril 1991, PP. 173 a 191.

com os preceitos da moda que vinham habitando o imaginário dos grandes centros¹⁶³ (Paris é uma referência), irritou-se ao trato:

“Nada poderá, tão de perto interessar as gentis companheiras do homem como a ‘moda’.

Mais ou menos todas as mulheres sonham, querem ser originais, no modo de trajar.

Há como que uma obrigação, uma tentação irresistível nesse problema eterno da alma feminina.

Um vestido novo, um penteado diferente a par de uma graça juvenil, eis muitas vezes o dote principal de uma mulher.

Dirão talvez que minto, que sou indelicado por observar tão positivamente essas frivolidades, entretanto estou crente que no íntimo de cada um agita-se um apoiado pelo que venho dizer.

Nos grandes centros da civilização a moda já chega a ser um desespero, um delírio; a mulher desvaloriza a sua beleza, perde a sua graça, sacrifica o seu pudor, desde que sonhe usar a última moda.

É a preocupação de originalidade de criar, de chamar sobre si a maior atenção, a razão de ser tão irrefletido proceder.

Ainda agora os grandes ‘ateliers’ de Londres acabam de lançar um modelo profundamente escandalizante.

O ‘Eu sei tudo’... do Rio informa ter havido manifestações de desgosto, de censura, entre a aristocracia britânica, motivadas por essa moda amesquinhadora.

Algumas damas da alta sociedade, nessa metrópole, vem, ultimamente, ostentando vestidos com decotes exagerados o que as torna demasiadamente inelegantes.

Haverá maior ofensa e ultraje à moral de uma sociedade do que seja a insensibilidade do caráter feminino?

E a França, a Paris de tantos sonhos, não querendo ser dominada, num protesto ed princesa de luxo, atira contra o decote inglês a

¹⁶³ Gostaria de lembrar que a moda sustentava em Paris e Londres uma distinção social onde a categoria social era estabelecida pela roupa que cada grupo usava, determinando seu lugar social e sua visibilidade pública. SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: As tiranias da intimidade*. 2ª reimpressão. Tradução: Lygia Araujo Watwnabe. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

intolerável e degradante moda 'de andar sem meias somente com um maillot aberto de um lado até a altura da perna'.

No entanto, se a mulher calculasse, sonhasse o quanto a saia aprimora-lhe o talhe, adelgaça-lhe triunfalmente o porte, nunca cogitaria abandoná-la.

É nesse traje simples, nessa forma puramente humana que reside a verdadeira beleza, o enlevo sublime que faz da mulher essa deusa mística das cismas do poeta.

Estou que as leitoras bem compreenderão a sinceridade com que falo, porque neste ambiente de pureza, nesta família honrada que é Itajaí, impera única e exclusivamente o gênio da boa educação moral.

Entretanto, o homem tão acostumado a criticar, que se julga tão superior, desta vez suplanta o exagero feminino com a idéia, com a moda do socialismo¹⁶⁴.

Qual deveria ser mais punido? Aquela que menospreza o corpo ou o que desvirtua a alma? Respondam os moralistas".¹⁶⁵

Vejam que "Alegria" encerra seu texto com um questionamento no mínimo curioso, articulando a preocupação com os cuidados do corpo e, ao mesmo tempo, uma precaução com o caráter. A moda está sintonizada com a noção de movimento e liberdade dos movimentos, articulando-se ao cuidado de se exercitar e tornar-se forte e saudável; após a Primeira Guerra (1914-1918) constitui-se num ponto significativo para se produzir uma outra sensibilidade¹⁶⁶. O corpo deve estar pronto para a luta, para o "front"; exercitar o corpo torna-se de fundamental importância para forjar uma nação de corpos saudáveis e fortes, onde as roupas agora devem liberar os movimentos possibilitando a agilidade e flexibilidade do corpo.

¹⁶⁴ É interessante observar que nesse período os efeitos da revolução bolchevique de 1917 se fazia presente em Itajaí e nos anos 20 vão desencadear práticas de militância política através da fundação da sociedade XV de Novembro e, posteriormente, em 1922, é fundado em Itajaí a Sociedade Beneficente dos Estivadores, mesmo ano da fundação do Partido Comunista Brasileiro e da Semana de Arte Moderna, o que indica uma íntima relação entre os estivadores de Itajaí com o Partido Comunista Brasileiro. Ver: SILVA, José Bento Rosa da. A Sociedade Beneficente dos estivadores de Itajahy: organização e resistência nos anos 20. In: *Blumenau em Cadernos*. Blumenau: (Fundação Cultural de Blumenau), Tomo: XL, Nº 08, agosto de 1999, PP. 14 a 21.

¹⁶⁵ Jornal *A Tarde*. Itajaí, 26/09/19, P.01.

¹⁶⁶ Vale pontuar o texto de Denise Bernuzzi de Sant'Anna. Corpo, História e Cidadania. In: *História e Cidadania: XLX Simpósio Nacional de História-ANPUH*. São Paulo: Humanitas, 1997, PP. 171 a 184. Faz interessante relação entre os esportes e os investimentos feitos nos grandes centros na educação física.

Assim, a moda parece estar produzindo signos que estão constituindo uma nova linguagem, onde palavras como “*desespero*” e “*delirio*” ganham um sentido interessante, pois estabelece um vínculo com o inconsciente, com os sentidos, aproximando essa linguagem ao corpo. Esses signos vão ser impressos nos corpos como uma página em branco, que está pronta para ser impressa¹⁶⁷. O corpo torna-se mediador dessa relação entre aquilo que vai inscrever-se na própria carne e o que vai se tornar história, legitimando-se como verdade, como verdade corpórea, na tentativa de marcar os corpos com esses discursos¹⁶⁸.

Corpos e sentidos estão cada vez mais presentes no vocabulário dos articulistas que desferem a pena contra as modas que “*tomam*” Itajaí por assalto. É claro que essas modas estão circulando entre algumas famílias que politicamente estão desde o final do século XIX se articulando e engajando-se nas discussões da modernidade¹⁶⁹.

Os jornais se ocupam em falar sobre as modas, pois elas estão se constituindo numa mudança de comportamentos onde os corpos estão provando de novos ritmos, danças, do cinema, da luz elétrica, do telefone e dos automóveis, como surtos de uma sociedade que se pretende moderna¹⁷⁰.

Também Nicolau Sevcenko aborda o assunto em *Orfeu Estático e a Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

¹⁶⁷ Ver: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: as artes de fazer*. 2ª edição. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996. Ver também CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria Lourenço Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

¹⁶⁸ Sugiro aqui o artigo de Michel Foucault. Nietzsche a Genealogia e a História. In: *Microfísica do Poder*. 12ª edição. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996. Nesse texto estabelece a relação do corpo com a história, sendo o corpo um espaço de inscrição. “*O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto no ponto de articulação do corpo com a história*”. (P. 22)

¹⁶⁹ A modernidade é algo que vem provocando várias discussões pertinentes desde sua legitimidade enquanto depositário de um discurso homogeneizador e podendo tornar-se autoritário definidor de identidades, fronteiras, territórios, sexualidades etc., constituindo o que Pierre Bourdier chamou de “*campo simbólico*”. No entanto, as discussões de Marshall Berman, Homi K. Bhabah, Nestor Canclini e Mike Fearestone nos ajudam a entender como pensar as diferentes culturas e deslocadas do paradigma moderno.

¹⁷⁰ Vale referendar que ao me dirigir ao termo moderno ou modernidade, estou ciente que isto acarreta pensar também na noção de modernização que de certo modo caminham paralelamente, assim como o modernismo. Essas três categorias foram analisadas por LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996, onde sintetiza essas três instâncias confluentes da modernidade. Sugestivo também é o ensaio de Adrián Gorelik, onde procura situar modernidade e modernização enquanto uma prática política e cultural inserida na cidade, sendo a cidade (Buenos Aires) o espaço de investimentos da modernidade. Ver

A tentativa de investir sobre a cidade os impulsos de uma cultura moderna faz com que velocidade e ação estejam presentes nas páginas dos jornais que articulam essas práticas à perda da tradição, dos costumes¹⁷¹: são as contradições do novo que estão estabelecendo-se.

Em 1921, o ataque dos jornais às modas continuava. Desta vez o jornal “*O Pharol*” dirige suas “*luzes*” para as modas e para as danças. O articulista ressalta continuamente a questão imoral e desvirtualizante destas. O mês de janeiro estava chegando ao seu fim e o jornal “*O Pharol*” grifou na sua primeira página: “*Medidas adotadas por um bispo contra as modas*”.

“O Bispo de Cadiz na Espanha acaba de ordenar à sua Diocese: Primeiro: Nenhuma mulher entrará no templo sem que venha vestida com modéstia cristã, e, portanto, proibimos a entrada nos templos daquelas mulheres que levam decotado o pescoço, descoberto os braços, demasiadamente curtos os vestidos e com meias transparentes.

Segundo: Não se dará a sagrada comunhão a nenhuma mulher que venha vestida à maneira que temos dito anteriormente.

Terceiro: Mandamos a todos os confessores que neguem a absolvição a qualquer mulher que chegue ao confessionário vestida da forma que temos descrito no número primeiro.

Quarto: Não se permitirá a entrada, nem tão pouco tomar parte em Associações piedosas, as mulheres que não venham vestidas honestamente, e sobre isto interessamos com toda eficácia e consciência dos diretores e presidentes das Associações”¹⁷².

Percebe-se que o articulista parece estar temeroso não só com as modas, mas com a possibilidade de o corpo feminino estar agora mais exposto aos olhares, desestabilizando

GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MIRANDA, Wander Melo. *Narrativas da Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, PP. 55 a 80.

¹⁷¹ Quando ocorre alguma ruptura, alguma quebra de paradigma, a instituição de um novo paradigma provoca em alguns grupos um certo sentimento de perda, seja de identificação política, cultural. Etc. O novo acaba provocando um certo incômodo. Isso se faz presente no texto de Alexis de Toqueville, *O Antigo Regime e a Revolução*. 4ª edição. Tradução: Yvonne Jean. Brasília: Ed. da UNB, 1997, onde tenta fazer um balanço da Revolução Francesa (1789), principalmente por examinar o caráter contraditório da revolução.

¹⁷² Jornal *O Pharol*, Itajaí, 29/01/21, P. 01.

as estruturas da família tradicional que, nesse período, aproximam-se muito do modelo vitoriano¹⁷³.

Ocupando novos espaços, o corpo está inserido em uma rede de significações que provocam espanto aos redatores dos jornais, ocupados em condenar as novas danças que, nos anos 20, invadiam os salões e provocavam burburinhos. O jornal “*O Pharol*” noticiava “*As Danças Modernas*” que foram condenadas pela igreja:

“As danças condenadas são quatro: o maxixe, de origem brasileira; o tango, de origem Argentina; o fox-trot e rag-time, de procedência norte-americana. Há outras danças modernas que não precisam de condenação porque o próprio bom gosto e a moda já se incubiram de condenar, enxotando-as dos salões, como o apas de l’ouros, o one-stop, a polka chalaup, a valsa dos apaches e algumas outras. As famílias que conheciam essas danças eram só aquelas que freqüentavam certo gênero condenável do teatro nacional, como as revistas do ano e as operetas indígenas.

De repente, sem saber porque o maxixe dos capoeiras e da garotada das ruas, dos carnavalescos entrou de súbito em nossos salões e conquistou simpatias gerais.

Em nossos salões onde se reúne a sociedade mais fina, dança-se francamente o maxixe com todos os seus movimentos lascivos, com todas as suas atitudes recordativas da sua baixa origem.

Não se compreende como um chefe de família, que criou suas filhas sob um rigoroso regime de moral, guardando-lhe a castidade, concita em entregá-las a homens que se vão unir a elas corpo a corpo, rosto a rosto e descançá-las, apertá-las e faze-las suas durante aquele breve desvario.

Realmente não se compreende.

Abaixo as danças modernas. O tango Argentino, o fox-trot e o rag-time são indecentes e condenáveis como o maxixe”¹⁷⁴.

¹⁷³ Sobre os investimentos dos saberes sobre o corpo e sexualidade, ver: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1996. É presente durante as primeiras décadas do século XX a intervenção do discurso médico sobre a sexualidade masculina e feminina, principalmente com a instituição de exames pré-nupcial, constituindo-se numa legitimação da forma eugenista aos casamentos e à família. Ver o artigo de: MOTA, Joaquim A César et. alli. Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) Ensaio Biográfico. In: HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). *A Invenção do Brasil Moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 150. Ver também sobre o assunto: FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Medicalização do Sexo ou O Amor perfeito*. Op, Cit.

As danças descritas pelo “Pharol” provocam essa reação devido ao fato de serem danças que atuam sobre o corpo, exigindo movimentos freqüentes em contato ao par no momento da dança. Essas danças são relacionadas a sensualidade e a paixão, provocando um ponto de tensão no salão de danças onde o “*breve desvario*” cria fissuras nas instituições religiosas e familiares, produzindo um certo mal-estar¹⁷⁵ nestes dois espaços culturais.

Essa inflexão produzida na forma de ver a dança constitui uma preocupação com a perda de hábitos “civilizados”, já que danças como maxixe são relacionadas a atos lascivos e selvagens¹⁷⁶. Participar de uma dança que se aproxima de algo primitivo é também se deixar tomar pelos instintos, ou seja, é agir fora do mundo racional, é permitir ser invadido pelos impulsos¹⁷⁷.

Dança e moda são ritmos que dão visibilidade ao corpo e provocam uma necessidade em cuidá-lo, constituindo hábitos de comportamento que possibilitem investir sobre os corpos os signos da modernidade. Esses signos produzem efeitos que, na moda, tem um lugar de constituição de uma nova representação cultural, principalmente com relação às mulheres, que vão fazer uso de práticas de sociabilidade anteriormente apenas masculinas. São “*As Modas Extravagantes*” que “*O Pharol*” vai especular em relação a uma cultura do feminino:

“As fanáticas da moda, que seguem à risca quantas extravagâncias inventam os costureiros famosos de Paris, tem agora uma novidade que não é parisiense, mas estamos em apostar, vai cair-lhes ‘no gosto’, mais dia menos dia: porque é extravagante, e não há como as coisas extravagantes para logo obterem acolhida e seguimento em certos meios...”

Inventaram os elegantes americanos a moda de as senhoras fumarem publicamente cigarrilhas aromatizadas, não apenas os pequenos enroladinhos de papel com fumo dentro, que são os cigarros comuns,

¹⁷⁴ Jornal O Pharol. Itajai, 14/05/21.

¹⁷⁵ Ver: FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

¹⁷⁶ LISBOA, Karen Makcnow. Op. Cit.

¹⁷⁷ Nicolau Sevckenko observa essas pulsões, esses ritmos, e articula isso a uma nova filosofia que *por trás disso tudo a filosofia é: ser jovem, desportista, vestir-se e saber dançar os ritmos da moda é ser “moderno”, a consagração máxima*”. P. 34, In: SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit.

mas em papel de seda colorido – azuis, encarnados, verdes, cor de rosa, etc. Cada elegante fumará sua cigarrilha da cor do vestido que traja no momento.

Lançada em New York, a moda já foi ensaiada em Paris e Londres. Não tardará muito que o seja também aqui. E dado a mania do 'yankecismo' que nos últimos tempos vem enfrentando os cariocas, não nos admiraria muito que tal moda pegasse entre nós mais depressa do que em Londres e Paris...

Máxime por ser extravagante e por ser americana... Esperamos, porém, que não adotem as senhoras brasileiras, não apenas do bom gosto, mas simplesmente de... bom senso. Há modas que enfeiam deploravelmente as que as usam. Essa das mulheres ostentarem-se de público a fumarem cigarros ou cigarrilhas, coloridas ou não, é das tais...

Deixar-se ao seduzir por elas as senhoras honestas de nossa sociedade elegante? Duvidamos muito sinceramente...

E, a propósito: si a tal moda extravagante pegar, e as elegantes se decidirem a vir pra as avenidas fumar cigarrilhas da cor dos respectivos vestidos, as viúvas e viuvinhas deixarão o luto para seguirem-na?

*Porque seria lamentavelmente ridiculo vê-las no rigor do luto a pitarem canudinhos pretos à guisa de pontas de lápis*¹⁷⁸.

Observa-se que o articulista refere-se continuamente às elegantes que estão absorvendo as modas. Fumar em público torna-se extravagante, pois invade um espaço antes restrito ao masculino. Nesse sentido, o espaço de investimento desses discursos se faz sobre as mulheres letradas, a qual foi ordenado um papel de progenitora da família e espelho para a constituição política das elites¹⁷⁹.

Essas modas estão rompendo com uma ordenação social estabelecida como cimento social, trazendo hábitos em que o movimento, a força, a velocidade são instituídas

¹⁷⁸ Jornal *O Pharol*. Itajaí, 12/05/23, P. 02.

¹⁷⁹ Vejam nessa perspectiva o estudo de PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994, onde percebe-se a tentativa em delimitar o espaço feminino da elite, seu papel como progenitora e a constituição de um espaço de distinção social em Desterro no século XIX. Marlene de Fáveri analisa esse delineamento dos espaços de sociabilidade em Itajaí, entre os anos de 1929 e 1960 através do clube Bloco dos XX. FÁVERI, Marlene. *FÁVERI, Marlene. Moços e Moças para um bom partido: (a construção das elites – Itajaí 1929-1960)*. Itajaí: Ed. da Univali, 1998.

como preceitos para vencer a luta da vida moderna. Isto se articula ao maquinismo, o vigor físico relacionado ao funcionamento das máquinas; o corpo-máquina¹⁸⁰ é uma das representações que formam uma junção entre o corpo, máquina e a metrópole moderna¹⁸¹.

Nem todas as inovações que chegam em Itajaí nesse momento provocam “entusiasmo”. Alguns elementos de modernização pareciam tirar o sossego não só da cidade, mas de alguns articulistas, como circular na cidade ante a “fúria dos automóveis”. No jornal “O Comércio”, “José João”, ao menos assim identificado, chamava atenção para o espaço que os automóveis estavam retirando dos carros de praça:

“Duas coisas nesta terra estão, de há muito tempo, a fazer jus a alguns reparos. Contudo, até hoje, nem uma coisa nem outra, isto é, nem os carros nem os automóveis lograram a graça de uma atenção sequer. Todos os dias, desde que nasce o sol até que morre, enfileira-se ao lado do jardim uma dúzia de carros de praça, nos quais não se sabe mais o que admirar, se a magreza esquelética dos animais ou o vestuário mal cuidado dos cocheiros, quase sempre estirados deselegantemente sobre as almofadas esburacadas. Também não desconhecemos que nem todos os carros, nem todos os cocheiros, nem todos os cavalos que fazem parada ao lado do jardim se igualam. Não. Alguns há, até, que requererem elogios. Todavia, é certo que a maior parte deles incide no primeiro caso. Se não nos enganamos, existe uma lei da nossa municipalidade que se ocupa do assunto em questão. O que parece, porém, é que ela não há sido aplicada. Enfim, pode ser que um dia ainda o seja, e como ‘até ver nunca é tarde’, não falecem aí nossas esperanças. Esperemos... Os automóveis! Ah! Os automóveis, os terríveis e impiedosos rivais das carruagens! Esses então os mais perigosos. Poucos são os que se preocupam com as posturas municipais. Infringe-nas a cada passo: ora se esquecem de fononar à dobra de uma esquina, ora trazem apagadas as luzes, ora desandam numa corrida desabalada pela rua afora. E muito a miúdo, escolhem justamente dias de aglomeração popular, como domingo passado após a procissão, para se entregarem a esse último prazer. Na fúria da corrida nada os detém. Não se apiedam das vidas dos transeuntes nem se arreceiam dos olhos vigilantes do Sr. José Julião. Do mesmo modo, porém, que os carros, cocheiros e os cavalos, nem

¹⁸⁰ Ver: SANTA'ANNA, Denise Bernuzzi. Op. Cit.

¹⁸¹ É interessante ressaltar aqui a maneira como o cinema capta essa discussão com o filme *Metrópoles*, de Fritz Lang, de 1926. Elabora uma crítica às representações de massificação e controle dos indivíduos. Sua transformação em seres mecânicos e a possibilidade da ciência criar seres perfeitos constitui o projeto moderno.

*todos os automóveis são insolentes, apenas alguns são assim... Os outros caíram do céu por descuido...*¹⁸²

O articulista está preocupado com os movimentos da cidade, desde o incômodo provocado pela presença dos cocheiros, que por um lado representam a permanência de uma prática “*elegante*”, à dos automóveis que constituem a quebra de uma ordem, de uma tranquilidade que agora fora interrompida, atrapalhando o curso dos “*transeuntes*”. Essas novidades que chegam na cidade estão de certa forma dividindo as opiniões, pois, se a presença de automóveis na cidade traz os signos da “*vida moderna*” com a representação de força, prosperidade e progresso, a velocidade, a audácia e a coragem para pilotar e dominar essas máquinas vão desencadear eventos que se fizeram dignos de nota jornalística indignada, onde a chamada (“*Na Vertigem da Corrida*”) já demonstra um tom de audácia e torpor numa corrida entre dois carros em Itajaí:

“Quinta-feira, à uma hora da tarde, moradores e transeuntes das ruas Cabeçadas e Lauro Müller, viram, apavorados, a passagem, em louca corrida, de dois automóveis que, vindos de Cabeçadas, disputavam a primazia da velocidade, guiados um, marca Chevrolet, pelo Sr. Arno Bauer, e o outro, Chrysler, pelo Sr. Lindolpho Vieira, respectivos representantes dessas marcas na praça. Na ânsia de demonstrar a superioridade de seus carros, os dois representantes elevaram a velocidade a mais de 100 quilômetros por hora, levantando na passagem, grossas nuvens de poeira que nem deixavam distinguir as pessoas que iam dentro.

No entroncamento das ruas Lauro Müller e Camboriú quase ia se sucedendo um sério acidente que por pouco os autos se esbarraram com uma carroça que por ali passava. Estava, porém, escrito, que semelhante loucura não terminaria sem o resultado previsto. Ao defrontar os veículos, na mesma disparada absurda, a rua Onze de Junho de onde surgia uma carroça de Camboriú guiada pelo seu proprietário, Sr. Ernesto Luiz Pereira, os condutores dos automóveis não puderam evitar o desastre que, por verdadeiro milagre, não causou morte alguma. O Chrysler foi de encontro a carreta, sendo, com a violência do choque o carroceiro projetado fora do assento, recebendo ligeiros ferimentos na queda. O auto foi parar alguns metros além quase atingindo um filho do próprio Sr. Lindolpho que fora com o encontro lançado fora do auto. Ao local acorreram imediatamente numerosas pessoas verificando então que um dos

¹⁸² Jornal *O Comércio*. Itajaí, 08/05/21, P.01.

animais da carreta tivera a perna partida, sendo bastante avultado os danos materiais”¹⁸³.

É nesse conflito entre os automóveis e a tradição que se inscreve na cidade os signos da modernidade, ou pelo menos o desejo de ser moderno que perpassa pela cidade de modo contraditório, ou seja, a esse processo existe uma resistência entre os jornaes, embora sente-se os efeitos da modernização, pois embalados por esses discursos procuram reordenar os espaços de sociabilidade com a inauguração do Mercado Público em 1917, a luz elétrica, o telefone (1923), a inauguração da sede da Prefeitura (1926), o cinema, enfim elementos que fazem com que Itajaí respire os ares da modernidade¹⁸⁴.

Estas práticas acabam constituindo uma representação onde os indivíduos inserem-se num cosmos em que a cidade torna-se um palco escriturário, sendo que os atores estão não só representando, mas projetando seus sonhos e seus desejos nas paredes, muros e ruas da cidade. O movimento, a velocidade, os ritmos, advindos com o discurso moderno, produzem um campo onde não há tempo para a morosidade dos movimentos e nem para os atávicos, ou seja, o cuidado com o físico vai dar os fundamentos para uma sociedade forte e saudável.

Para isso vai se investir sobre as práticas esportivas como elemento regenerador dos corpos, onde os discursos acerca da saúde tornam-se um ponto de junção entre a prática de exercícios físicos e a possibilidade de tomar os corpos objeto de perfectibilidade, ligando à prática de exercícios um pensamento eugenista.

A educação física,¹⁸⁵ enquanto elemento constituidor de corpos saudáveis, vai ordenar uma discursividade que institui uma trama engendradora na formação de uma nação saudável¹⁸⁶.

¹⁸³ Jornal *O Pharol*. Itajaí, 09/02/29, P. 01.

¹⁸⁴ Sobre esse processo de modernização em Itajaí, Marlene de Fáveri escreveu interessante artigo onde procurou apreender essa atmosfera eufórica, advinda do discurso modernizador: FÁVERI, Marlene de. Encantamento e Espanto: O que (não) sonharam os homens. In: *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Insular, n° 04, 1996, PP. 61 a 73.

¹⁸⁵ Os debates em torno da inclusão da educação física no currículo escolar permeiam as discussões sobre a nação, sendo que em 1915 Fernando de Azevedo propôs a criação de uma cadeira de educação física no colégio Belo Horizonte. Ver: CAPELATO, Maria Helena. *Os Arautos do Liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989. No entanto, a educação física tornara-se obrigatória no ensino

O jornal “*Itajahy*” ressalta a necessidade da educação física como elemento “*construtor*” de uma nação próspera, ou seja, a criação de um projeto por parte do Estado para instituir nas escolas, ou em “*centros de cultura física*”, a prática da educação física:

*“Todas as grandes nações têm tomado medidas coercitivas contra a dissipação da vida humana, resultante da falta de higiene, tanto individual quanto coletiva, instituindo estabelecimentos técnicos onde, a par dos métodos elementares de cultura física, ministram-se rudimentos de higiene pública e domiciliaria.(...) É opinião corrente que as nações mais progressistas do mundo são aquelas onde a educação física se pratica por lei do Estado”*¹⁸⁷.

Difunde-se em Itajaí, na década de 20, toda uma discursividade acerca do esporte e sua relação com a instituição de corpos saudáveis. Isso ao mesmo tempo vem embalado pela euforia, pelo êxtase provocado pela cultura moderna, ao menos no discurso dos articulistas dos jornais.

Novembro tornou-se significativo, pois nesse mês realizaram-se as regatas do campeonato catarinense de remo em Florianópolis. Disputadas no dia 15, eram sempre noticiadas pelos jornais. Nas regatas de 1920, o jornal “*O Pharol*” anunciava em primeira página a vitória da “*yole Riachuelo*” (do Clube Náutico Almirante Barroso), que conquistara o campeonato.

“O Clube Náutico Almirante Barroso, Campeão do Remo.

Delirantes manifestações.

Realizou-se no dia 15 do corrente, na capital do Estado, debaixo do mais vivo entusiasmo, a grandiosa e interessante pugna náutica, promovida pela Federação Catarinense de Remo, na qual tomaram parte todos os clubes confederados do Estado e que constitui extraordinário sucesso, vencendo, porém, a cobiçada vitória o Clube Náutico Almirante Barroso, da nossa cidade, que conquistou as insígnias de campeão, honrando assim, mais uma vez, as tradições da mocidade itajaiense.

somente com a Constituição de 1934. Ver: CAMPANHOLE, Adriano e CAMPANHOLE, Hilton Lobo. *Constituições do Brasil*. São Paulo: Ed. Atlas, 1989.

¹⁸⁶ Na década de 20, o “*diagnóstico*” de médicos e intelectuais era que o Brasil era um país doente, necessitando ser curado através da eugenia, sendo o esporte um elemento propício à regeneração dos corpos “*decaídos*” e “*degenerados*”. Também se constituía na possibilidade de tornar a nação forte e saudável, pronta para “*lutar pela pátria*”, visto que isto também é um efeito do pós-guerra.

¹⁸⁷ Jornal *Itajahy*. Itajaí, 07/01/23, P. 03.

As Manifestações

A notícia alvissareira da brilhante conquista eletrizou de contentamento a população itajaiense. E na capital, o povo, dividido em partidos, numa encantadora solidariedade, que é à base da grandeza de toda a organização social, disse a 'Republica', homenageou, nas vibrantes manifestações de apreço e simpatia, a mocidade do 'Almirante Barroso'.

A Entrega da Taça

À noite no 'Clube 12 de Agosto', a Federação do Remo fez a entrega da 'Taça do Campeonato' a guarnição do Barroso, usando ali da palavra o sr. Almirante Portilho Bastos, que salientou o admirável triunfo dos itajaienses. Agradeceu, em nome do clube, o senhor Eugenio Müller Filho, presidente.

Vencedores

A tripulação vencedora do campeonato compunha-se dos srs. Amâncio Coelho, voga, Anibal Gaya, sota-voga, Primo Uller, sota-proa, José Gall, proa; patrão, Martinho Lins.

Os Prêmios

Conforme as colocações obtiveram prêmios. O 'Riachuelo' conquistou 13 medalhas de ouro e 13 medalhas de prata; o 'Martineli' 18 de prata e 3 de bronze; o 'Almirante Barroso', o detentor da Taça do Campeonato, 10 medalhas de ouro, o 'Marcílio Dias' 5 medalhas de bronze.

O Regresso

No dia 16, pelo paquete 'Anna', regressou à nossa cidade os valorosos remadores itajaienses, sendo aqui festivamente recebidos.

O Desembarque

Ao saltarem, receberam delirantes ovações que chegaram a verdadeiro delírio. A multidão se premia de entusiasmo, sócios e torcedores enchiam o trapiche com bouquets e flores entoando canções do clube.

A Yole Vencedora é Levada em Triunfo.

A yole 'Riachuelo', vencedora, foi tirada de bordo e carregada ao ombro pelos 'barrosistas' indo em cima da quilha, o batutinha, patrão Martinho Lins, empunhando a taça e as 'corbeilles' recebidas, e a

guarnição em baixo, ladeada pelas senhoritas torcedoras, que formavam intensas alas.

O Discurso

Ao chegar ao jardim da praça, sempre com aclamações, falou pelo povo o Sr. Marcos Konder¹⁸⁸, que com palavras vibrantes e entusiásticas, enalteceu a mocidade itajaiense. Ao terminar foi vivamente aplaudido.

Segue o Préstito

Formado de novo o grande préstito percorreu diversas ruas sempre debaixo de vivas e palmas.

Curso de Automóveis

A tarde automóveis repleto de senhoritas corriam pela cidade vivando, ainda, os valorosos rapazes.

O Baile em Regozijo

À noite, no vasto edifício do Clube Almirante Barroso, realizou-se imponente baile e (sic) ceia regada a bons líquidos, reinando sempre o maior contentamento.

Os Telegramas

Florianópolis-15/11-Diretoria Barroso Braço é braço. Vencemos campeonato. Blumenau-15/11-Musculatura é musculatura. Recebam abraços rapaziada. Tiburcio. Blumenau, 16/11/1920. Tenho a honra de felicitar com a máxima satisfação a diretoria e a guarnição 'Braço de Aço' vencedora do campeonato das regatas de 15 do corrente. Viva o 'Barroso'. César Silveira¹⁸⁹.

Esta nota parece ser bastante emblemática no momento em que o articulista se deixa tomar pela euforia¹⁹⁰ provocada pela vitória da guarnição barrosista. Mas nem só de mera euforia foi tomado o articulista, pois forja em sua escrita alguns discursos que circulavam nesse momento em Itajaí.

¹⁸⁸ Nesse período, Marcos Konder é um dos diretores do Clube Náutico Marcílio Dias, aqui-rival do Clube Náutico Almirante Barroso.

¹⁸⁹ Jornal. *O Pharol*. Itajaí, 27/11/20, PP.01-02.

¹⁹⁰ Aqui é interessante sugerir o primeiro capítulo do texto de Nicolau Sevcenko, *Orfeu Estático na Metrópole*, onde observa como está se constituindo uma nova sensibilidade cultural, em que os excessos, a euforia e a multidão passam a constituir a cena urbana paulistana. SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit.

A escrita do texto traz implícitas algumas discussões que estão perpassando o país na década de 20, como a “*Liga de Defesa Nacional*”, criada por Olavo Bilac, que desde 1915 iniciou “*uma jornada patriótica para despertar a nação*”¹⁹¹, trazendo o problema do patriotismo e do alistamento militar obrigatório como possibilidade de formar uma nação forte e preparada para o “*front*”.

Assim, o investimento sobre a “*mocidade*” se dá no âmbito da relação entre a preparação militar e o exercício físico. Exercitar o corpo significa preparar-se para a “*defesa da pátria*”. Por isso Itajaí contava com o “*Tiro de Guerra 301*”, pronto para forjar corpos preparados para a defesa da nação.

Nosso articulista não se esquecera de ressaltar que a guarnição do Barroso estava honrando as “*tradições da mocidade*” que parecem estar sintonizadas com os discursos que circundam a idéia de força e preparo para defesa da pátria. Em sintonia está o articulista que produz um sentido em seu texto enquadrado nas necessidades em forjar uma nova linguagem.

Palavras como “*eletrizou*” fazem parte do vocabulário do articulista: a eletricidade está articulada ao movimento e ação dos corpos, como também inserida num sentimento onde a alegria e a adrenalina referem-se à energia que circula no corpo como a eletricidade. As sensações psíquicas estão no correr das linhas dos jornais, o “*delírio*” parece invadir os sentidos daqueles que foram receber a guarnição do Almirante Barroso. Tais signos estão habitando não apenas as páginas dos jornais, mas os desejos daqueles que as percorrem em busca de um sentido em sua leitura¹⁹².

Percebe-se também como o articulista vai se apropriando de uma linguagem acerca do corpo quando se vê nos telegramas as seguintes expressões: “*musculatura é musculatura*”, “*braço é braço*” e “*guarnição braço de aço*”. Isso articula toda uma representação acerca da relação entre o corpo e o uso de uma nomenclatura anatômica que está habitando uma ordem discursiva.

¹⁹¹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. Cit. P. 120.

¹⁹² Ver: GOULEMONT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). Práticas da Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

Ainda vale colocar como vai se articulando o corpo ao aço, constituindo uma representação de força e potência, pois o ferro se constitui no final do século XIX até as primeiras décadas do XX num signo de progresso e riqueza, fazendo parte da arquitetura das metrópoles¹⁹³.

A locomotiva produz uma representação acerca da velocidade e da força, em que o aço investe sobre os seres a idéia de força e movimento dos corpos que tem agora que funcionar como máquinas, com eficiência e precisão, atribuindo a possibilidade de constituir corpos perfeitos.

Exercitar o corpo é fundamental para constituir corpos saudáveis e principalmente instituir o movimento como regenerador dos corpos, evitando que estes venham a “definhar”. O jornal “O Pharol” publica o artigo “O Exercício”, estabelecendo uma relação entre o exercício do corpo e a ação orgânica:

“A atividade é uma manifestação da vida e abundância de vida é a recompensa da atividade. O estacionamento é o precursor da morte. Quando uma árvore cessa de crescer, se estagna e decompõe-se. A água corrente é mais pura por desembarar-se ela de suas impurezas pela atividade. O Mar Morto é uma grande depressão do solo cheia de água estagnada. Tem esse nome porque falta a este escoamento e, por conseguinte, atividade. Não podem viver nele peixes ou outros animais, porque constitui um vasto recipiente de substâncias venenosas que nele se tem acumulado durante séculos.

Esta lei da vida se verifica nas funções de cada órgão do corpo. Os músculos inativos debilitam-se; os dentes inativos se deterioram; a vista inativa enfraquece; e o mesmo acontece a todos os demais órgãos do corpo, o vigor com que eles preenchem as funções respectivas está na relação direta da atividade que exercem.

A principal razão porque o organismo se debilita e enferma é que o sangue, pela inatividade do corpo, fica como que entorpecido, deixando de preencher normalmente as suas funções, que consistem

¹⁹³ Ver o ensaio de BENJAMIN, Walter. Paris, Capital do século XIX. In: Walter Benjamin: Coleção grandes cientistas sociais. 2ª edição. Tradução: Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1991. O autor ressalta que Com o ferro aparece pela primeira vez na história da arquitetura, um material artificial. A isto subjaz uma evolução cujo ritmo se acelera no decorrer do século. Isto recebe o decisivo impulso quando fica claro que a locomotiva, com a qual se faziam experiências desde o final dos anos 20, só era utilizável sobre trilhos de ferro. O trilho se torna a primeira peça montável de ferro, sendo precursor da viga de sustentação. Evita-se o ferro nas moradias, mas ele é empregado nas galerias, salas de exposição e estações de trem -construções que serviam para fins de trânsito. PP. 31-32.

principalmente em remover os órgãos, dos músculos e dos ossos as matérias gastas do tecido, e reconstruir com material novo e melhor o que está desfeito. É, no entanto, impossível para o sangue realizar esse trabalho se os pulmões não foram constantemente alimentados com ar fresco e puro e o corpo com alimentos próprios, porque os hábitos de vida devem ser sempre de natureza a imprimir vigor à circulação do sangue nessa missão de levar a vida a todas as partes do organismo.

*O valor do exercício regular e inteligente não pode ser suficientemente encarecido: é a lei da vida para todo o ser vivente*¹⁹⁴.

Movimentar-se e exercitar o corpo constitui uma maneira não só de tornar-se saudável, mas necessário para a sobrevivência dos indivíduos; o sangue torna-se elemento fundamental para garantir a força do corpo. A “inação” do corpo provoca a “degeneração” dos sujeitos que, sem movimento, sem ação, estariam fadados a “definharem”.

Assim, o corpo, os exercícios e o esporte vão estar articulados a um discurso fisiológico, onde o sangue, os músculos e os pulmões formam um falar sobre o corpo e conseqüentemente sobre os sujeitos, definindo práticas de sociabilidade onde esporte e saúde caminham paralelamente. A energia também se constitui num elo entre a força do corpo e a habilidade dos indivíduos que devem se preparar física e moralmente.

Na primavera de 1923, o jornal “*O Pharol*” não perde a oportunidade de publicar um artigo de Coelho Netto¹⁹⁵, intitulado “*Energia*”; providencial, pois energia e primavera constituem-se em movimento dos corpos:

“O homem sem iniciativa que tudo espera do acaso é como o mendigo que vive de esmolas.

A mais bela coragem é a confiança que devemos ter na capacidade do nosso esforço.

O que sobe, por favor, deixa sempre um rastro de humilhação. O caminho está aberto a todos e se uns vencem e alcançam o que

¹⁹⁴ Jornal *O Pharol*. Itajai, 21/07/23.

¹⁹⁵ Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934), juntamente com Olavo Bilac, se integram a uma geração de intelectuais preocupados em forjar a nação e instituir nesse período a idéia do patriotismo. Coelho Netto foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, que tinha como Presidente, em 1923, o médico eugenista Afrânio Peixoto.

almejam, não é porque sejam predestinados, senão porque forçaram os obstáculos com arrojo e tenacidade.

Não há arrimo mais firme do que a vontade. O que se fia em si mesmo é como o que viaja com roteiro e provido de farnel e não perde tempo em informar-se do caminho nem em buscar estalagem para comer.

Só há uma sina a que o homem não pode fugir – é o trabalho, ponte lançada sobre o abismo da miséria no fundo do qual gemem todas as dores, rugem todos os vícios e escabujam em lama todas as vergonhas.

Quem desanima ou se deixa vencer pelo terror, fica na pobreza ou rola do alto e, uma vez caído, só com redobrado esforço conseguirá voltar acima, ferindo-se nas arestas dos alcantis, e às vezes, trazendo manchas de lama, que é o fundo do precipício.

A fortuna é como fruto que se não dá senão a quem o vai colher ao ramo; esperá-lo debaixo da árvore até que se desprenda o galho, é dispor-se a comê-lo podre.

O homem que diz: ‘Eu quero’ é como a ave que se levanta na força das próprias azas, cruzando o espaço como entende; aquele que diz: ‘Eu espero...’ é como flecha que só dirige na direção da pontaria, caindo, inerte, desde que cesse o impulso da corda que disparou.

Só os fracos, os impotentes quedam na resignação, os enérgicos insurgem-se, lutam, dão combate à vida e vencem”¹⁹⁶.

O texto de Coelho Netto tem o cuidado em situar a energia, a discussão da moral e do trabalho: debate liberal acerca do trabalho e daqueles que estão aptos para o trabalho e para o progresso, onde uma das preocupações, no Brasil, era pensar como produzir braços prontos para o trabalho¹⁹⁷. O exercício moral é importante para investir sobre os indivíduos o desejo de tornarem-se “enérgicos” e preparados para a vida moderna.

¹⁹⁶ Jornal O Pharol.Itajai, 220/09/23, P. 01.

¹⁹⁷ Isto incide em pensar as políticas de imigração no Brasil nas primeiras décadas do século XX, onde o Brasil é visto como um país mestiço e com isso teria pouca possibilidade de alcançar a civilização. O jornal paulista *O Estado de São Paulo* está trazendo à tona os debates liberais acerca do trabalho e da imigração, relacionado a inferioridade racial dos brasileiros. Qual seria a melhor raça para imigrar ao Brasil? Essa era a pergunta que se fazia, ou seja, o trabalhador brasileiro era visto pouco apto ao trabalho, preguiçoso, etc. Ver: CAPELATO, Maria Helena. Op. Cit. Em Itajai, nesse período, essas discussões desqualificavam o pescador, caracterizado como preguiçoso e portador de uma “modorra”. Ver SEVERINO, José Roberto. Op. Cit. Também ao analisar o progresso da economia paulista com a cultura cafeeira, Caio Prado Jr. atribuía esse progresso ao imigrante, pois era mais apto ao trabalho do que os afrodescendentes na condição de cativos. *O único progresso sensível e de vulto na agricultura desta fase que nos ocupa será ainda a introdução do trabalho livre, e particularmente do imigrante europeu, o que melhorará consideravelmente as condições da*

Na década de 20, em Itajaí, as discussões acerca dos esportes e do cultivo do físico como elemento de melhoramento moral vão se cruzar com as discussões raciais que transpassam os debates acadêmicos entre os “*homens de ciência*”. O Brasil compreendido (apreendido) como um país mestiço e distante da possibilidade de perfectibilidade, ou de civilização, busca no esporte uma possibilidade de melhoramento racial e moral para a nação.

O jornal “*Itajahy*”¹⁹⁸, em seu primeiro número, abre uma coluna chamada “*Pelo Vigor da Raça*”, onde essas discussões estão sendo veiculadas na cidade:

“Os jogos esportivos não somente preservam a saúde, como dão ânimo para o trabalho. Dão saúde moral ao mesmo tempo que física, audácia e resistência à fadiga, domínio de si mesmo e bom humor.”

Ode ao Esporte

I

Esporte! Prazer dos deuses, essência da vida surdiste, subitamente, em meio ao caminho onde se apura o ingrato labor da vida moderna, como um radioso mensageiro dos áureos tempos que lá vão e em que a humanidade era feliz e era forte. Quando surgiste para a ressurreição física do homem, um sol de ouro, o sol de uma aurora nova, depois de coroar o cimo das montanhas, desenhou no solo imagens triunfais.

II

Esporte! Tu és a beleza! És o arquiteto desse edifício que forma o corpo humano e que pode ser sublime, se cultivado com inteligência pelo esforço ou objeto, se conformado pelo corrosivo das paixões.

exploração agrária em confronto com o que se dava antes com o emprego do escravo. Ver: PRADO JR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1969, P. 226. Observa-se em Caio Prado Jr. uma certa permanência desse pensamento, onde o imigrante traz consigo o germe do trabalho, do progresso, do empreendedor e da civilização. Em Santa Catarina, mais especificamente o Vale do Itajaí, foi produzida uma imagem do empreendedor calcado na figura do imigrante europeu, como sendo o impulsionador da indústria em Santa Catarina. Relacionando a colonização ao progresso industrial de Santa Catarina, essa concepção é presente em HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: O modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Ed. da Furb, 1987.

¹⁹⁸ O jornal *Itajahy* vincula-se a elite política de Itajaí, pois Mascarenhas Passos era da diretoria do Clube Náutico Marcílio Dias juntamente com o Coronel Marcos Konder e Oswaldo Reis, o que deve constituir um elo entre Mascarenhas Passos e Mascarenhas Filho, Diretor do jornal. O jornal circulou em Itajaí até 1929, vésperas da “*Revolução de 1930*”, que institui uma outra elite política no país. O jornal *O Comércio* também estava engajado com as elites políticas de Itajaí, sendo seu proprietária Inmanuel Currlin, Secretário do Clube Náutico Marcílio Dias.

Nenhuma beleza pode existir sem proporção, sem equilíbrio e tu és o incomparável artífice duma e do outro por isso que crias a harmonia, ritmas o movimento, transmites graça à força e comunicas energia a própria fraqueza.

III

Esporte! Tu és a justiça! A equidade perfeita, tentada inutilmente pelos homens nas instituições sociais, se estabelece e consolida por si mesma em torno da tua própria força. Ninguém pretenderá exercer dum sentimento sequer, a altura que possa vencer, nem dum minuto ao menos, o tempo que possa resistir correndo.

As forças físico-morais combinadas determinam, em cada caso, o limite do seu poder.

IV

Esporte! Tu és a audácia! A significação muscular se resume neste vocábulo de tão alto prestígio: - Ousar.

A que servirão músculos excelentes, a que servirá sentir-se ágil e sentir-se forte, cultivar a fortaleza e cultivar a agilidade, senão para 'ousar'? A audácia temerária e inconsciente que anima o aventureiro a expor ao azar todos os seus recursos.

É a audácia prudente a audácia refletiva.

V

Esporte! Tu és a honra! Os títulos que conferes não tem nenhum valor se não forem conquistados com lealdade. Aquele que engana a seus competidores com adjutório do artifício e da covardia, experimenta a vergonha, intimamente, e recebe que a pecha infamante lhe marca o nome se lhe descobre, mais tarde ou mais cedo, a fraude praticada.

VI

Esporte! Tu és a alegria! Ao murmurar-te o nome, alegra-se o corpo, rutilam os olhos, o sangue, generoso e são, circula com maior atividade ao través das artérias. O horizonte das idéias se aclara e se purifica. Dás até aqueles que a tristeza invadiu, distração salutar às suas magoas e permites aos afortunados, em mais integra plenitude, o gozo da felicidade de viver.

VII

Esporte! Tu és a fecundidade! Indicas direto e escampo, os caminhos que conduzem ao aperfeiçoamento da raça, destruindo bactérias mórbidas, corrigindo defeitos que ameaçam a pureza da raça. Inspiras ao atleta a ambição de proteger o desenvolvimento físico dos filhos, para que eles, na inteira força da mocidade, possam sucedê-lo na arena e, por sua vez, conseguir as palmas do triunfo e os louros da consagração.

VIII

Esporte! Tu és o Progresso! Para bem servir-te é necessário que o homem aperfeiçoe a alma, aperfeiçoando o corpo. Obrigas-lo a observância duma higiene escrupulosa, exigindo-lhe a temperança, uma e outra síntese da saúde orgânica. Ensinas-lhe as Sábias regras que lhes darão ao esforço a máxima intensidade, sem comprometer o equilíbrio da saúde.

IX

Esporte! Tu és a Paz! Estabeleces correntes de simpatia entre os povos, estreitando-os sob o culto da força organizada, incruenta e incoercível. Á sombra e proteção dos teus pendões à juventude universal aprende a respeitar-se e, deste modo, a diversidade dos valores nacionais se converte em princípios de generosa e pacífica enlação¹⁹⁹.

O esporte na década de 20 está tomando-se um ponto de convergência de discursos que estão instituindo-se sobre os indivíduos, produzindo uma representação acerca dos desejos de tornar os indivíduos perfeitos. As práticas esportivas são tomadas agora por uma série de discursos que se cruzam.

O trabalho, a paz, a alegria, a beleza, a justiça, a fecundidade, etc., são elementos que procuram forjar uma essência que transmita aos corpos a possibilidade de perfeição dos indivíduos, que possibilite moldar os corpos, dar a ele uma plasticidade, incluindo-se aí as discussões eugênicas como possibilidades de curar a fealdade em corpos antes considerados debilitados, feios, sem nenhuma condição de perfectibilidade²⁰⁰.

¹⁹⁹ Jornal *Itajahy*. Itajai, 17/12/22, P. 03.

²⁰⁰ Dentro das discussões eugenistas, a beleza era um dos pontos de debate entre intelectuais como Renato Kehl e Ernani de Irajá.

Ao esporte é atribuída uma origem e buscar a essência do esporte é referendar a sociedade antiga onde “*prazer dos deuses*” pode trazer a “*ressurreição física*” dos indivíduos. Trazer à tona uma essência das práticas esportivas constitui em estabelecer um elo com uma certa essencialidade ou pureza dos esportes.

Remontar à Antigüidade para situar a origem dos esportes já é perceptível em 1919, quando o jornal “*A União*” publicava “*O Remo*”, remontando à sociedade Grega e Romana:

“Quem não conhece o remo, esse instrumento que desde a mais remota antigüidade até os nossos dias impulsiona sobre a água as pequenas embarcações? Pois bem: se todos os conhecem, poucos são aqueles que no remo não vêm tão somente um simples ramo de árvore adaptado ao emprego que é destinado. E, no entanto, se há um instrumento que da humanidade mereça gratidão, é o remo, fator primordial da civilização que desde a idade da pedra até hoje, por uma série de evoluções, transformou o homem das cavernas no aprimorado, elegante Gentleman dos salões modernos.

Decorreram as idades, progrediu a raça humana, ergueram-se impérios e a todas essas evoluções presidiu o remo, que por sua vez alongou-se, tomou a forma do remo de voga, e com eles os argonautas fizeram o comércio marítimo, os gregos fizeram sua hegemonia no mediterrâneo oriental, os romanos conseguiram plantar a civilização ocidental e fixar para sempre os seus fundamentos”²⁰¹.

Esses dois textos estabelecem um ponto em comum: firmam-se na tentativa de buscar uma origem para o esporte, mas no segundo caso, exclusivamente ao remo²⁰² - esporte que estava se constituindo como uma prática entre as elites da cidade e procurava se instituir entre outros grupos sociais que se colocassem a favor da prática (principalmente regenerativa) do remo.

Desencadeia-se quase uma prática pedagógica em torno do remo e dos demais esportes, positivando iniciativas de grupos sociais que se apropriassem desses discursos. É o que o jornal “*A União*” procura legitimar ao publicar a fundação do Clube de Regatas

²⁰¹ Jornal A União. Itajaí, 10/04/19, P. 02.

²⁰² Itajaí, na década de 20, vai contar com três clubes de remo, o Clube Náutico Marcílio Dias, o Clube Náutico Almirante Barroso (ambos fundados em 1919) e o Clube de Regatas Cruz e Souza. Este último é bastante interessante por ser composto por afrodescendentes, fundado em 1920, segundo indica o jornal *A União* de 20/06/20, P. 01.

Cruz e Souza, clube este formado por afrodescendentes ou, como discorria o articulista, “*diversos homens de cor*”:

“Na Sociedade ‘15 de Novembro’, desta cidade, foi fundado domingo último por diversos homens de cor, mais um clube de Regatas, que tem como patrono o inesquecível poeta catarinense Cruz e Souza, o sonhador do belo e do ideal.

A diretoria do clube recém-fundado é composta de diversas senhoritas, que foram aclamadas pela assembléia. Estiveram presentes a sessão de fundação do Clube ‘Cruz e Souza’ os Srs. Cel. Marcos Konder, operoso Superintendente Municipal, José Eugenio Müller, Mascarenhas Passos e Oswaldo Reis pelo Clube ‘Marcílio Dias’, Tuffi Schead, Ralf Thieme e Raul Seára pelo Clube ‘Almirante Barroso’, Albano P. Costa pela ‘União’, Ary Mascarenhas, João Neves, Pedro Santos e muitos outros cavalheiros, cujos nomes nos escaparam, aos quais foi servida lauta mesa de doces e bebidas”²⁰³.

O Clube Cruz e Souza está se constituindo na materialização de um discurso onde é necessário elevar, através das práticas esportivas, o nível “*físico, moral e racial*” dos itajaienses. Aqui, além de positivar uma prática, procura-se estabelecer um vínculo entre as associações de trabalhadores e as elites políticas da cidade, visto que a Sociedade XV de Novembro é quem vai embasar a fundação da Sociedade Beneficente dos Estivadores em 1922, aproximando-se das discussões socialistas do período e participando do partido comunista²⁰⁴.

O que parece apenas uma simples prática esportiva está imbricada em um campo simbólico onde se estabelece uma luta entre poderes que procuram “*forjar*” uma determinada visão de mundo, ordenar as coisas, os desejos, os sentidos. Os micropoderes atuam nessas filigranas, em espaços sutis, e os detalhes podem revelar camadas de uma história feita de papéis, vozes, sonhos, devaneios e ilusões.

Ao esporte vai caber uma representação bastante interessante no que tange a formação das gerações seguintes: as práticas esportivas não estão relacionadas apenas à força ou ao preparo físico, estão inseridas também à beleza e a inteligência, fundamentais para a formação do “*caráter*”.

²⁰³ Jornal *A União*. Idem.

²⁰⁴ SILVA, José Bento Rosa da. Op. Cit.

O exercício físico está inserido numa rede onde se constituem corpos eugenizados que, do ideal, tornam-se possíveis de realidade, ou seja, exercitar o corpo é um caminho de investimento dos discursos eugenistas. É o corpo o lugar desses investimentos: tornar corpos belos é “*transformar um indivíduo*”, pois a beleza está articulada ao caráter, ao rigor, e assim tentam demonstrar a possibilidade de plasticidade dos corpos, moldá-los ao ideal de beleza greco-romano.

Estas representações circulavam por Itajaí desde o final da década de 10, quando o “*Almanaque Eu Sei Tudo*”²⁰⁵ exibiu um modelo argumentando ter ele um corpo perfeito, constituindo uma representação acerca da plasticidade dos corpos.



Figura 2: Atleta perfeito.

O jornal “*Itajahy*” se atém à beleza na coluna “*Pelo Vigor da Raça*”, através do ensaio “*Os Meios Naturais para ser Bella*”, ressaltando a importância dos exercícios para garantir a beleza tanto masculina como feminina:

“O esporte não deve ser praticado exclusivamente pelos homens. Que o pratiquem também as mulheres, pois destas como daquelas dependem a beleza, o rigor e o caráter das novas gerações.”

As mais corretas formas do corpo não constituem por si só a beleza, é necessário que aquelas sejam conjugadas a uma suavidade delicada da pele e a uma pureza de linhas que vem a ser como o último toque da natureza em uma mulher.

²⁰⁵ *Almanach Eu Sei Tudo*. S/d, fundos do Arquivo Histórico de Itajaí. No Almanaque não constava data, mas estava em um conjunto encadernado datado de 1915 a 1918.

Para que possuir a mulher um ombro cheio e uma garganta redonda e alva, quando a pele é áspera?

Que atrativo pode possuir o braço mais elegantemente modelado, quando a pele é rugosa?

Todos os cuidados são, pois, poucos para defendê-las com infinitas preocupações dos agentes exteriores que as enfeiam, e ainda mais: seria necessário desterrar as loções, os cosméticos, os pós-de-arroz, as pinturas e todos esses artificios que a mulher procura avidamente para se tornar artificialmente bela.

Abstenha-se a mulher desses perniciosos artificios e deixe que a natureza por si lhe dê os encantos desejados e reflita que o grande segredo para possuir uma pele formosa e brilhante consiste em três coisas insignificantes: a moderação, o exercício físico ao ar livre e os banhos.

Os banhos limpam as impurezas acidentais do corpo e deixa em liberdade a respiração cutânea. O exercício físico ao ar livre, com moderação, é outra condução essencial para a conservação da beleza.

A água é entre os agentes produtores da beleza, o mais simples e poderoso. A água pura, tal qual como no-la oferece a natureza, sem os complementos químicos ou vegetais, inventados para gáudio da vaidade, melhor que nenhuma outra, é a água da chuva não alterada ainda por nenhuma influencia estranha.

A Rainha da Holanda, cuja tez tem uma suavidade delicada, não oculta a ninguém que, para conservar aquela qualidade delicada de seu rosto, usa uma receita que está ao alcance de todos: o orvalho da manhã.

Não é por ventura, o orvalho da manhã, que dá as delicadas pétalas das flores, a sua frescura e a sua vida?

Porque, pois, os cosméticos, os carmins e todas essas bugigangas e feitiçarias inventadas por essas legiões de perfumistas e quejanda potockas? Mimosas ²⁰⁶.

“Mimosas”, assim assinada a crônica da coluna, articula o esporte, a atividade física e a natureza da mulher. A natureza feminina²⁰⁷, segundo “Mimosas”, está relacionada

²⁰⁶ Jornal Itajahy. Itajai, 14/01/23, P. 02.

²⁰⁷ Vale lembrar que no final do século XIX, romances naturalistas inspirados em Emile Zola vão produzir representações sobre a natureza feminina. Ver: RIBEIRO, Júlio. Op. Cit. Romance onde o autor define Emile Zola, como príncipe do naturismo e dedica-o ao Dr. Miranda Azevedo.

à beleza adquirida através do “*exercício físico, moderação e os banhos*”. A beleza poderia ser alcançada com esses três elementos e abandonando a maquiagem, pois ela constitui uma nova relação com a beleza feminina e com “*modas*” que estão emergindo na década de 20. O corpo feminino está ocupando um espaço de sociabilidade onde ele está presente aos olhares, produzindo uma nova sensibilidade acerca do corpo feminino²⁰⁸.

Pode-se observar no texto de “*Mimosa*” um cuidado em estabelecer uma fala que se balize num tripé: o cuidado com a beleza está sintonizado com um discurso higienista quando sugere o banho como propício à beleza; a moderação vinculada com um discurso liberal de perfectibilidade do indivíduo e ao exercício físico que, relacionando sua prática à natureza, constitui uma discursividade de pureza dos corpos.

A tentativa de constituir corpos belos e concomitantemente detentores de uma pureza dos movimentos, no exercício do corpo como possibilidade de eugenia e melhoramento racial, estabelece uma rede discursiva em Itajaí onde estas representações circulam entre as elites, que se vêem a frente de um projeto, onde o esporte, ou a “*cultura esportiva*”, constitui-se num espaço desse investimento. A padronização dos corpos relaciona-se com o desejo de embelezamento e regeneração dos sujeitos através de um discurso eugenista²⁰⁹.

Corpos femininos e masculinos tomam-se objeto de um discurso em que o ideal de corpo saudável institui uma prática cultural estabelecida em um discurso moderno, eugenista, ligando o esporte aos debates em torno do desejo de constituir uma nação.

Constituir uma nação esportiva ou uma “*civilização esportiva*” é algo que está presente em todos os “*espaços narrativos*”, que falam sobre a cidade. O desejo de se forjar corpos perfeitos perfilam as filigranas de uma ordem discursiva que se situa em todos os

²⁰⁸ Dois artigos são sugestivos sobre a construção de uma nova sensibilidade do feminino: MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 03, São Paulo: Cia das Letras, 1998, PP. 367-421 e PP. 423-512.

²⁰⁹ Sobre essa discussão articulada a uma política de beleza do corpo ver: FLORES, Maria Bernardete Ramos. A Política da Beleza: Nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasileira. In: *Diálogos Latinoamericanos*. Universidad del Aarhus, Centro de Estudos Latinoamericanos, Aarhus, Dinamarca, 2000, PP. 88 a 109.

espaços fisiológicos, inclusive a inteligência, que na coluna “*Pelo Vigor da Raça*”, publica um artigo que discorria sobre “*O Esporte e a Inteligência*”:

“O Sr. Marçal Boulenger, o primeiro escritor francês que tomou para assunto de um seu romance um episódio esportivo, respondeu do seguinte modo ao inquerito que recentemente fez ‘La Revue Mondialo’, (antiga Revue dès Revues), sobre as relações entre a inteligência e o esporte:

‘A utilidade do esporte é absolutamente indiscutível. Fala-se em abusos...

Abusos em esporte? Nunca compreendi o que significa isso, ou, pelo menos, sempre tenho notado que ela nunca se filia a verdade dos fatos’.(...)

Nunca é demais animar o espírito todo ele feito de precisão, de exatidão e de vigorosa submissão a disciplina voluntariamente aceita.

Repitamo-lo: o esporte é uma notável escola de vontade é a perfeita aplicação do ponto de honra. Saibamos, pois, cada dia, vencer um pouco da nossa preguiça e dar ao nosso corpo o exercício que ele precisa, proclamando a necessidade do treino ao ar livre. Digamos que a saúde e a mocidade só por esse preço podem ser mantidos.(...).

Certamente. É um absurdo o receio que o esporte prejudique a cultura intelectual e o afinamento do coração e do espírito. Pode-se acreditar, piamente, que os incapazes de encontrarem algumas horas para guarnecer o espírito, sentiriam melhor as vantagens e a satisfação de uma cultura requintada, se substituírem o ténis por um jogo cartoadado ou o golf pelo dominó?

O próprio Platão como, aliás, todos os gregos, queriam a aliança do corpo e da mente.

Pode a ginástica substituir o esporte?

A ginástica não pode substituir o esporte, do mesmo modo que uma coisa aborrecida não pode substituir uma coisa divertida. O esporte é todo encanto, atração, interesse, competição. A ginástica não é nada disso”²¹⁰.

A inteligência encontra-se conectada aos exercícios, onde o “*cultivo do corpo*” constitui uma relação entre corpo e mente, ou seja, a ambos devem estar de acordo com a

²¹⁰ Jornal Itajahy.Itajai, 28/01/23, P. 03.

instituição de corpos saudáveis. Desse modo, o discurso eugenista vai silenciosamente percorrendo as linhas, as páginas dos jornais, tentando instituir um ideal de corpo perfeito e sendo esta perfeição recorrente à cultura clássica da Grécia²¹¹, fomentando nos jovens (“mocidade”) o desejo de formar corpos perfeitos.

O desejo de fomentar em Itajaí corpos perfeitos e saudáveis desencadeiam práticas na cidade onde raça e corpo estão presentes, como as comemorações do Clube Náutico Marcílio Dias, na primavera de 1921, organizando um “festejo” em comemoração ao Dia da Árvore. “A Festa da Primavera”, que fora prevista para 25 de setembro, teve sua data transferida para o dia 02 de outubro.

O jornal “O Pharol” tomou as providências de publicar as atividades da festa, com uma chamada bastante instigante, “Pelo Vigor da Raça”, descrevendo os eventos programados pela diretoria do Clube:

“As diversas fases do programa são deveras interessantes, salientando-se, pela sua originalidade, a partida de xadrez com figuras vivas, que é a primeira vez jogada no Brasil. Cabe, portanto ao ‘C. N. Marcílio Dias’ a primazia desse empreendimento tão apreciado em Londres.

A primeira parte do programa: as 9:50- plantio na praça dos desportos ‘Dr. Hercílio Luz’ de 23 árvores de cedro e alocação à árvore pelo Deputado Dr. Victor Konder; as 10:30- inauguração do campo e partida de basquetebol; 11:50- partida de xadrez com figuras vivas pelos Srs. Demétrio Schead e João Acary; as 13:20- partida de dupla de tênis, as 13:50- distribuição de medalhas aos remadores que tomaram parte nas regatas comemorativas ao centenário de Itajaí e discurso pelo orador Celso Liberato.

Segunda parte, às 14:30- jogos atléticos; 1ª prova, Lançamento de peso, 7Kg; 2ª prova, Salto em distância com impulso; 3ª prova, Corrida de barreiras, 110 mts; 4ª prova, Salto com distância com impulso; 5ª prova, Lançamento de disco (estilo livre); 6ª prova, Salto em altura com vara; às 15:45, inauguração do campo e jogo de

²¹¹ Aqui é bom constar o estudo de Richard Sennett que observa o uso do corpo na Grécia do período clássico de Péricles, onde o gestual do corpo se confunde com a própria cidade, onde o cidadão deve fazer uso do seu corpo em público, controlar seus calores (a temperança). Isso se configurava como um exercício de cidadania e de perfeição do corpo e de Atenas. Ver: SENNETT, Richard. Op. Cit.

futebol entre os quadros do Brasil Futebol Clube de Tijuca e Clube Náutico Marcílio Dias; à noite, baile no salão 'Estrela'”²¹².

Apesar do aparente caráter informativo da matéria de “*O Pharol*”, contém alguns pontos interessantes que podem ser observados nos detalhes que revelam as minúcias que envolvem um campo simbólico, onde forças constituem um campo de batalha e as palavras desferem seus golpes nos corpos, pois que textos como este podem ser vistos como parte do efeito produzido por essa batalha entre as palavras e os corpos.

O detalhe revelador²¹³ está situado em pontos que suscitam pensar uma festa da primavera com o investimento de um discurso moderno sobre os corpos, por parte de uma elite engajada com um projeto de nação. Um evento como este se constitui na possibilidade de materialidade desse discurso investindo sobre os corpos e assim tomando possível “*regenerar*” corpos doentes.

Percebe-se o cuidado em descrever todas as atividades do evento esportivo. Esse tácito descrever se prolonga em instituir uma voz autorizada²¹⁴, dando legitimidade da prática discursiva. A “*elite*” política de Itajaí opera uma ação discursiva em que faz do atletismo, do futebol, etc., um ponto de legitimidade e mesmo de inclusão de uma ordem discursiva que está instituindo uma forma de dominação, onde a sutileza do discurso produz um efeito de domínio sobre os sujeitos que passam a ser inclusos nessa ordem discursiva.

O que parece obtuso parece indicar caminhos para entender as práticas esportivas inclusas numa ordem discursiva que se preocupa em cooptar os sujeitos, instituindo uma forma de sujeição em que os discursos se entrecruzam como fios que dão corpo ao tecido. A sutileza desses discursos se materializa na prática de esportes e no que de súbito se assemelha a um simples informe, como o do jornal “*O Pharol*”, percebe-se o ponto de tangência entre as palavras e o exercício de poder que se inclui na escrita do cronista.

²¹² Jornal *O Pharol*. Itajaí, 24/09/21, P. 01.

²¹³ Ver: GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

²¹⁴ Aqui é interessante a discussão de Pierre Bourdieu sobre a maneira como se investe um discurso, produzindo um porta voz, uma voz autorizada. Ver: BORDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas: O que falar quer dizer*. Tradução: Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Paulo Montero e José Carlos Durand. São Paulo: Edusp, 1996.

A inclusão não só das práticas esportivas como da inclusão dos corpos numa discursividade se liga ao objetivo de produzir um desejo de constituir corpos homogêneos e possíveis de perfeição. O esporte opera a sutil correspondência entre a produção de uma subjetividade onde o corpo saudável é detentor de uma certa possibilidade de se tornar perfeito e, conseqüentemente, civilizado: forma de dominação que exerce um poder que se ocupa em incluir os indivíduos ao invés de excluí-lo.

As práticas esportivas são a tentativa de materializar essa discursividade. Festas como a do Clube Náutico Marcílio Dias são sinais que pulsam e sinalizam como um farol, um possível caminho para entender uma determinada camada²¹⁵, a qual os textos espalhados em jornais e caixas de arquivo são fragmentos que os historiadores procuram dar sentido.

Uma festa pode ser a conexão para pensarmos como incluir os indivíduos em uma rede discursiva em que o esporte se une às discussões acerca da nação, em que o zelo do físico articula-se ao melhoramento da nação. Assim, corpo saudável representa não apenas um processo de higienização, como também um processo de eugeniação dos corpos; um biopoder²¹⁶ está sendo investido sobre os corpos em Itajaí nos anos 20, biopoder este que se desloca da ação governamental e se inscreve nas práticas esportivas, envolvendo uma elite política preocupada, como já vimos, em inserir a cidade no projeto moderno que se institui.

No convite da festa do Marcílio Dias encontram-se alguns aspectos interessantes a esse respeito, pois além de descrever as atividades do evento percebe-se a participação de indivíduos ligados às elites. Aliado a isto, uma série de menções no convite indicam essas

²¹⁵ A idéia de camada tomo por empréstimo de Michel Foucault, quando na formulação de uma arqueologia do saber. *Produz um efeito na forma de operar os conceitos e os objetos de estudo, onde torna-se possível ver a história circunscrita em um determinado tempo e lugar. Os fenômenos sociais e a emergência de discursos têm seu determinado lugar. Ver FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. 4ª edição. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.*

²¹⁶ A idéia de biopoder remete a emergência dos Estados Totalitários, ainda que no Brasil da década de 20 não tenhamos essa configuração política. Muitas das discussões da década de 20, vão ser apropriadas pelo Estado de massas que se constitui a partir da década de 30. Isso no que diz respeito a cultura, a arte, a política, os debates intelectuais. Ver DE DECCA, Edgar Salvadori. *1930: o silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981. MICELI, Sérgio. Op. Cit. Ver também a discussão de Michel Foucault em que opera a emergência de um biopoder a uma discussão acerca da raça no século XVIII e XIX, tendo no Nazismo e no Socialismo sua ancoragem. Ver: FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

tênuas filigranas do poder que se exerce ao ler esse fragmento onde raça e nação tentam produzir um eixo de inclusão dos indivíduos:

“A inação conduz à degeneração e a morte prematura.

O movimento é a vida, conserva as forças até aos últimos limites da existência normal.

Mantenhamos a alegria do espírito e conservemos perenemente a graça da juventude, aperfeiçoando o nosso físico na prática de desportos.

Um organismo bem equilibrado pelos exercícios físicos goza de notável resistência e está admiravelmente aparelhado para a luta moderna pela vida.

A conversão do sangue venoso em arterial, base da ação do corpo humano, tem no atletismo a maior e mais eficaz garantia de perfeita regularização.

O estado físico do indivíduo repercute diretamente na sua psicologia e sem uma cultura física bem orientada carecerá o homem das energias e virtudes imprescindíveis aos que querem triunfar na luta pela vida.

É objetivo do atletismo a harmonia geral do corpo humano, e a sua prática bem orientada equilibra o organismo, garantindo a regularização das suas funções.

O atletismo tem uma decidida influência no caráter dos indivíduos, porque tonificando o corpo contribui para desenvolver o sangue frio, a calma e a coragem.

Os exercícios físicos são o único meio seguro que dispomos para conservar no corpo e no espírito a força e a atividade da juventude.

À mulher brasileira: Ide vós mesmas e mandais vossas filhas e vossos filhos aos campos de atletismo, a fim de adquirirem resistência, corrigindo os defeitos resultantes do atavismo ou da atrofia adquirida.

Brasileiros! Dae aos vossos filhos uma educação física inteligente, prestando assim ao Brasil o maior e o mais nobre dos serviços, qual o de contribuir para elevar o nível da nossa raça”²¹⁷.

Essas menções estão postas no convite entre as atividades esportivas no dia em que a comemoração fosse realizada. Nessas “*simples*” menções parece se constituir uma

forma de exercer um biopoder e um mecanismo de inclusão dos indivíduos em uma discursividade, preocupada em investir sobre os corpos uma ação regeneradora.

Toda uma linguagem sobre o corpo (como já foi colocado) está presente no convite do Marcílio Dias: força, virtude, a coragem, o equilíbrio do corpo estão presentes e coabitando com uma discursividade e instaurando a possibilidade de, através do exercício físico, moldar o caráter, a virtude, moldar a raça e a nação. Vislumbra-se dessa forma a possibilidade de perfectibilidade dos indivíduos e conseqüentemente institui em Itajaí indivíduos que possam ser dotados de corpos saudáveis.

Na tentativa de forjar uma determinada subjetividade acerca do corpo, onde as atividades físicas sejam um ponto de tangência para dar visibilidade a esses discursos, as elites de Itajaí se fazem presentes. Estar presente nesses eventos seria apenas um meio de ter visibilidade pública? Fazeriam com que se instituisse uma sensibilidade burguesa? Reproduziria as modas vindas dos grandes centros?

O convite desse evento traz alguns aspectos importantes para a análise. Durante o dia seriam realizadas uma série de atividades esportivas, de modalidades diferentes, onde as marcas recordes das Olimpíadas de Antuérpia de 1920 eram ali assinaladas. Pode-se ver entre essas atividades os nomes de Dr. Affonso de Carvalho, Dona Ariane Bohomoletz (esposa do Dr. Miguel Bohomoletz), Immanuel Curlin, Irineu Bornhausen,²¹⁸ etc.

As ações ou práticas esportivas em Itajaí parecem extrapolar em certa medida essas noções, haja vista que as elites estão engajadas num projeto moderno em que aquilo que parece ser um ponto irradiador desses discursos se constitui em ponto de diálogo acerca desses investimentos. Há um diálogo, entre Itajaí e os centros como Rio de Janeiro e São Paulo, o que nos faz pensar no investimento sobre a atividade física em Itajaí como algo desconectado da noção de reflexo dos centros urbanos.

²¹⁷ Convite do Clube Náutico Marcílio Dias, Itajaí, 21 de setembro de 1921.

²¹⁸ É interessante perceber que Irineu Bornhausen vai tornar-se um importante porta voz dessas elites políticas, pois casa-se com Marieta Konder, filha de Marcos Konder (Sênior) e irmã de Marcos Konder, que foi Superintendente de Itajaí entre 1915-1930. Irineu Bornhausen se constitui numa figura estratégica para os interesses políticos locais e também na esfera pública, como um espaço de distinção. Ver: BARRETO, Cristiane Manique. *Entre Laços e Nós: Formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)*. Porto

Os esportes e suas representações circulam em Itajaí. Os jornais, além de serem veículos de circulação desses discursos, parecem estabelecer um diálogo com jornais de São Paulo. O jornal “*O Comércio*” transcreveu uma matéria do jornal “*O Estado de São Paulo*”, tecendo considerações sobre a festa do Marcílio Dias, denominando “*O Esporte Bem Compreendido*”:

“Do Clube Náutico Marcílio Dias, com sede em Itajaí, no litoral de Santa Catarina, recebemos um exemplar do programa da festa da primavera e da inauguração da praça de Desportos ‘Dr. Hercílio Luz’, realizada por aquele clube em 25 deste mês.

Programas de festas esportivas recebemo-los em grande número. O do Clube Náutico Marcílio Dias, porém, é único em seu gênero.

Muito acertadamente os dirigentes daquela agremiação esportiva intercalaram na descrição várias provas que compuseram o programa, várias, interessantes e valiosas máximas de educação cívica e atlética, procurando assim realizar, por meio do esporte, objetivos altamente civilizadores.

Tais máximas, pela correção e clareza com que são redigidas, constituem um verdadeiro catecismo de progresso. (...) Nesse ponto dá-nos uma bela lição à sociedade esportiva do litoral de Santa Catarina. O nosso progresso moral não tem correspondido, infelizmente, ao nosso progresso técnico, talvez por falta da aplicação sistemática do processo que usa o Clube Náutico ‘Marcílio Dias’, provando saber que a educação física é também intelectual e moral. Que nos valha o exemplo”²¹⁹.

A nota do jornal paulistano pode ser um caminho para entender como está se estabelecendo um projeto social em que o corpo saudável encarna a possibilidade de perfectibilidade dos corpos e da nação. O efeito profilático do esporte se acresce do discurso médico eugenista que pretende embelezar os corpos e torná-los possíveis de perfeição.

Com isso, nota-se que a distância entre os grandes centros e Itajaí são mais curtas que a distância geográfica, sendo que parecem estar em constante comunicação. Os

Alegre: UFRGS, 1997, (Dissertação de mestrado). Ver também: FÁVERI, Marlene. *Moços e Moças para um bom partido: (a construção das elites – Itajaí 1929-1960)*. Itajaí: Ed. da Univali, 1998.

²¹⁹ Jornal *O Comercio*. Itajaí, 16/10/21, P. 07.

discursos circulam e se interpenetram, articulando a necessidade de constituir uma prática cultural que envolva um projeto nacional e modernizador.

Essa sociedade está, como sugere Nicolau Sevcenko, inserida numa “*cultura desportiva*” que(...) *o valor máximo é necessariamente a idéia de saúde, cuja condição básica é a limpeza e cuja prova patente é a beleza. Não surpreende por isso que os termos por meio dos quais eram expressos os conflitos sociais passem a ser mediados pelos conceitos de profilaxia, da higiene e da eugenia*²²⁰.

A prática de esportes é ainda acrescida de uma positividade em que a influência dos textos de Olavo Bilac e Coelho Netto produz uma certa positivação desses discursos em Itajai, desencadeando práticas discursivas as quais leva a perceber os usos e as apropriações de seus escritos que aqui circulavam.

Assinado por “*José João*”, o jornal “*O Comércio*” traz um artigo onde seu autor refere-se ao esporte:

“Desde o tempo em que Bilac, o nosso grande e inesquecido poeta, falando aos paulistas, concitou toda a mocidade brasileira a ocorrer à caserna, despertando-lhe deste modo o ardor cívico e o patriotismo então quase adormecidos, que os esportes no Brasil tomaram mais incremento, multiplicaram-se, a bem dizer, foram mais amados e melhor compreendidos como base principal do desenvolvimento físico de quem os cultiva. As associações desportivas espalharam-se por todo o país.

*O foot-ball, as regatas, o ténis, o water – pólo a cada passo ganham novos impulsos. Despertou-se em breve o gosto por tais exercícios. Em Itajahy também o bafejo esportivo logrou chegar rapidamente*²²¹.

Merece atenção a fala citada na medida em que o esporte vai constituir a idéia de formar uma “*civilização esportiva*” e que as práticas esportivas dão:

“(...) a idéia de que é na ação e, portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano. As filosofias da ação, os homens de ação, as doutrinas militantes, os atos

²²⁰ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. P. 571.

²²¹ Jornal *O Comércio*. Itajai: 13/05/21, P. 01.

*de arrebatamento e bravura se tornam os índices nos quais as pessoas passam a se inspirar e pelos quais passam a se guiar*²²².

Nesse “*engajamento*” podemos perceber o uso que se faz do esporte em Itajaí, suas representações e suas apropriações. A maneira como “*José João*” conduz seu artigo demonstra o cuidado em situar o esporte e o patriotismo de como foram “*compreendidos*” não só no Brasil como em Itajaí.

O autor referencia Olavo Bilac, sendo assim, os textos de Bilac e Coelho Netto, além de circularem nos jornais e no “*Anuário de Itajaí de 1924*”²²³, também eram apropriados e utilizados por articulistas e por aqueles que se envolviam na “*missão*” de elevar as virtudes da “*mocidade*” Itajaíense.

A cidade parece tomada por um frenético desejo de sintonizar-se com um projeto de constituição não só de uma “*pátria forte*”, mas também de formar corpos saudáveis que se articulem à idéia eugenista e higienista, vista como caminho para o embelezamento dos corpos e da cidade. Nos jornais, essas referências estão na ordem do dia “*O Comércio*”, ao abordar os esportes na cidade, assim se expressa:

“Em Itajaí, os esportes começam a tomar incremento, dir-se-á que o gosto pela prática dos exercícios físicos vai arrebatando a nossa mocidade. O entusiasmo nas porfias do remo, da esfera dos jogos atléticos de crescendo em crescendo.

Isso anima e conforta, pois os esportes tonificam os nervos, fortalecem os fracos e revigoram os fortes. Abriu caminho para essa cruzada benemérita o Clube Náutico ‘Marcilio Dias’, aparecido anos atrás. (...) Acaso não temos nós, aqui neste formoso pedaço da Pátria, a obrigação que aos outros assiste de coibir, pela adoção e prática dos esportes, o definhamento prematuro de nossa raça? Claro que o mesmo dever se nos impõe. Praticar os esportes, amar os exercícios físicos, já não é só encantamento, é dever de cada brasileiro, de cada patriota. Aos campos, gente! Aos campos pela grandeza do Brasil, aos campos pela formosura e rjeza de nossa raça; aos campos pela saúde

²²² SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. e SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 03. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, P. 569.

²²³ O *Anuário de Itajahy para 1924* foi idealizado por Juventino Linhares e Jayme Vieira. Ambos vão ter uma participação bastante instigante em ações e práticas ligadas ao discurso eugenista, como por exemplo Jayme Vieira, um dos fundadores de um grupo de escoteiros de Itajaí em 1928.

do corpo, aos campos pelos esportes, aos campos pela compreensão absoluta do aforismo 'Mens sana in corpore sano! '...''²²⁴

Os esportes, para “Flávio” (autor do artigo), possuíam a possibilidade de evitar com que o atavismo “*definhasse*” a raça. O autor está sintonizado às teorias médicas dos anos 20 quando, através das publicações, preocupavam-se com o exercício físico para o melhoramento racial. Lilia Schwarcz nos aponta esse caminho: “*Em 1923, um artigo (Gazeta Médica da Bahia) defendia a introdução da educação física como forma de obter a perfeição humana: 'Mens sana in corpore sano'...*”²²⁵.

É difícil precisar se “Flávio” era leitor ou não da “*Gazeta Médica da Bahia*”, ou da “*Brazil Médico*”; o que vale ressaltar é que as discussões fluem, pois Itajaí, apesar de ser uma cidade pequena, está de certo modo atenta a esses discursos. Isso leva-nos a perceber que essas informações circulavam fora do eixo dos grandes centros em simultaneidade, o que demonstra não ser esse projeto apenas um investimento local (no sentido de atingir um ponto ou um lugar em específico), mas uma tentativa de “*regenerar uma nação*”.

Assim, a preocupação com a atividade física e com a saúde ultrapassam a noção do saber médico dirigido para “*disciplinar a força de trabalho*”²²⁶, constituindo o discurso médico outros hábitos, condutas e práticas culturais que permitam alcançar a perfectibilidade.

Sintonizado a este ideário, o jornal “*O Pharol*” também percebia a rapidez com que o esporte alastrou-se pelo país:

*“Finalmente vão os brasileiros compreendendo o importante papel que desempenha o esporte no desenvolvimento de uma raça. (...) Já se encontram rapazes de compleição desenvolvida, robusta. (...) A nossa mocidade não ficou na retaguarda no cultivo do esporte o verdadeiro e principal fator na formação de uma raça forte. Todos se exercitam – crianças, velhos, etc.”*²²⁷

²²⁴ Jornal *O Comércio*. Itajaí: 18/09/21, P. 01.

²²⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit. P. 215.

²²⁶ Ver: CAPELATO, Maria Helena. Op. Cit.

²²⁷ Jornal *O Pharol*. Itajaí: 26/11/21, P. 02.

O esporte vai constituindo um espaço de distinção social²²⁸ ao mesmo tempo em que se engajam possibilidades de incorporá-lo ao projeto regenerador e de fazer das atividades físicas um elemento profilático. O próprio convite situa em suas páginas alguns dizeres que apontam para essa preocupação.

Ainda no número especial do jornal “*O Comércio*”, encontra-se as atividades da “*Festa da Primavera*”, os jogos, os telegramas recebidos, a caixa de cerveja ganha do representante da cervejaria Antártica, etc. Frederico Runte procurou ressaltar a importância de inaugurar a praça esportiva:

“Entre as preocupações intelectuais convém, de quando em quando, tratar das aptidões do nosso corpo e especialmente dos exercícios que argumentam sua força, sua agilidade, sua destreza e beleza das formas, tornando-o assim apto a fazer em face de todas as exigências da vida. (...) Para chegar à perfeição humana, basta cultivar-se o esporte, em todas as suas modalidades. Todas as variantes só servem para desenvolver a elasticidade do nosso corpo e a rapidez do raciocínio, justificando o velho axioma latino ‘Num corpo são, alma sã’.

Eis porque o nosso caro Itajahy está de parabéns, pois possuindo vários clubes esportivos, recentemente viu, graças à tenacidade de várias pessoas, inaugurada a Praça de Desportos do veterano ‘Marcilio Dias.’

A mocidade itajahyense acorrendo nas suas horas de folga aos exercícios esportivos, e cultivando o remo, terá o mais brilhante futuro: o de constituir um núcleo de resistentes brasileiros, glória do seu Estado natal e do nosso grande Brasil”²²⁹.

Observo que Frederico Runte apresenta com entusiasmo a possibilidade de perfectibilidade, onde o desejo de formar um “*núcleo de resistentes brasileiros*” denota a vontade não somente de corpo perfeito, mas também de eugenia e higiene, conectado que

²²⁸ Eric Hobsbawm discute a emergência do esporte no final do século XIX, ligadas a uma cultura de massa, tendo um caráter de classe, ou seja, por meio de modalidades esportivas como futebol, ciclismo, corridas etc., identificavam-se com uma determinada classe social. Ver: HOBSBAWM, Eric. *A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914*. In: HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. (Orgs.) *A invenção das tradições*. 2ª edição. Tradução Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

²²⁹ Jornal *O Comercio*. Itajaí: 16/10/21, P.05.

estava ao ideário que circulava na época. Runte está se referindo a todos os leitores, mas é porta-voz autorizado, sua fala é legitimada²³⁰.

Frederico Runte não é o único a acreditar nesses preceitos, pois o grupo social a que está inserido se estabelece como aqueles que forneceram os marcos fundantes da cidade, tais quais guardiões da mesma. As práticas esportivas constituem uma faceta de um discurso estabelecido, de uma relação de poder que se configura numa pequena comunidade, como a Itajaí da década de 20, onde os “*estabelecidos e os outsiders*”²³¹ relacionam-se no tecido social de maneira desigual, na qual os estabelecidos inscrevem seus desejos sobre os outros grupos, desqualificando-os e instituindo normas.

Itajaí está investida basicamente de dois espaços onde esses discursos vão se inscrever: da leitura de formação, objetivando forjar sujeitos que se apropriem dos signos da ilustração com indivíduos detentores de uma formação da moral e do caráter próximas de um ideal e, no segundo espaço, no cultivo do físico através do esporte como necessidade de regenerar os corpos e torná-los prontos para um ideal racial. A década de 20 em Itajaí foi permeada desses desejos e sonhos de uma “*elite política*” preocupada em se estabelecer como vanguarda política e intelectual; seus sonhos ficaram inscritos nas ruas, praças, alguns casarões da cidade e nos corpos, quase que fundindo carne e pedra.

²³⁰ BOURDIEU, OP. Cit.

²³¹ ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. Op. Cit.

Considerações Finais

Tentar refletir sobre Itajaí no final do século XIX e na década de 20 do século XX compreende um exercício que não se extingue nesse texto. Acredito que valha para iniciar uma discussão acerca das elites políticas, mas principalmente o seu papel na emergência de uma discursividade moderna.

Observa-se uma tentativa de constituir na cidade um discurso de sintonia política e intelectual entre Itajaí com uma política nacional, quer com Lauro Müller²³² e a atuação do Dr. Pedro Ferreira e Silva, que constituíram um elo de ligação entre Itajaí e os grandes centros, diga-se o Rio de Janeiro no início do século XX.

As primeiras décadas do século XX (principalmente a década de 20) vão ser bastante interessantes para Itajaí, pois é aqui que as elites políticas estão se sedimentando no âmbito político, sendo, por isso, a tentativa desse texto em entender como os discursos de modernidade estão se inscrevendo na cidade. Um investimento se constitui em três espaços: nos indivíduos, no esporte e na própria cidade, num esforço de forjar corpos possíveis de perfectibilidade.

Os investimentos sobre a moral e a virtude dos indivíduos estão conectados a uma política onde os intelectuais estão forjando uma concepção de nação, mas também de cultura, articulado ao esporte, a leitura - como pode ser observado pelas revistas e textos de intelectuais que circulavam em Itajaí. Isso constitui uma familiaridade das elites da cidade com as discussões que circulavam nos grandes centros (Rio de Janeiro e São Paulo) nos anos 20.

A preocupação desse texto foi entender como esses discursos de modernidade forjaram em Itajaí uma escrita onde a noção de civilização, raça e nação procurou inventar uma cultura onde os signos modernos produziram uma possibilidade de perfectibilidade dos corpos e a ligação dessas elites com o projeto moderno nos anos 20.

Procurei elucidar os artefatos que fui encontrando enquanto pesquisava (com todo o cuidado) documentos que me ajudassem a pensar como se investiu a formação dos

sujeitos tendo no corpo um espaço de “*incorporação*” de discursividades. Fui percebendo que, no final do século XIX e início do XX, uma cidade entrara em sintonia com o processo de higienização e normatização do espaço urbano, proveniente de ações de intelectuais articulados com o que se discutia nos centros de produção intelectual desse período.

No decorrer das primeiras décadas do século XX, em especial a década de 20, esses investimentos colocam-se em três espaços: na cidade, na leitura como elemento de formação moral dos sujeitos, onde a circulação de livros e revistas constitui um cuidado com a posse de uma cultura letrada e mesmo a sintonia com a produção intelectual do período, estendendo-se ao comedimento, a moderação e o cuidado com a sexualidade na formação de um “*sujeito moral*”. As atividades físicas e esportivas constituíram um terceiro espaço de investimento sobre o corpo, preocupando-se com a moral, mas, principalmente, com a regeneração da saúde física. Constitui-se em reelaborar toda uma linguagem acerca do movimento dos corpos e todo um cuidado em forjar corpos saudáveis e fortes através dos clubes esportivos, que desencadearam práticas culturais na cidade objetivando regenerar os corpos e completar a formação dos sujeitos, onde “*corpo são em mente são*” são requisitos de um corpo saudável.

Esses três espaços de investimento constituem-se em artefatos no sentido que os capítulos mantêm uma particularidade, mas quando reunidos possibilitam fazer a leitura de um contexto de uma cidade onde algumas famílias tentaram imprimir em carne e pedra suas marcas, seus desejos e anseios na cidade. Uma escritura que ainda pode ser vista nas expressões das faces que cruzam as ruas, nos olhares na alegria efêmera de uma vitória política ou numa partida de futebol, nas praças, ruas, monumentos, sua ressonância ainda ecoa pela cidade.

²³² Lauro Müller se constitui numa figura emblemática, pois, foi responsável pela reforma do porto do Rio de Janeiro no período de Pereira Passos, Ministro da Viação e Membro da academia Brasileira de Letras até 1926.

Fontes e Bibliografias

1. Periódicos

O Commercio, Itajaí, 1918, 1919, 1920, 1921.
Futurista, Itajaí, 1926.
Itajahy, Itajaí, 1922, 1923, 1924, 1927, 1928.
Novidades, Itajaí, 1904.
O Pharol, Itajaí, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1929.
A Tarde, Itajaí, 1919.
A União, Itajaí, 1919, 1920.

2. Diversos

Carta enviada por Evaldo Currlin, filho de Immanuel Currlin, ao Arquivo Histórico de Itajaí. Fundo de biografias do Arquivo Histórico de Itajaí.
Convite do Centro Aformoseador de Itajahy, 20/02/03. Fundo Arquivo Histórico de Itajaí.
Convite do Clube Náutico Marcílio Dias, Itajaí, 21 de setembro de 1921. Fundo Arquivo Histórico de Itajaí.
Diploma da Faculdade de Medicina da Bahia de Pedro Ferreira e Silva, 1885. Fundo Arquivo Histórico de Itajaí.
Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, correspondências expedidas, caixa 01, 1882.
Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, correspondências expedidas, 1883.
Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, correspondências expedidas. Caixa 01/1882 e caixa 02/1884.
Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, correspondências expedidas. Caixa 02/1887.
Fundo da Câmara Municipal de Itajaí, secretaria, correspondências expedidas, caixa 02, livro 09/1894.

3. Fontes Bibliográficas

- BARBOSA, Rui. *Antologia*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1954.
- BARRETO, Fausto e DE LAET, Carlos. *Anthologia Nacional ou Collecção de Exerptos dos Principaes escriptores da lingua Portugueza*. 11ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.
- CAMPANHOLE, Adriano e CAMPANHOLE, Hilton Lobo. *Constituições do Brasil*. São Paulo: Ed. Atlas, 1989.
- GENCÉ, Condessa de. *Tratado de Civilidade e de Etiqueta*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães, s/d.
- HEUSI, Nemésio. *A Fundação de Itajaí: Sua história, seu romance*. Blumenau: Fundação casa Dr. Blumenau, 1983.
- LINHARES, Juventino e VIEIRA, Jayme. *Anuario de Itajahy para 1924*. Itajaí: Ed. O Pharol e Commercio, 1924.
- LINHARES, Juventino. *O Que a memória Guardou*. Itajaí: Ed. da Univali, 1997.
- MASERAS, Dr. *Hygiene no Matrimonio*. São Paulo: Editorial Paulista, s/d.
- MEYER, Rachel Liberato. *Uma Menina de Itajaí*. S/origem, s/editora, 1961.
- OLIVEIRA, Alberto de e JOBIM, Jorge. *Poetas Brasileiros*. Paris/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1921.
- PEIXOTO, Afrânio. *Pepitas: Novos ensaios de crítica e de história*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1944.
- Cartas: Informações, fragmentos e sermões do padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.
- Primeiro Livro de Leitura (Série Fontes)*. (1ª edição 1920) Florianópolis: Tipografia Livraria Central, 1940.
- JÚNIOR, Silveira. *Itajaí*. São Paulo: Escalibur, 1972.
- KONDER, Marcos. *Lauro Müller/A Pequena Pátria*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 7ª edição. Brasília: Editora da UNB, 1988.
- Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Vol. VI, 1917.

- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina de 1918.
- Segundo Livro de Leitura (Série Fontes)*. (1ª edição 1920) Florianópolis: Tipografia Livraria Central, 1945.
- SCHAFT, William e D'ELLA, Ricardo. *Gravidez e Parto*. 2ª edição. S/cidade de origem, s/editora, 1925.
- SCHILGEN, Hardy. *Tu e Ella*. São Paulo: Melhoramentos, s/d
- WAGNER, C. *Para Pequenos e Grandes: primeira serie de palestras moraes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1926.

4. Bibliografia

- ABREU, Macia (Org.) *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: Fapesp, 1999.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- BARRETO, Cristiane Manique. *Entre Laços e Nós: Formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)*. (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- BELLAMY, Richard. *Liberalismo e Sociedade Moderna*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Vol. 01. 10ª reimpressão. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin: Coleção grandes cientistas sociais*. 2ª edição. Tradução: Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1991.
- BENTHAM, Jeremy. Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação. In: *Os Pensadores*. 3ª edição. Tradução: João Marcos Coelho e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BOURDIER, Pierre. *Economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Tradução: Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Paulo Montero e José Carlos Durand. São Paulo: Edusp, 1996.

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2ª edição. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRAUN NETO, Francisco. Sonhos e Prazeres da Modernidade: O corpo saudável em Itajaí na década de 20. In: *Anuário de Itajaí 1998*. Itajaí: Fundação Genésio de Miranda Lins, 1998.
- CAPELATO, Maria Helena. *Os Arautos do Liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da Leitura*. 1ª reimpressão. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- CHARTIER, Roger e CAVALLO, Guglielmo. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, Vol. 5, Nº 11, janeiro/abril 1991.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução de Maria Lourenço Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. 2ª edição. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução: Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DARTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. 2ª edição. Tradução: Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- D'AVILA, Edison. *Pequena História de Itajaí*. Itajaí: Fundação Genésio de Miranda Lins, 1982.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. *1930: o silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma história dos costumes*. Vol. 01. 2ª edição. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- ELIAS Norbert. *Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FÁVERI, Marlene. *Moços e Moças para um bom partido: (a construção das elites – Itajai 1929-1960)*. Itajai: Ed. da Univali, 1998.
- FÁVERI, Marlene de. Encantamento e Espanto: O que (não) sonharam os homens. In: *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Insular, n° 04, 1996, PP. 61 a 73.
- FERREIRA: Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Bibliotecas de Médicos e Advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. In: ABREU, Macia (Org.) *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: Fapesp, 1999.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. A Política da Beleza: Nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasileira. In: *Diálogos Latinoamericanos*. Universidad del Aarhus, Centro de Estudos Latinoamericanos, Aarhus, Dinamarca, 2000, PP. 88 a 109.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. Fronteiras Celibatárias: nação, corpo e etnia. In: *História: Fronteiras*. Florianópolis/São Paulo: Humanitas, Vol. II, 1999.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. A Medicalização do Sexo ou o Amor Perfeito. In: SILVA, Alcione Leite da LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Orgs.) *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade* Vol. 01. 11ª edição. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 3ª edição. Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Portugal: Vega, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. 13ª edição. Tradução: Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 12ª edição. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 4ª edição. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

- FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 12ª edição. Brasília: UNB, 1963.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GUATTARI, Félix. *Micropolítica: As cartografias do desejo*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos Emblemas e Sinais: morfologia e história*. 2ª reimpressão. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MIRANDA, Wander Melo. *Narrativas da Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: O modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Ed. da Furb, 1987.
- HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. (Org.) *A Invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 2ª edição. Tradução de Maria Celi Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. 5ª edição. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. (Orgs.) *A invenção das tradições*. 2ª edição. Tradução Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. *Os Alemães no Sul do Brasil: cultura - etnicidade - história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4ª edição. Traduções: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

- LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para (N) ação*. São Paulo: Unesp, 1999.
- MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 03, São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- MILL, John Stuart. *Sobre a Liberdade*. 2ª edição. Tradução: Alberto da Rocha Barros. Petrópolis: Vozes, 1991.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a Política no Brasil: Entre o povo e a nação*. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: Visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira*. (1ª edição 1928) 9ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- PRADO JR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- RAGO, Margareth. Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira. In: *Artigos e Ensaios*. Campinas: Unicamp, nº 07, dez/97.
- REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Ed. Fittipaldi, s/d.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo, História e Cidadania. In: *História e Cidadania: XIX Simpósio Nacional de História-ANPUH*. São Paulo: Humanitas, 1997.
- SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. *Protocolo do Bom Cidadão – Série Fontes: Lições de moral e civismo na organização da educação em Santa Catarina (1920-1950)*. (Dissertação de mestrado) Florianópolis: Ufsc, 1997.

- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: As tiranias da intimidade*. 2ª reimpressão. Tradução: Lygia Araujo Watwnabe. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a Identidade Açoriana: a maquiagem possível*. Itajaí: Ed. da Univali, 1999.
- SEVERINO, José Roberto. Um ensaio sobre o porto de Itajaí. In: FERREIRA, Cristina e FROSTSCHER, Méri. (Orgs.) *Visões do vale: Perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático e a Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. e SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil vol. 03*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- SILVA, José Bento Rosa da. A Sociedade Beneficente dos estivadores de Itajahy: organização e resistência nos anos 20. In: *Blumenau em Cadernos*. Blumenau: (Fundação Cultural de Blumenau), Tomo: XL, Nº 08, agosto de 1999, PP. 14 a 21.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 03, São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros: A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Vol. 01. Tradução: Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- TOCQUEVILLE, Aléxis. *O Antigo Regime e a Revolução*. 4ª edição. Tradução: Yvonne Jean. Brasília: Ed. da UNB, 1997.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História Geral do Brasil*. Tomo I-II. 7ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1991.